

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ**  
**CAMPUS DE CURITIBA II/FACULDADE DE ARTES DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – MESTRADO ACADÊMICO EM CINEMA E**  
**ARTES DO VÍDEO (PPG-CINEAV)**

**TAMARA FERNANDA CARNEIRO EVANGELISTA**

**CINE PASSEIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O CINEMA DE RUA**  
**CONTEMPORÂNEO EM CURITIBA.**

**Curitiba**  
**2022**

**TAMARA FERNANDA CARNEIRO EVANGELISTA**

**CINE PASSEIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O CINEMA DE RUA  
CONTEMPORÂNEO EM CURITIBA.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) – linha de pesquisa: Teorias e Discursos no Cinema e nas Artes do Vídeo da Universidade Estadual do Paraná – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Tassi Teixeira

**Curitiba  
2022**

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Mary Tomoko Inoue-CRB-91020

Evangelista, Tamara Fernanda Carneiro

Cine Passeio: um estudo de caso sobre o cinema de rua Contemporâneo em Curitiba. / Tamara Fernanda Carneiro Evangelista. Curitiba, 2022.

186f.

Dissertação (Mestrado– Universidade Estadual do Paraná – Mestrado em Cinema e Artes de Vídeo. -PPG-CINEAV UNESPAR.

Orientador: Profº Drº Rafael Tassi Teixeira.

1. Cine Passeio. 2. Cinema de rua. 3. Cinema Going. 4. Memória. 5. Nova História do Cinema I. T. Universidade Estadual d Paraná.

CDD : 791.43

# TERMO DE APROVAÇÃO

**TAMARA FERNANDA CARNEIRO EVANGELISTA**

**CINE PASSEIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O CINEMA DE RUA  
CONTEMPORÂNEO EM CURITIBA.**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do título de Mestre em Cinema e Artes do Vídeo na Universidade Estadual do Paraná.

Curitiba, 05/09/2022.

---

Programa de Pós-Graduação em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV)  
Linha de pesquisa: Processos de Criação no Cinema e nas Artes do Vídeo  
Universidade Estadual do Paraná



---

**Prof. Dr. Rafael Tassi Teixeira**  
(Presidente da Banca – PPG-CINEAV/UNESPAR)



---

**Prof. Dr. Pedro Plaza Pinto**  
(Membro Titular Interno – PPG-CINEAV/UNESPAR)



---

**Prof. Dr. Talitha Gomes Ferraz**  
(Membro Titular Externo - PPGCine/UFF)

Para Talita e Tacila, as melhores companhias para todas as sessões de cinema.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me guiado nessa jornada e em todos os dias da minha vida. Agradeço à Talita e Tacila por todo o companheirismo de uma vida, eu amo vocês mais que tudo. Agradeço aos meus pais, Edwiges e Adilson por todas as sessões em família da Disney. Em especial à mamãe, por passar para mim a paixão pelos musicais; e papai por me apresentar uma cinematografia fora do *mainstream* estadunidense. A vovó Severina, por me apresentar aos clássicos e me fazer ver ‘Sissi’, mesmo quando eu queria maratona ‘Star Wars’. À vovó Bebel, que já não está mais aqui, mas sempre se regozijou de minhas realizações acadêmicas e seria a mais feliz de todos. Vocês estão sempre comigo e fazem parte de todas as conquistas da minha vida. Agradeço à minha melhor amiga Babi, por estar comigo em todos os momentos, bons e ruins, durante o processo de construção dessa pesquisa. Tenho certeza que não importa a distância, você estará sempre comigo. À minha BFF, Ana Luisa, que comemorou comigo, mas também me ouviu desabafar sobre todas as minhas angústias e inseguranças. Aline, obrigada por conversar comigo e me ajudar a esclarecer as ideias. À Equipe MAE-UFPR, que me incentivou e ajudou a seguir nessa dupla jornada de Museóloga e estudante, e soube ser paciente comigo em meus momentos anuviados. Em especial aos amigos da RT: Ana, Bruna, Douglas, Gabi, Sady, Regiane e Renata. Ao meu orientador, Rafael Tassi, por todo apoio e contribuições à minha pesquisa. Aos membros da bancada: Prof<sup>o</sup> Pedro Plaza e a Prof<sup>a</sup> Talitha Ferraz, por todas as correções que acresceram à minha pesquisa. Aos Professores e Professoras do PPG-CINEAV, por todos os momentos e trocas de conhecimento. Aos colegas das turmas de 2019 e 2020, em especial Anne, Lídia e Thaise, especialistas em suporte afetivo. E Luiza e Silvane, muito obrigada por tudo! Pena que nossos encontros não puderam ser presenciais. Aos meus professores e amigos da Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch, onde comecei a minha jornada de estudar cinema. Agradeço aos entrevistados Ana Paula Villa Cavalotti, Eduardo Baggio, Fernando Severo, Luciana Cristo, Silvane Mataca e Solange Stecz. À equipe da Cine Passeio, FCC e ICAC, em especial Beto Lanza, Juliana e Marden Machado, que me concederam entrevistas.

**Whenever I hear the word cinema, I can't help thinking hall, rather than film. Roland Barthes.**

## RESUMO

A presente pesquisa se constitui em uma investigação do cinema de rua curitibano contemporâneo, através de um estudo de caso sobre o Cine Passeio, cinema administrado pela Fundação Cultural de Curitiba – FCC. Tem o objetivo de compreender a relação do imaginário do espectador com esse novo cinema de rua e suas possíveis relações de memória com os antigos, que ocupavam a Cinelândia Curitibana – mais especificamente o Luz e o Ritz, antigos cinemas da FCC, cujos nomes são homenageados nas duas salas de exibição do Cine Passeio – e, a partir desta pesquisa, responder a alguns questionamentos, como, por exemplo, entender quais fatores permitiram a criação desse cinema e qual é a proposta do administrador para o Cine Passeio (compreendendo o cinema como um espaço para a formação de público). O recorte teórico para o desenvolvimento da pesquisa é a *New Cinema History*, voltado para a leitura e análise da obra de autores que trabalham os conceitos de *cinema going*, memória e nostalgia. A presente pesquisa também se caracteriza como um estudo etnográfico, uma vez que pretende compreender como o hábito de frequentar esse novo cinema evoca as memórias do espectador cinematográfico dos antigos cinemas de rua e, para tal, foram realizadas entrevistas com frequentadores do Cine Passeio.

**Palavras-chave:** Cine Passeio; Cinema de Rua; Cinema Going; Memória; Nova História do Cinema.



## ABSTRACT

The present research constitutes a study on contemporary sidewalk cinema in Curitiba, through a case study on Cine Passeio, a cinema managed by the Cultural Foundation of Curitiba – FCC. It aims to understand the relation of the spectator's imaginary with this new sidewalk cinema and its possible memory relationship with the old ones, which occupied Cinelândia Curitibana – more specifically the Luz and Ritz cinemas, former FCC cinemas, whose names are honored in the two exhibition rooms of Cine Passeio. And, based on this research, being able to answer some questions, such as: what factors allowed the creation of this cinema and what is the administrator's proposal for Cine Passeio, understanding cinema as a space for the formation of audiences? The theoretical focus for the development of the research is the New Cinema History, as such, to the reading and analysis of the work of authors who work on the concept of cinema going, memory and nostalgia. The present research is also characterized as an ethnographic study, since it intends to understand how the habit of attending this new cinema evokes the memories of the cinematic spectation of the old sidewalk cinemas. To this end, interviews were conducted with regulars at Cine Passeio.

**Keywords:** Cine Passeio; Sidewalk Cinema; Cinema Going; Memory; New Cinema History.

## LISTA DE IMAGENS

- FIGURA 01 – Paschoal Segreto, 1986.
- FIGURA 02 – Teatro Hauer, 1904.
- FIGURA 03 – Teatro Guaíra, 1906.
- FIGURA 04 – Cartão Postal Coliseu Curitibano
- FIGURA 05 – Cine Smart, 1912.
- FIGURA 06 – Mignon Theatro, 1913
- FIGURA 07 – Cine Parisiense
- FIGURA 08 – Cine Central, 1919.
- FIGURA 09 – Cine Glória, Rua XV de Novembro
- FIGURA 10 – Edifício Palácio Avenida em construção, 1928.
- FIGURA 11 – Cine Avenida interior, 1929.
- FIGURA 12 – Cine Avenida, déc de 1940.
- FIGURA 13 – Cine Avenida, déc de 1960.
- FIGURA 14 – Cine Broadway, déc. 1930.
- FIGURA 15 – Cine Odeon ao lado do Edifício Heloísa, com placa do Cine Ópera
- FIGURA 16 – Cine Luz, déc. De 1940.
- FIGURA 17 – Cine Luz, anos 50, em cartaz filme “O Ébrio”.
- FIGURA 18 – Cine Luz, enchente do Rio Ivo.
- FIGURA 19 – Cine Ópera, dec. 1950.
- FIGURA 20 – Cine Ópera, cartaz do filme “Pecado sem mácula”.
- FIGURA 21 – Cine América.
- FIGURA 22 – Cine Curitiba em primeiro plano, seguido por Cine América.
- FIGURA 23 – Antigo Cine Marabá, 2021 .
- FIGURA 24 – Cine Ritz.
- FIGURA 25 – Cine Palácio, déc. de 1950.
- FIGURA 26 – Cine Arlequim.
- FIGURA 27 – Cine Lido, cartaz “Cangaceiro Trapalhão” de 1980.
- FIGURA 28 – Antigo Cine Rivoli, 2021.

FIGURA 29 – Cine Vitória, déc. 1960.

FIGURA 30 – Prêmio Tribunascope, em primeiro plano Janet Leigh, 13 de abril de 1964.

FIGURA 31 – Prêmio Tribunascope no Cine Vitória, 13 de abril de 1963. Da esquerda para a direita: Irma Alvarez, Vanja Orico, Jece Valadão, Anthony Perkins, Janet Leigh e Karl Malden.

FIGURA 32 – Calçada da Fama Cine Vitória, 2020.

FIGURA 33 – Calçada da Fama Cine Vitória, 2020.

FIGURA 34 – Calçada da Fama Cine Vitória, 2020. Assinatura Anthony Perkins .

FIGURA 35 – Calçada da Fama Cine Vitória, 2020. Assinatura Karl Malden .

FIGURA 36 – Antigo Cine Glória, 2021.

FIGURA 37 – Antigo Cine São João, 2021.

FIGURA 38 - Cine Plaza, anos 2000.

FIGURA 39 – Antigo Cine Scala, 2021.

FIGURA 40 – Antigo Cine Condor, 2021.

FIGURA 41 – Antigo Cine Excelsior e Cinema 1.

FIGURA 42 – Cine Bristol.

FIGURA 43 – Cine Astor.

FIGURA 44 – Cine Ritz FCC, déc. de 1980.

FIGURA 45 – Cine Luz FCC, déc. de 2000.

FIGURA 46 – Antigo quartel em reforma, 2018.

FIGURA 47 – Cine Passeio, 2019.

FIGURA 48 – Inauguração Cine Passeio, 2019.

FIGURA 49 – Sala Cine Luz, 2019.

FIGURA 50 – Sala Cine Ritz, 2019.

FIGURA 51 – Sala VOD, 2019.

FIGURA 52 – Espaço Valêncio Xavier, 2019.

FIGURA 51 – Gráfico 1

FIGURA 52 – Gráfico 2

FIGURA 53 – Gráfico 3

FIGURA 54. Espaço Valêncio Xavier, 2019.

FIGURA 55. Terraço Cine Passeio, 2019.

FIGURA 56: Propaganda do Cine Passeio no Facebook.

FIGURA 57 - Backlight propaganda do Cine Passeio.

FIGURA 58 - Busdoor do Cine Passeio.

FIGURA 59 - Letreiro Cine Luz.

FIGURA 60 - Letreiro Cine Ritz.

FIGURA 61 - Sala Luz, exibindo o vídeo com as instruções de segurança do Cine Passeio, em 2019.

FIGURA 62 - Comparação dos Cines Luz e Ritz da FCC com as Salas Luz e Ritz do Cine Passeio

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>PÁGINA</b>
Quadro 1	Quadro 1 - Mostra/Festival/Sessões Especiais	97
Quadro 2	Quadro 2 - Workshop/Palestras/Master Class	100
Quadro 3	Quadro 3 - Evento/ Atividade Cultural	104

## **LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS**

British Film Institute - BFI

Cinema International Corporation - CIC

Fundação Cultural de Curitiba - FCC

Instituto Curitiba de Arte e Cultura - ICAC

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano - IPPUC

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

Organização Comercial Paraná Santa Catarina - ORCOPA

Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP

Unidade de Interesse Especial de Preservação - UIEP

Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR

Video on Demand - VOD

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo I - As antigas Salas de Cinema de Rua da Cinelândia Curitibana .....</b>	<b>20</b>
1.1 O cinema chega à província: as primeiras formas de exibição cinematográficas em Curitiba .....	20
1.1.1 Teatros, Parques, Salões: o cinematógrafo e as exibições itinerantes .....	20
1.1.2 O cinema veio para ficar: as primeiras salas de Cinema do centro de Curitiba ....	26
1.2 Palácios e pulgueiros: a construção da Cinelândia Curitibana .....	31
1.3 Os cinemas da Fundação Cultural de Curitiba: a retomada dos cinemas de rua .....	66
1.3.1 A Criação da Fundação Cultural .....	66
1.3.2 Os Cines Groff, Luz e Ritz .....	67
1.4 O desaparecimento dos cinemas de rua .....	70
<b>Capítulo II - Cine Passeio, a volta do cinema às ruas .....</b>	<b>74</b>
2.1 A nova história do cinema .....	74
2.2 A concepção e histórico de construção do Cine Passeio .....	78
2.2.1 De quartel a cinema: a requalificação de espaços urbanos para políticas públicas culturais .....	78
2.2.2 O Cine Passeio .....	84
2.3 A programação no primeiro ano de funcionamento .....	92
2.3.1 Os filmes da programação regular .....	93
2.3.2 Mostras, Festivais e outras sessões .....	99
2.3.3 Formação de público .....	102
2.3.4 Eventos e atividades culturais .....	109
<b>Capítulo III - Memórias, sentidos e o cinema .....</b>	<b>111</b>
3.1 A espetação cinematográfica. ....	111
3.1.1 As primeiras lembranças das idas ao cinema .....	111
3.1.2 Os Cinemas da FCC e as gerações de cinéfilos dos anos 1980 à 2000 .....	118
3.1.3 O Cine Passeio: espetação, memórias e cinefilia .....	128
3.2 A nostalgia na construção das memórias .....	133
3.2.1 Nostalgia Restaurativa e o Cine Passeio .....	134
3.2.2 A nostalgia reflexiva e o Cine Passeio .....	137
3.3 O discurso da memória como a legitimação do espaço cinema .....	139

3.3.1 Cine Passeio, o retromarketing na divulgação de um novo e velho cinema de rua .....	139
3.3.2 A arquitetura, o design e a experiência estética .....	142
3.3.3 O cinema como monumento: a legitimação do discurso de memória .....	144
<b>Considerações finais .....</b>	<b>147</b>



## INTRODUÇÃO

O cinema é uma invenção da modernidade. Essa nova forma de lazer e manifestação artística e cultural foi responsável por transformações socioculturais no meio urbano. Desde a sua criação até os dias atuais, a forma de se fazer e reproduzir do cinema está mudando constantemente. Isso implica que o espaço físico onde a experiência cinema é projetada e toda a estrutura montada ao seu redor também sofreram grandes modificações, o que conseqüentemente transformou os padrões socioculturais que envolvem o hábito de frequentá-lo. Nos grandes centros urbanos, as salas de cinemas saíram das vias públicas e foram para os shopping centers e galerias, restringindo cada vez mais o seu público. Nas cidades pequenas, a maior parte dos cinemas de rua fechou. Com o passar dos anos, os cinemas de rua, que eram tão populares e faziam parte da vida cotidiana de seus frequentadores, passaram a se tornar lembranças, salvo raras exceções. Por quase dez anos, a cidade de Curitiba não possuiu nenhum cinema de rua, até a abertura do Cine Passeio.

O tema selecionado foi escolhido por razões afetivas: desde muito nova, meus pais me levavam ao cinema e me estimulavam a frequentá-lo, o que despertou em mim uma paixão pela imagem em movimento. E, mais do que a paixão pelos filmes, cresceu em mim, também, a paixão pelo espaço cinema – mais especificamente, pelos cinemas de rua. O primeiro cinema de rua que eu frequentei quando criança foi o Odeon – único palácio cinematográfico em funcionamento na Cinelândia Carioca, na cidade do Rio de Janeiro –, nos anos 2000, numa edição do festival Anima Mundi: encantei-me com a beleza e a magnitude daquele cenário. Aqueles imponentes Palácios Cinematográficos faziam parte do meu imaginário, que foi construído a partir de histórias contadas por meus avós e pais, durante a minha infância.

A partir desse fascínio, o cinema de rua se tornou objeto de pesquisa em minha formação acadêmica. Na graduação, em museologia, minha monografia foi uma pesquisa sobre a musealização do Cine Odeon, no município do Rio de Janeiro, estudando questões relacionadas à preservação do patrimônio e memória daquela Palácio Cinematográfico. Da mesma maneira, meu trabalho de conclusão da Pós-Graduação Lato Sensu, em Cinema, na Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR/Campus de Curitiba –, foi uma pesquisa sobre a Cinelândia Carioca, estudando a respeito de sua história e memória daqueles cinemas, assim como de sua trajetória e funcionamento. A partir dessas pesquisas surgiu o questionamento: qual seria o espaço do

cinema de rua na contemporaneidade? Os cinemas de rua, que eram tão populares no passado, são raros hoje em dia, mas ainda existem, mesmo que alguns não sejam mais como Palácios Cinematográficos ou nem funcionem exclusivamente como cinemas.

Entre o fim da minha graduação em museologia, em 2015, e começo da minha pesquisa para a especialização, em 2019, pude perceber o crescimento das pesquisas voltadas para a história do cinema, contemplando o espaço de exibição como parte dessa história. E no caso do Brasil, não só pesquisas, mas também a recuperação e reabertura de salas que estavam fechadas. Muitas delas como grupos da sociedade civil à frente desses processos, fazendo parcerias com instituições públicas e privadas para a viabilização desse processo.

Quando me mudei para Curitiba, em 2016, uma das coisas que mais sentia falta era poder frequentar um cinema de rua. Por anos o Cine Passeio era uma promessa, um *outdoor* pelo qual passava quando andava nas ruas do centro, no meu caminho para casa. Em 2019, quando finalmente o cinema inaugurou, me deparei pela primeira vez na vida com a possibilidade de fazer parte da história de um cinema de rua desde o começo de seu funcionamento. Como uma frequentadora do cinema, pude experienciar ele como um espaço novo, mas ao mesmo tempo pude observar que o cinema apresentava certos elementos em sua composição arquitetônica que remetiam aos antigos cinemas por ele homenageados. Na entrada das duas salas há o letreiro com o nome do antigo cinema, rememorando às identidades visuais originais do Cine Luz e Ritz. O hall do segundo andar possui uma pequena exposição de fotos dos antigos cinemas da Cinelândia Curitibana e um mapa com suas localizações. Comecei a me questionar se esses elementos conversavam com as memórias de seus frequentadores, ou se, como eu, eles experienciaram o Cine Passeio como algo completamente novo.

Por essa razão o interesse de estudar o Cine Passeio e a potencialidade de se explorar e analisar as possíveis relações que o espectador frequentador desse cinema tem, ou pode criar, a partir desse imaginário sobre os cinemas de rua – uma vez que o mesmo foi construído em um espaço que, originalmente, não era um cinema, mas ainda assim faz homenagem a dois antigos cinemas de rua de Curitiba: Luz e Ritz, que são os nomes das duas salas comerciais de exibição. Também homenageia Valêncio Xavier, jornalista, escritor e cineasta, idealizador da Cinemateca de Curitiba, que dá o nome ao “Estúdio Valêncio Xavier”, um dos espaços disponíveis para aulas, palestras e exibições cinematográficas.

A presente pesquisa pretende entender de que forma o público que frequenta o Cine Passeio se relaciona com esse cinema, pensado as questões que foram explicitadas no parágrafo acima. O objeto do estudo é o cinema e seu público, por essa razão, entendemos que a análise precisa ser feita em duas partes. Uma delas parte da análise do cinema e sua programação e proposta de funcionamento e, a outra, é o público e a espetação cinematográfica.

O trabalho foi estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo abordará o histórico dos cinemas de rua da Cinelândia Curitibana. Para tal foi utilizada como referencial teórico bibliografias que tratam da história dos cinemas de Curitiba, assim como algumas fontes documentais. A principal fonte bibliográfica utilizada foi o livro “24 quadros: uma viagem pela Cinelândia Curitibana”, das autoras Luciana Cristo e Nívia Miyawaka. Assim como as matérias escritas pelo jornalista Aramis Millarch. Aqui não se trata de uma pesquisa histórica, nosso objetivo é compreender de que forma as histórias dessas salas conversam com as memórias de espetação do público que frequenta o Cine Passeio. Por essa razão optamos por situar esses cinemas dentro de uma temporalidade histórica. Também consideramos caro à nossa pesquisa trazer imagens desses cinemas, para ter uma representação visual de como eram esses espaços no passado. Em alguns casos, não foi possível encontrar imagens dos cinemas no período de seu funcionamento – nessas instâncias, optamos por utilizar imagens atuais dos mesmos. Problematicamos também a questão da preservação desses espaços e as políticas públicas vigentes no Brasil, referentes à questão da proteção do patrimônio cultural.

O segundo capítulo trata sobre o Cine Passeio e utilizamos como base teórica a *New Cinema History* (A nova História do Cinema), falando sobre a importância do estudo da história do cinema partindo de uma triangulação que contempla os filmes, o público e os espaços de exibição. Utilizamos como referencial teórico para a definição sobre a importância dessa forma de se pesquisar a história do cinema autores como João Luiz Vieira, Talitha Ferraz, Richard Maltby, C. Allen, entre outros. Neste capítulo começamos também a análise de nosso objeto de pesquisa, o Cine Passeio: contemplando a construção do cinema, a concepção do projeto, execução e o discurso institucional do gestor: a Fundação Cultural de Curitiba. Com esse intuito, realizamos uma pesquisa documental. Utilizamos como fonte o levantamento feito com as matérias escritas pela FCC, que foram publicadas em seus canais de comunicação sobre o cinema. Também utilizamos entrevistas realizadas com funcionários do Cine Passeio e, além

disso, fizemos o levantamento da programação do primeiro ano de funcionamento do Cine Passeio, quando as atividades ainda aconteciam de forma presencial. Para tal, consultamos os relatórios do Instituto Curitiba de Arte e Cultura e os Flyers divulgados no site do Cine Passeio, com a programação semanal, no período de março de 2019 a março de 2020. Nosso objetivo era compreender se, de fato, o que foi posto pelos gestores do cinema, A FCC e o ICAC, foi executado.

Para o terceiro e último capítulo, continuamos com a *New Cinema History* como referencial teórico, mas, dessa vez, nosso foco está na espectação cinematográfica. Pretendemos compreender de que maneira o público que frequenta o Cine Passeio se relaciona com o cinema, quais são as suas preferências e os seus ritos ao frequentá-lo. Utilizamos como referencial teórico autores que trabalham o conceito “ida ao cinema,” como Talitha Ferraz e Annette Kuhn. A presente pesquisa também se caracteriza como um estudo etnográfico, uma vez que pretende compreender como o hábito de frequentar esse novo cinema evoca às memórias da espectação cinematográfica dos antigos cinemas de rua. Para tal, foram realizadas entrevistas com frequentadores do Cine Passeio. Abordamos de que maneira a nostalgia aparece no discurso construído pelo espectador e se o mesmo é alimentado pelo Cine Passeio no discurso institucional, utilizando como base teórica Svetlana Byon, Katharina Niemeyer, Talitha Ferraz e Lúcia Santa Cruz.

## Capítulo I - As antigas Salas de Cinema de Rua da Cinelândia Curitibana.

### 1.1 O cinema chega à província: as primeiras formas de exibição cinematográficas em Curitiba

#### 1.1.1 Teatros, Parques, Salões: o cinematógrafo e as exibições itinerantes

O cinema é uma invenção do final do século XIX. Faz parte de um conjunto de inovações tecnológicas introduzidas ao longo deste século devido ao progresso trazido pela Revolução Industrial como, por exemplo, o trem, a luz elétrica e a fotografia. Muitos contribuíram de maneiras diferentes para a invenção do cinema, mas de forma mais objetiva podemos apontar Thomas Edison e Louis e Auguste Lumière como seus principais inventores. Thomas Edison desenvolveu o kinetoscópio, um aparelho com um mobiliário de madeira com um maquinário interno, é uma espécie de olho mágico, onde o espectador podia ver a projeção de imagens em movimento. O aparelho de Edison, contudo, era uma invenção comercializada de uso individual: somente uma pessoa por vez podia ver as imagens. Foi apenas com o cinematógrafo dos irmãos Lumière que a projeção cinematográfica foi possível para o público de forma coletiva, onde todos assistiam ao mesmo filme. Paralelamente com o cinematógrafo outros aparelhos foram desenvolvidos na Europa e nos Estados Unidos, como: “mimicoscópio, cinetógrafo, cronofotografoscópio, aerialgrafoscópio," shadrografoscópio, bioscópio, vitascópio” (ARAÚJO, 1976, p.108).

A primeira sessão pública e paga oficial de cinema foi realizada pelos irmãos Lumière, em 28 de dezembro de 1895, no Grand Café em Paris, com o filme “La Sortie de l'usine Lumière à Lyon”<sup>1</sup>. A primeira forma de exibição cinematográfica na Europa foram os vaudevilles: lojas, espaços variados alugados para a exibição dos filmes projetados em salões de novidades e nos cafés-concertos. Nos Estados Unidos surgiam os *nickelodeons* em espaços adaptados em teatro, que funcionavam exclusivamente para a exibição cinematográfica. (SOUSA, 2013).

A primeira exibição cinematográfica pública e paga que se tem registro no Brasil foi em 08 de julho de 1896, no Rio de Janeiro, naquela época a capital da República, na Rua do Ouvidor, como mostra o trecho escrito no Jornal do Comércio, que anunciava a novidade. "O

---

<sup>1</sup> A saída dos operários da Fábrica Lumière em Lyon. Tradução nossa do original em francês.

Omniographo que tanta atração teve em Paris, de que já nos ocupamos nesta folha, vai ser exibido, de amanhã em diante, em uma casa na Rua do Ouvidor."(JORNAL DO COMÉRCIO,1896. p.6. apud ARAÚJO,1976,p.75). A Rua do Ouvidor era a principal referência cultural da capital desde o Império, com teatros, jornais, salões e cafés, sendo assim o local ideal para abrigar a grande novidade que era o cinematógrafo (VIEIRA, 1986).

No ano seguinte à primeira exibição do cinematógrafo foi inaugurado o primeiro cinema de rua, o Salão de Novidades Paris no Rio, inaugurado em 31 de julho de 1897, idealizado por Paschoal Segreto e José Roberto Cunha Salles. A sala se localizava na Rua do Ouvidor nº 141, centro do Rio de Janeiro. As primeiras exibições aconteceram através dos exibidores, vindos da Europa. Elas aconteciam em “salas” provisórias e espaços adaptados para a realização das exibições em parques, cafés-concertos e teatros. Por possuírem uma baixa qualidade técnica e pouca variedade, as exibições não duravam mais que algumas semanas e, por não obterem investimento financeiro, muitos dos exibidores fizeram temporadas curtas e não retornaram ao Brasil (GONZAGA, 1996).

Os exibidores itinerantes tinham por hábito unir-se a companhias de variedades. Entre 1896 e 1904 somamos dezoito temporadas individuais regulares, incluindo as que foram apresentadas em cafés e parques. De 1904 a 1914, notamos outras dezoito temporadas. Nenhuma delas permaneceu mais de dois meses, a maioria durou uma ou duas semanas (GONZAGA, 1996, p.57).

Alice Gonzaga aponta que a precisão dessas datas escolhidas como marco do começo das exibições cinematográficas no Brasil não podem ser consideradas canônicas, ou seja, existem ainda muitas lacunas nos dados levantados. “Estabeleceram-se locais e datas, mas não exata condições das apresentações e seus possíveis desdobramentos históricos.”(GONZAGA, 1996, p.50). O mesmo aponta os autores Rafael de Luna Freire e Natasha Hernandez Almeida Zapata (2017), sobre a necessidade de uma pesquisa minuciosa com uso de novas fontes e cruzamentos dos dados já levantados para preencher essas lacunas em relação a história da exibição no Brasil, ou até mesmo para descobrir novas informações que derrubem os cânones já preestabelecidos. Como a presente pesquisa não se propõe a ser um estudo sobre a exibição cinematográfica no

Brasil ou em Curitiba, as informações apresentadas têm o objetivo de situar o leitor em relação a um determinado recorte histórico e geográfico.



FIGURA 1. Paschoal Segreto, 1986  
FONTE: 4.bp.blogspot.com.

Em Curitiba a primeira exibição noticiada e localizada<sup>2</sup> do cinematógrafo aconteceu no Teatro Hauer, que ficava na primeira quadra da rua Mateus Leme, esquina com a Rua 13 de maio, no mesmo espaço onde anos mais tarde foram instalados outros dois cinemas: os Cine Marabá e Bristol. A exibição do Cinematographo Lumière foi realizada no dia 08 de outubro de 1887, pela Companhia de Variedades do Teatro Lucinda da Capital Federal, empresa de Germano Alves. A programação contou também com a apresentação de cães e macacos adestrados, a cargo da Grande Companhia Zoológico. Na segunda e terceira parte do programa foram exibidas, no cinematógrafo, vistas de Portugal, Espanha, França e da África Portuguesa. O preço dos ingressos variavam de acordo com assento: Camarotes de primeira 12\$000, Camarotes de segunda 10\$000, Cadeiras de primeira 3\$000, Gerais 1\$000 (A REPÚBLICA, 1987, p.3). No dia 16 de outubro a mesma Cia volta a se apresentar no Teatro Hauer, mais uma vez com espetáculo de cães e macacos adestrados e com seis novas vistas de Portugal, Espanha e Inglaterra (A REPÚBLICA, 1987, p4).

---

<sup>2</sup> Consultamos a hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, o resultado apresentado está pautado na busca do termo cinematógrafo.



FIGURA 2 - Teatro Hauer, 1904  
Fonte: gazetadopovo.com.br

De acordo com as fontes consultadas<sup>3</sup> não foi reportada nenhuma outra notícia de exhibições de cinematógrafo até 1900. O jornal A República menciona brevemente uma exibição que aconteceu na festa de reabertura do Teatro Glória, em 14 de outubro de 1900<sup>4</sup> e o mesmo evento também é retratado no Diário da Tarde<sup>5</sup>. Ambas as reportagens comentam que o aparelho não funcionou muito bem, mas não entram em detalhes sobre qual teria sido o problema e também não mencionam nada sobre a programação exibida. Em 25 de novembro foi a vez do Cinematógrafo Apollo de Eduardo Von Schultz e Koehler, fazer sua exibição no Teatro Hauer. A programação, que foi dividida em três partes, e foram exibidos 18 visitas<sup>6</sup>. A empresa realizou mais quatro apresentações no Teatro Hauer no dia 28 de novembro<sup>7</sup>, 01 e 02 de dezembro<sup>8</sup>, e finalmente em na programação beneficente em função das secas do Ceará que aconteceu no dia

---

<sup>3</sup> Consultamos os jornais A República e Diário da Tarde.

<sup>4</sup> A República, 16 out. 1900, p.1.

<sup>5</sup> Diário da Tarde, 15 out. 1900, p1.

<sup>6</sup> A República, 15 nov. 1900, p3.

<sup>7</sup> A República, 30 nov. 1900, p1.

<sup>8</sup> Diário da Tarde, 30 nov. 1900, p3.



05 de dezembro além das costumeiras 18 vistas, foi exibido pela primeira vez vistas do Brasil "Vistas mortas, do estado de S. Catharina e da história do Brazil" (A REPÚBLICA, 1900, p3).

A partir de 1901 as empresas de exibição temporárias começaram a ser uma constante: além do aumento nas sessões também contavam com a presença de mais empresas que faziam exibição do cinematógrafo e alternavam suas exibições entre os teatros Hauer e Guaíra. No total eram quatro o número de empresas que realizavam as exibições de cinematógrafo: a Companhia de Variedades Apollo, o Cinematógrafo Universal de Sr. Kaurt, a Companhia de Variedades do Biógrafo Americano e a Companhia Chilena de Joaquim Pozo. Os filmes variavam em temáticas: festas, cortejos, paisagens e filmes de guerra. Todas as empresas só exibiam filmes estrangeiros. As cias de variedades Apollo e Biógrafo Americano inovaram e fizeram as primeiras exibições de fitas "picantes", cuja exibição só era permitida para homens adultos (STECZ, 1988; PINHEIRO, 2010). O Cinematógrafo Universal inovou trazendo os primeiros filmes estereoscópicos e a cores; No ano seguinte, em 1903, temos registro de mais uma empresa fazendo exibições em Curitiba: a Companhia de Artes Biscope Inglez de José Fellipe, (STECZ, 1988).



FIGURA 3. Teatro Guaíra, 1906.

FONTE: Teatro Guaíra.

O primeiro parque de diversões da cidade, Coliseu Curitibano, foi inaugurado em 1902. O local oferecia atrações, brinquedos, ring de patinação, teatro de variedades e outras atrações. O Coliseu pertencia aos imigrantes espanhóis Francisco Serrador e Manuel Lafitte Busquets e ao brasileiro Antônio Gadotti. Os sócios, antes da abertura do parque, já eram veteranos no ramo de entretenimento e diversão em Curitiba: promoviam touradas, jogos de azar e também eram arrendatários de circos (CONDÉ, 2012). O Coliseu ficava localizado próximo à Praça General Osório e ao Instituto de Educação, na Rua Emiliano Pernetta (STECZ, 1988). O empresário espanhol Francisco Serrador, que anos mais tarde se tornaria um magnata do mercado exibidor, dono de salas de cinema de rua em São Paulo e no Rio de Janeiro, juntamente ao seu sócio Antônio Gadotti, seria o fundador da Empresa Cinematográfica Paulista. Naquela época Manuel Lafitte Busquets já havia deixado a parceria (CONDÉ, 2012). Anos mais tarde, Serrador também seria o responsável por idealizar o projeto da famosa Cinelândia Carioca (SOUSA, 2013)



FIGURA 4. Cartão postal Coliseu Curitibano.  
FONTE: gazetadopovo.com.br

O Coliseu foi o primeiro parque de diversões a oferecer uma atração fixa de exibição semanal, que acontecia nas quintas feiras e nos fins de semana: o Cinematógrafo Richebourg. No primeiro ano as sessões do cinematógrafo eram gratuitas, sendo um chamariz para os frequentadores do parque (CONDÉ, 2012). No mesmo ano (em 1905), no dia 07 de julho, chega na cidade mais uma novidade: o cinematógrafo falante, que combinava o uso de um gramofone ao filme mudo. A novidade foi trazida por Eduardo Hervet e foi exibida pela primeira vez no

Teatro Guaíra (STECZ, 1988, p. 61). À medida que a atração se consolidou, no ano seguinte, o ingresso para a sessão começou a ser cobrado: \$500 a entrada inteira e \$200 a infantil (CONDÉ, 2012).

No final daquele ano o Cinematógrafo Richebourg deixou de ser uma atração fixa e começou a itinerar pelo estado de São Paulo, fazendo exhibições em cidades como: Ribeirão Preto, São Carlos, Amparo, entre outras. Em 1907 o Richebourg volta para Curitiba em uma temporada de 3 meses, de janeiro a março, no Theatro Hauer. No mesmo ano, Serrador anuncia a construção do Teatro Coliseu, que foi inaugurado com festa no dia 17 de outubro. Fazendo concorrência com o Coliseu, no dia 24 de dezembro de 1907, o parque de diversões Éden Paranaense foi inaugurado na Praça General Osório. O Éden, assim como o Coliseu, além das diversões, dispunha aos seus frequentadores exhibições de cinematógrafo com atração fixa. No ano seguinte mais dois parques de diversão fizeram o mesmo, oferecendo exhibições de cinematógrafo como uma de suas atrações: o Parque do Museu, com sessões ao ar livre, e o Central Park, com sessões de fitas francesas da Pathé e Gaumont e Lubin, localizado na Rua Dr Muricy, esquina com a Rua Alegre (ALVETTI, s/d; STECZ, 1988).

### 1.1.2 O cinema veio para ficar: as primeiras salas de Cinema do centro de Curitiba

Cada vez mais o hábito de frequentar os espaços de exibição se torna uma atividade de lazer presente na vida cotidiana dos curitibanos e curitibanas, no começo do século XX. Em 08 de junho de 1908 é inaugurada a primeira sala de cinema da cidade, o Cinema Smart, propriedade de Annibal Requião, localizada na Rua XV de Novembro número 67, local onde mais tarde foi instalada a Galeria Schaffer. No anúncio do jornal o Diário da tarde<sup>9</sup>, faz a propaganda da estreia do cinema, e anuncia a programação que começava às seis horas da tarde, constou com a exibição de quatro fitas: A caça ao leão, O homem eletrizado, Viagem a Constantinopla, Os ovos da paschoa de um orphão. O Cinema funcionava com sessões diárias onde o pioneiro do cinema paranaense exhibia filmes nacionais, entre estes seus próprios filmes, e filmes estrangeiros.(STECZ, 1988).

---

<sup>9</sup> O Diário da tarde, 08 jun 1908 p.2.



FIGURA 5. Cine Smart, 1912.  
FONTE: gazetadopovo.com.br

Três meses após a sua inauguração em agosto de 1908 a empresa de Annibal Requião, a Annibal Rocha & Cia, firma um contrato com a empresa de distribuição carioca, Marc Ferrez & Filhos, para a distribuição das fitas da Pathé (CONDÉ, 2012). Em 1911, poucos anos depois de sua inauguração, o cinema passou por uma reforma para ampliação do espaço. A reforma foi muito bem recebida pelo público, como informa a reportagem publicada no jornal A República:

Instala-se amanhã em seu novo e elegante prédio o Smart-Cinema, casa nova com as precisas condições para servir ao fim a que foi apropriada. O seu arranjo interno se reveste do capricho e fino gosto que Annibal Requião e seus operosos irmãos sabem imprimir com superfinos cuidados de arte às cousas que tocam, produzindo maravilhas com este salão hoje verdadeiramente Smart. A sala de espera é um mimo, com seus vitraes multicolores, profusão de luzes e conforto para o público. O salão de cinema com seus 300 lugares, dividido em três alas de cadeiras, tem comodidade, hygiene e perfeita segurança. Cumpre agora que o Smart possa ser o ponto preferido pela nossa sociedade elegante e sem receios que as casas de espetáculo em nosso meio infundem a muita gente. Estamos certos que a nossa polícia dos theatros saberá o público que se quer divertir, de uma outra espécie de público que pretende serem as casas de espetáculos campo propício ao divertimento da postura e da ordem. (A REPÚBLICA, 28 set. 1911, p. 2).

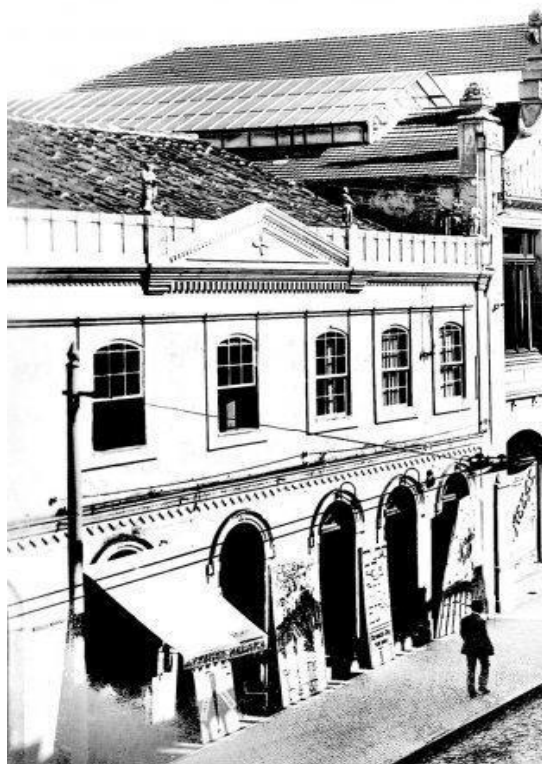


FIGURA 6. Mignon Theatre, 1913.

FONTE: gazetadopovo.com.br

Em 1911, o centro de Curitiba contava com quatro cinemas com exibições diárias. Além do Smart, na Rua XV de Novembro, foi inaugurado, também em 1911, Theatre Mignon, propriedade da Empresa Ildefonso & Cia, assim como o Polytheama, que funcionava no mesmo lugar onde antes funcionava o Coliseu Curitibano, e o Édén, que também funcionava na Rua XV de Novembro (STECZ, 1988). A Empresa Ildefonso & Cia, em 1910, também firmou um acordo com a Marc Ferrez & Filhos e, assim como o Cine Smart, passou a exibir fitas da Pathé no Cine Mignon, sendo o segundo cinema curitibano a exibir regularmente os filme da companhia francesa (CONDÉ, 2012).

Em 1912 são inaugurados mais novos cinemas na região central, agora já um pouco distante das salas que se concentravam na Rua XV de Novembro. O primeiro foi o Bijou Cinema, localizado na rua Marechal Floriano Peixoto, inaugurado em 03 de Janeiro, que contava com sessões nos fins de semana e feriados. O outro foi o Cine Vitória, propriedade da Riegel e Cia, inaugurado em 06 de junho na Rua Comendador Araújo (STECZ, 1988).



FIGURA 7. Cine Parisiense.  
 FONTE: gazetadopovo.com.br

Em uma série de reportagens feita pelo jornal “Gazeta do Povo”, assinadas por Cid Destefani, foi possível identificar mais cinemas que foram inaugurados no centro da cidade, na década de 1910. As datas de abertura não foram identificadas, mas especula-se que os cinemas só foram abertos depois do término da Guerra do Contestado (1912- 1915). O Cine Parisiense ficava localizado na Praça Generoso Marques e era propriedade de Francisco Zanicotti. O América Cinema foi inaugurado em 12 de novembro, e ficava localizado na Rua Alegre, no mesmo local onde anteriormente funcionava um *skating rink*.<sup>10</sup>

O Cinema Central, localizado na Rua XV de Novembro, no mesmo local onde antes funcionava o Éden, era de sociedade de Zanicotti com Domingos Foggiatto. Houve, também, o Cine América, na Rua XV de Novembro, esquina com a Rua Dr. Muricy, onde atualmente funciona uma agência do Banco do Brasil. Finalmente, o Cine Floriano, na Rua Marechal Floriano, entre as esquinas das ruas Iguazu e Silva Jardim. Dos cinemas citados acima, não foi

<sup>10</sup> A República, 11 de novembro de 1916, p 2.

possível identificar exatamente quando as salas pararam de funcionar. O único deles do qual ainda se sabe um pouco mais foi o Smart, propriedade de Annibal Requião, que em 1913 passou por mais uma reforma para melhoria do seu espaço de exibição e, em 1917, a circulação dos anúncios do cinema parou (STECZ, 1988).



FIGURA 8. Cine Central, 1919.  
FONTE: gazetadopovo.com.br

Na década de 1920, Mattos Azeredo, um dos primeiros magnatas da exibição em Curitiba, começa seu império. Nesse período ele arrendou os cinemas Mignon e o Palácio Theatro - que funcionava no barracão de madeira que um dia seria o Edifício Garcez Moreira, local onde anos mais tarde funcionou o Cine Palácio. Além desses cinemas ele também foi arrendatário do Popular Glória, que na década seguinte seria o Odeon, do Imperial, que mais tarde se tornaria o Vitória e, por fim, o Ritz. Todos os três ficavam na Rua XV de Novembro (GAZETA DO POVO, 2011).



FIGURA 9. Cine Glória, Rua XV de Novembro.  
FONTE: gazetadopovo.com.br

## 1.2 Palácios e pulgueiros: a construção da Cinelândia Curitibana

### 1.2.1 Cine-Theatro Avenida

A hegemonia de Mattos Azeredo enquanto empresário no ramo cinematográfico em Curitiba se consolida depois que ele se torna arrendatário do imponente Avenida. O primeiro<sup>11</sup> cinema da Cinelândia Curitibana foi o Cine-Theatro Avenida, um luxuoso palácio

---

<sup>11</sup> O Cine Avenida é comumente referenciado como sendo o primeiro cinema em funcionamento da Cinelândia, mas em algumas ocasiões, como na série escrita por Millarch, em homenagem ao 50 aniversário de inauguração do cinema, ele é considerado o segundo cinema da Cinelândia Curitibana, sendo o Cine-Theatro-Palácio o cinema mais antigo.



cinematográfico<sup>12</sup>, localizado na Av. Luiz Xavier nº11 - antiga Av. João Pessoa - no Edifício Avenida, que era propriedade do empresário Ferrez Mehy. O cinema foi inaugurado em 9 de abril de 1929, com a companhia de teatro carioca "Tro-LoLó", apresentando a revista "Rio-Paris". Contudo, sua primeira sessão de cinema só aconteceu no mês seguinte, em 1º de maio de 1929, com a exibição do filme "Moulin Rouge" (1928), produção dos estúdios UFA, da Alemanha. O cinema foi arrendado pelo construtor Raphael Muzilo, da empresa J. Muzillo & Irmãos - substituído, posteriormente, por Antônio de Mattos Azeredo.

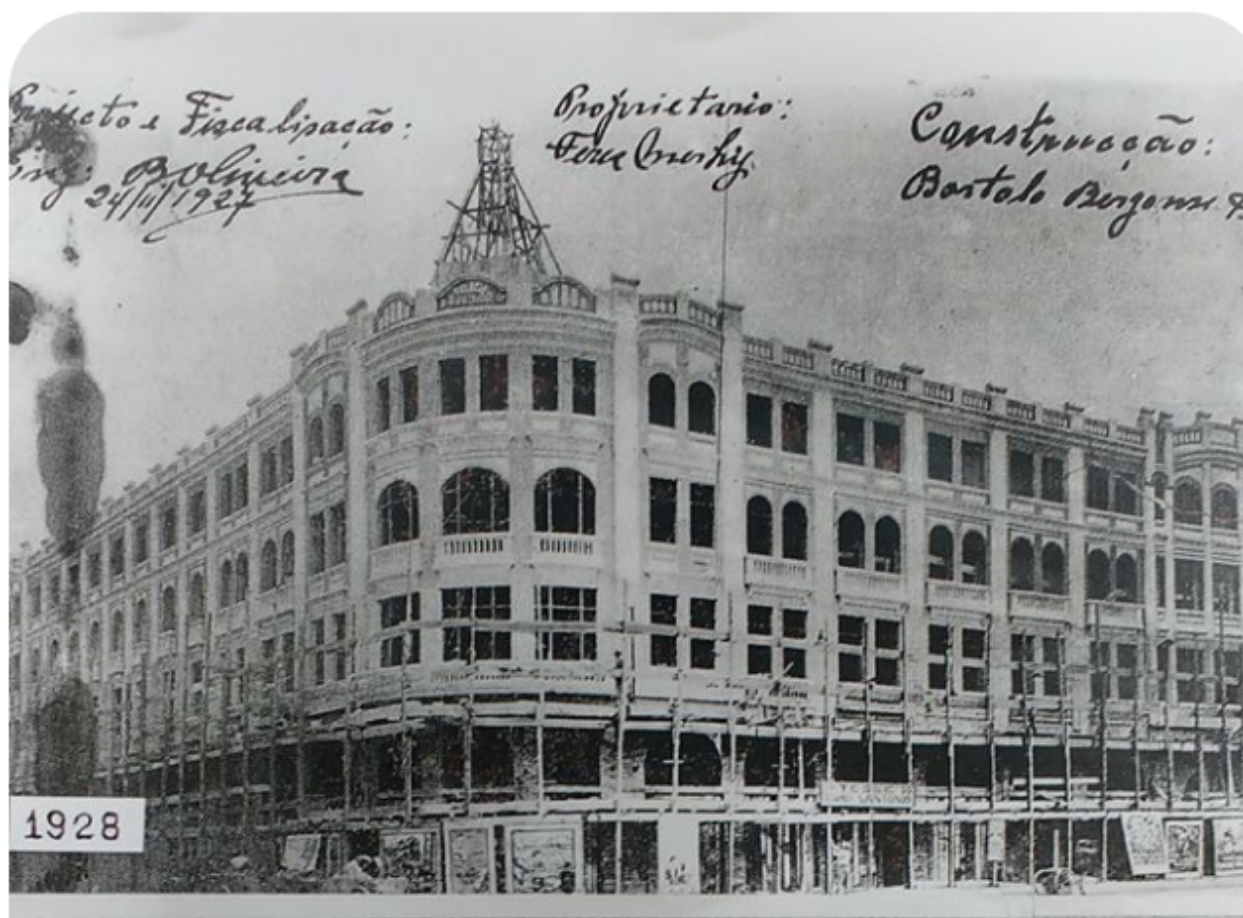


FIGURA 10. Edifício Palácio Avenida em construção, 1928.

FONTE:br.pinterest.com

<sup>12</sup> *Palácio cinematográfico* é uma tipologia dos cinemas de rua, categoria que foi muito popular nos centros urbanos, sobretudo entre as décadas de 1920-1950. Eram cinemas de grandes proporções, com uma única sala de exibição, muitas vezes com mais de mil assentos. (GONZAGA, 1990).

O Palácio Avenida também contava com outros estabelecimentos comerciais, como o Guairacá, famoso bar-restaurant e café, que faz parte do prédio desde sua inauguração. Além dos estabelecimentos comerciais, o edifício também possuía uma parte residencial, com apartamentos. O cinema era um dos mais bem frequentados da Cinelândia Curitibana, sustentando sua fama de palácio, com frisos, camarote e plateia. Foi o único palácio cinematográfico na Cinelândia por quase 10 anos, até a inauguração do Cine Luz, na Praça Zacarias, em 1938 (MILLARCH, 1979a ;MILLARCH,1979b; 1980d).



FIGURA 11. Cine Avenida interior, 1929.  
FONTE: Acervo Casa da Memória

No começo, além das exibições cinematográficas no espaço, também aconteciam espetáculos teatrais. Apenas mais tarde a sala funcionaria exclusivamente como cinema. No final dos anos 1940 o Avenida se tornaria a sala de cinema que exibia os filmes da 20th Century Fox, na Cinelândia Curitibana. Esse contrato foi assinado por Paulo Sá Pinto, da Empresa Sul, com a empresa estadunidense, em 1947(TRIBUNA DO PARANÁ, 1990e). Nesse período era comum que as exibidoras estrangeiras tivessem contratos de exclusividade com cinemas específicos para as exibições de seus filmes, muitas vezes até colocando seus nomes nas fachadas dos cinemas

(SOUSA,2013). A Empresa Cinematografia Sul foi arrendadora do cinema até 1965, quando Sá Pinto vendeu seus cinemas de Curitiba. A partir desse período a sala passou a pertencer à Fama Filmes, empresa dos irmãos Aleixo e Arnaldo Zonari. O Avenida também foi o primeiro cinema 3D na cidade de Curitiba (TRIBUNA DO PARANÁ, 1980d; 1990e).



FIGURA 12: Cine Avenida, déc. de 1940.  
FONTE: gazetadopovo.com.br



FIGURA 13: Cine Avenida déc de 1960.  
FONTE: Acervo Casa da Memória

Em 1968 o Edifício Avenida foi vendido pela família Mehy ao Banco Bamerindus, por Cr \$8.000.000,00. Depois da venda, o banco ficou em uma batalha judicial por quase 20 anos até conseguir despejar todos os inquilinos para poder começar a obra de restauração do prédio, que começou apenas em 1986. O cinema fechou em 1983, tendo sua última sessão no dia 18 de fevereiro, exibindo o filme pornochanchada "A Dama da Zona" (1979), de Ody Fraga, com a atriz Marlene França (TRIBUNA DO PARANÁ,1979a; 1979b; 1980c). De acordo com o jornalista e crítico de cinema Aramis Millarch (1986a), durante os cinco últimos anos de funcionamento do cinema ocorreu um declínio na qualidade da programação, quando o local começou a exibir filmes eróticos e os western italianos. Atualmente o espaço ainda é uma agência bancária. Após ser do Banco Bamerindus passou a ser do Banco HSBC, nos anos 2000, e agora é propriedade do Banco Bradesco S/A. O Edifício Avenida é popularmente conhecido

como Palácio Avenida, porém sua fama agora está atribuída à famosa apresentação de coral natalino<sup>13</sup> que acontece há 30 anos em Curitiba, tradição iniciada pelo Banco Bamerindus e mantida por seus sucessores (PREFEITURA DE CURITIBA, 2020a).

### 1.2.2 Cines Odeon, Imperial e Broadway



FIGURA 14. Cine Broadway, déc. 1930.

FONTE: gazetadopovo.com.br

Nos anos 1930 mais salas de cinema foram inauguradas na Cinelândia, dessa vez na Rua XV de Novembro, próximo à Av. Luiz Xavier, que faz continuação da rua até a praça General Osório, comumente conhecida como Praça Osório. Lá, no lado par da rua, eram localizadas as salas: Cine Odeon, 1934 -1952 (ex.: Glória); Cine Imperial, 1935 - 1946, onde o mesmo local depois se tornou Cine Vitória (1946-1948); e, por fim, Cine Ritz (1948-1962); Cine Broadway,

<sup>13</sup> O coral Palácio Avenida se apresenta anualmente no fim do ano, e é uma das principais atrações turísticas de natal da cidade. Em 2020, o coral comemorou sua trigésima apresentação. (PREFEITURA DE CURITIBA, 2020a).

1936-1953, Rua XV de Novembro, esquina com a Travessa Oliveira Bello (CRISTO; MIYAKAWA, 2010). Alguns dos espaços que esses Cinemas ocuparam já não existem mais, nem mesmo o esqueleto ou fachada de seus antigos edifícios. Além da localização geográfica e data de abertura e fechamento até o momento, não foi possível encontrar nenhuma informação mais específica sobre a trajetória de funcionamento desses cinemas, como suas programações ou público que os frequentavam.



FIGURA 15. Cine Odeon, ao lado do Edifício Heloisa, com placa do Cine Ópera.  
FONTE: filmes.seed.pr.gov

### 1.2.3 Cine Luz



FIGURA 16. Cine Luz, déc. 1940.  
FONTE: curitibaantiga.com.br

O Cine Luz foi inaugurado em 19 de dezembro de 1939, originalmente localizado no Edifício Teófilo G. Vidal, na Praça Zacarias. Construído pela firma Gutierrez, Paula & Munhoz pertencia ao empresário Henrique Oliva, que foi dono de várias salas da Cinelândia Curitibana. O cinema foi o segundo Palácio Cinematográfico da Cinelândia<sup>14</sup>, com 1.600 assentos lotados para sua primeira sessão de estreia, que contou com a presença da elite e solenidades paranaenses. Foi exibido o filme “A meia noite” (Midnight, 1939), de Mitchell Leisen. Rapidamente a sala virou umas das favoritas da elite curitibana, que assistiam aos filmes numa plateia dividida em dois balcões. Tinha também o “poleiro”, um balcão que ficava ao fundo, o que barateava o valor do ingresso (CRISTO;MIYAKAWA, 2010;TRIBUNA DO PARANÁ, 1991d).

---

<sup>14</sup> CRISTO; MIYAKAWA (2010), assim como diversas reportagens em jornais como o Gazeta do povo, apantam o Cine Luz (1939) como sendo o segundo cinema de Curitiba, tendo como o primeiro o Cine-Theatro Avenida (1929).



FIGURA 17. Cine Luz, anos 50, em cartaz filme “O Ébrio”.  
FONTE: curitibaantiga.com.br

Nos anos 1940 o cinema passava às estréias da Warner Bros, posto que dividia com o Cine Palácio, cinema que também pertencia a Oliva. A sede original, onde o cinema funcionou por 22 anos, sofria com constantes inundações todas as vezes que chovia, em função da sua proximidade ao rio Ivo, pois naquela época a obra de canalização era precária.



FIGURA 18. Cine Luz, enchente do Rio Ivo.  
FONTE: revistaideias.com.br

Em 26 de abril de 1961, durante a sessão do filme “O homem do sputnik” (1959), do diretor brasileiro Carlos Manga, um incêndio avassalador destruiu o prédio. Ninguém ficou ferido e a única causalidade foi o próprio cinema que, depois do sinistro, não sobreviveu e teve suas portas fechadas (CRISTO;MIYAKAWA, 2010; TRIBUNA DO PARANÁ,1990d; 1991d).

#### 1.2.4 Cine Ópera



FIGURA 19. Cine Ópera, dec. 1950.

FONTE: filmes.seed.pr.gov

O Cine Ópera foi o terceiro Palácio Cinematográfico construído na Cinelândia Curitibana, na Av. Luiz Xavier, localizado no Edifício Heloísa<sup>15</sup>, em uma área de 2.600 metros quadrados, onde no início do século XX havia uma grande padaria. Em 1912 o espaço foi adquirido por David Carneiro, por um milhão e duzentos contos de réis, para a construção do prédio de seis andares, projeto do arquiteto carioca Lucas Meurhofer. Originalmente pensado apenas como residencial, o edifício acabaria tendo seu térreo dividido para a entrada de um grande cinema e também uma luxuosa confeitaria que, anos depois, abrigaria o famoso Café

<sup>15</sup> O nome do edifício, "Eloísa", foi a homenagem que o professor David Carneiro fez a sua primeira filha, Eloísa Eliodora Alice Carneiro Lacerda (12/08/1933-18/03/1938), falecida devido a doença crônica. Algumas vezes em seus textos Millarch se refere ao Edifício Heloísa com a grafia “Eloísa”, porém, como na maioria das vezes o nome é escrito “Helóisa”, optei por essa grafia no texto.



Damasco. David Carneiro arrendou o cinema para Leôncio Aranoski, jovem original de Ponta Grossa que desejava entrar no mercado cinematográfico curitibano, até aquele momento era monopolizado por Antônio de Mattos Azeredo, mas já tinha sua hegemonia disputada por Henrique Oliva. O cinema foi idealizado e construído como um Palácio Cinematográfico, com todo o luxo para competir diretamente com o Cine-Theatro Avenida, até então, mas não por muito tempo, seu único vizinho e rival (TRIBUNA DO PARANÁ, 1990d).



FIGURA 20. Cine Ópera, cartaz do filme "Pecado sem mácula"  
 FONTE: revistaideias.com.br.

A inauguração do Cine Ópera foi em julho de 1942, com "Tudo Isso e o Céu Também" (All This, and Heaven Too, 1940), de Anatole Litvak, protagonizado por Bette Davis. De acordo com o jornalista e crítico de cinema, Aramis Millarch (1990c), durante quase trinta anos o Ópera seria a sala mais movimentada da cidade. Apesar de não ter sido planejada como cineteatro, como foi o caso de outros cinemas, tais quais o Avenida e o Vitória, lá aconteceu o I Festival do Cinema de Curitiba, em 1957; sediou três das seis edições do "Tribunoscope de Ouro", organizadas por Júlio Neto, João Feder e Henrique Lemanski, do jornal Tribuna do Paraná;

concertos; recitais (como o do tenor italiano, Bienamino Gigli). A sala também era o cinema oficial para os lançamentos da Metro Goldwyn Mayer - MGM (TRIBUNA DO PARANÁ, 1990c).

Ao longo dos anos o Ópera possuiu alguns arrendatários. Depois de Leôncio Aranoski o cinema passou para David Carneiro, que já era o dono do edifício onde o cinema se situava, e que, mais tarde, entregaria a sua administração para Ismail Macedo, que fora seu assistente. Anos depois, Ismail se associaria a Jorge Daux, Caetano Figueiredo, Otávio Woellner, Fernando e David Carneiro Jr (filhos de David Carneiro), formando a empresa Organização Comercial Paraná Santa Catarina - ORCOPA, que também era responsável pela administração dos cinemas centrais (São João, Plaza e Vitória) e de bairros (Guarani, Flórida e Marajó). Em julho de 1965 a empresa foi vendida a Jorge Miguel Azuz, que pouco tempo depois passaria o cinema para o grupo Verde Martinez. O grupo Zonari (Vitória Cinematográfica) foi o último proprietário do cinema, antes de seu fechamento (TRIBUNA DO PARANÁ, 1990c).

Primeiro o Edifício Heloísa foi Vendido ao empresário libanes Hussein Hamda, por Cr\$ 18 milhões, em 1974, juntamente com o Edifício Carlos Monteiro, também propriedade de David Carneiro, onde era localizado o Cine Arlequim, no Largo Frederico Farias de Oliveira (a rua de trás, paralela à Av. Luiz Xavier). Em 8 de janeiro de 1979, cinco anos depois da venda do edifício, o cinema teve a sua última sessão com o filme italiano “Deus, Como Te Amo” (Dio, come Ti amo !,1966), de Miguel Iglesias (TRIBUNA DO PARANÁ, 1980c;1990f). Atualmente o Edifício Heloísa passou por reformas, encontrando-se completamente descaracterizado do que já foi um dia e pertence ao Grupo Positivo.

### 1.2.5 Cine Curitiba e Cine América



FIGURA 21. Cine América.  
FONTE: revistaideias.com.br

Os Cine Curitiba e América eram as salas mais populares da Cinelândia. Não eram palácios, mas também não pude identificar se eram poeiras. Os cinemas vizinhos ficavam localizados no começo da Rua Voluntários da Pátria, que faz esquina com a Av. Luiz Xavier (TRIBUNA DO PARANÁ, 1990a; CRISTO;MIYAKAWA, 2010). Apesar de sua data de inauguração inexata, quando o Cine América fechou, em 1960, o espaço era propriedade do cineasta João Baptista Groff. O Cine Curitiba funcionou de 1942 a 1968. Antes de ser o Curitiba, no mesmo espaço, existia um outro cinema: o República. Não foi possível identificar a data de sua inauguração ou fechamento (TRIBUNA DO PARANÁ, 1990a; CRISTO;MIYAKAWA, 2010). Ambos os cinemas foram demolidos e atualmente o local onde existiram funciona como loja. Como recorda o senhor Francisco Morilha, também conhecido como Seu Paquito, em entrevista ao MIS - PR. Seu Paquito foi exibidor, projecionista, e chegou a ser dono de cinema na Cinelândia Curitibana.

O "Curitiba" tem muitas estórias. Antes de ser cinema era um ring de patinação. O Muzillo foi quem o transformou num cinema. Antes da guerra ele só exibia filmes alemães, distribuídos pela UFA. Mas na época o cinema se chamava República. Foi o

nome dado pelo Muzillo. Só quando meu irmão, o Antoninho, passou a explorá-lo é que ele ficou com o nome de "Curitiba"(TRIBUNA DO PARANÁ, 1990a).

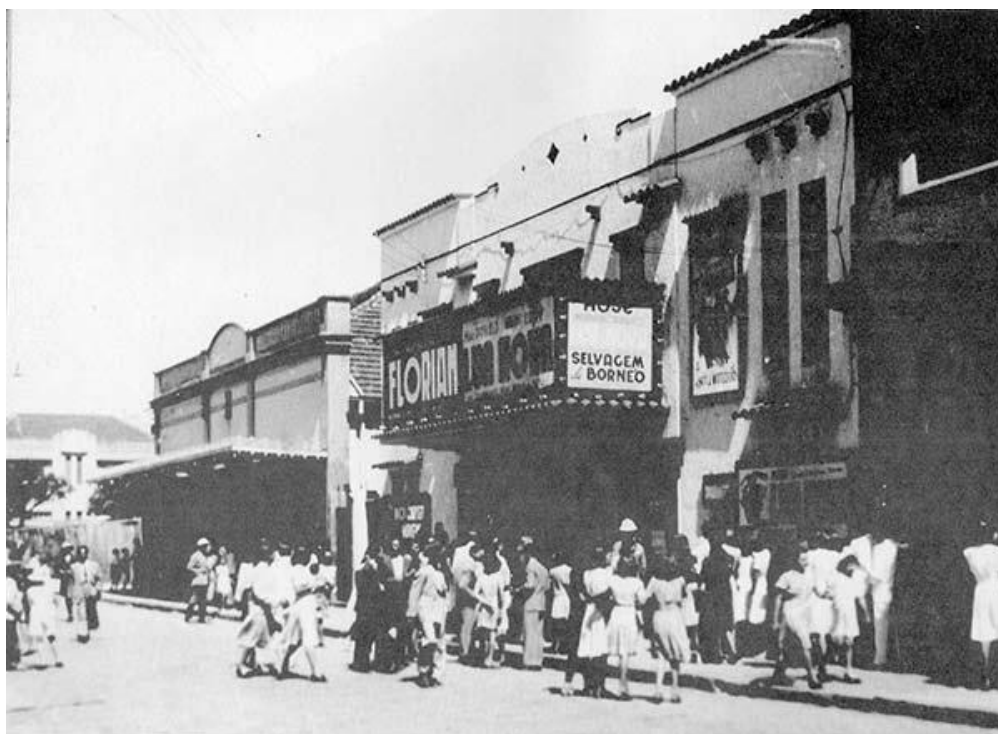


FIGURA 22. Cine Curitiba em primeiro plano, seguido por Cine América.  
FONTE: gazetadopovo.com.br

### 1.2.6 Cine Marabá.

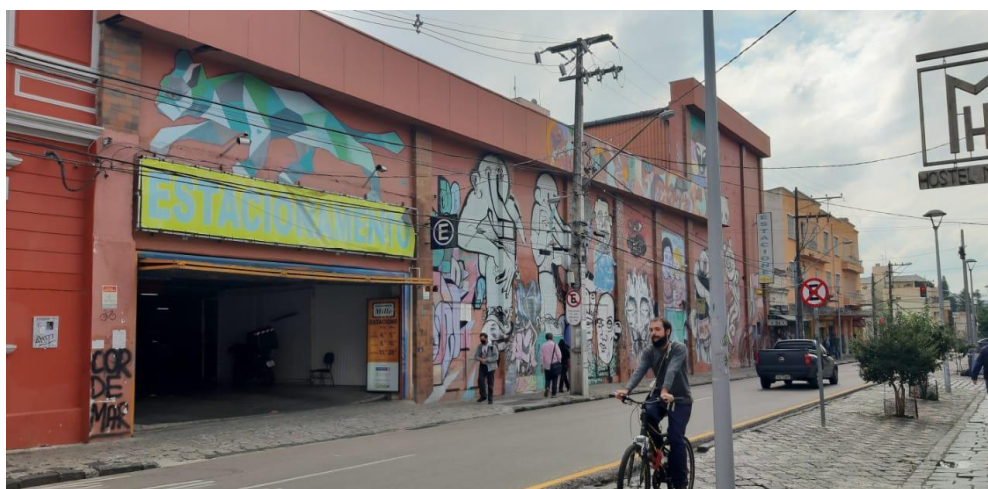


FIGURA 23 . Antigo Cine Marabá, 2021.  
FONTE: Acervo Pessoal

O Cine Marabá ficava localizado na primeira quadra da Rua Mateus Leme, na mesma edificação que anteriormente era o Teatro Hauer, casa de espetáculo responsável pelas primeiras exhibições de Cinematógrafo da cidade de Curitiba. Lá o cinema funcionou por mais de 20 anos, de 1947 até 1973. A sala possuía uma capacidade de lotação de 900 lugares. Durante o seu funcionamento a sala era propriedade de Paulo Sá Pinto, da empresa Cinematográfica Sul, que também era dona de outros cinemas da Cinelândia Curitibana. Como evidência Millarch (1987a), por ficar um pouco mais distante dos outros cinemas da Cinelândia, seu público era mais escasso, contudo o cinema oferecia uma programação de qualidade.

Marabá fazia com que o público não se animasse a freqüentá-lo como deveria. Entretanto, sua programação era das mais bem cuidadas, especialmente quando Paulo Sá Pinto, poderoso tycoon da exibição paulista, era o seu dono. Ali eram lançados filmes europeus - especialmente a produção da França Filmes - e, em 1958, "A Família Trapp", uma produção alemã inspirada nas cantorias da família austríaca, foi o maior êxito de bilheteria, permanecendo mais de 4 meses em cartaz [mais tarde, a mesma história seria aproveitada no musical "A Noviça Rebelde/The Sound of Music"]. Outro grande êxito dos tempos antigos do Marabá foi "Rififi", de Jules Dassin (1954) que, em 1956, permaneceu semanas em cartaz [agora, está sendo feita uma refilmagem deste clássico policial (TRIBUNA DO PARANÁ, 1987a)].

Não foi possível identificar os filmes exibidos na abertura, ou na última sessão. Depois que o Marabá fechou, no mesmo lugar, no ano seguinte, após uma reforma para modernização da sala, sob uma nova direção, o Cine Bristol foi inaugurado.

### 1.2.7 - Cine Ritz.



FIGURA 24. Cine Ritz.  
FONTE: filmes.seed.pr.gov

A história do Cine Ritz, localizado na Rua XV de Novembro, entre as ruas Muricy e Marechal Floriano, começa um pouco diferente daquelas dos primeiros cinemas da Cinelândia e já vem carregada de outras histórias e memórias. O cinema foi inaugurado no mesmo espaço que anteriormente abrigou dois outros cinemas. O primeiro deles foi o Imperial, que funcionou de 1935 a 1946, e depois foi o Vitória, de 1946 a 1948. Na inauguração do primeiro Cine Ritz, em 6 de novembro de 1948, o filme de Derek N. Twist, “ O rio do fim” (The end of the river, 1947) - produção inglesa, em preto e branco -, rodado em 1946, teve sequências filmadas na América do Sul e contou com a presença da atriz Bibi Ferreira, que no filme interpretou a personagem Teresa. O cinema foi o primeiro da Empresa Cinematográfica Sul, de Paulo Sá Pinto, que depois seria dono de outras salas da Cinelândia Curitibana. Depois de 14 anos de atividades ininterruptas, o Cine Ritz encerrou suas atividades em 1962, quando houve o alargamento da Rua XV de Novembro, na gestão do prefeito Ivo Arzua, e as edificações que ocupavam aquele trecho foram demolidas (TRIBUNA DO PARANÁ, 1990e; 1991b; CRISTO;MIYAKAWA, 2010).

## 1.2.8 - Cine Palácio.



FIGURA 25. Cine Palácio, déc. de 1950.  
FONTE: gazetadopovo.com.br

O Cine Palácio foi inaugurado em 1950 e ficava localizado no Edifício Moreira Garcez, o primeiro arranha-céu de Curitiba, na Av. Luiz Xavier, esquina com a Rua Voluntários da Pátria. O cinema era propriedade de Henrique de Oliva e às quintas feiras tinha estreia de fita nova da Warner Bros. O edifício era propriedade de João Moreira Garcez, engenheiro que projetou o edifício originalmente para ser um hotel, mas o local acabou funcionando como um prédio comercial. No terreno onde foi construído, nos anos 1920, ficava o parque de diversões Coliseu Curitibano, onde também se realizavam sessões de exibição de cinematógrafo trazidos por temporadas curtas para a cidade por exibidores itinerantes estrangeiros (TRIBUNA DO PARANÁ, 1980c; 1990e).

Não foi possível identificar o filme da sessão de estreia, mas Millarch relata a história de quando uma manifestação estudantil vetou a exibição de "Assim caminha a humanidade" (Giant, 1956), de George Stevens, em 12 de julho de 1957. O protesto foi encabeçado pela União Paranaense dos Estudantes, que tinha o objetivo de boicotar a estreia em função do alto valor do

ingresso cobrado pelo cinema. Por fim foi exibido o filme "Um Rosto Na Multidão" (A Face In The Crowd, 1957), de Elia Kazan (TRIBUNA DO PARANÁ, 1985b). Nos anos 1970 o cinema passou por uma reforma, teve seu espaço modernizado e aderiu a uma diminuição na lotação da casa para acomodar seu público com mais conforto. A entrada da sala saiu da Av. Luiz Xavier e passou a acontecer na Rua Voluntários da Pátria. Pouco tempo depois o cinema foi vendido e, no mesmo espaço, passou a funcionar um novo cinema, o Cine Astor, da Fama Filmes (CRISTO;MIYAKAWA, 2010).

### 1.2.9 - Cine Arlequim.



FIGURA 26. Cine Arlequim  
FONTE: revistaideias.com.br

O Cine Arlequim foi inaugurado em 13 de julho de 1955 com o filme "Sem Barreira no Espaço" (The Sounder Barrier, 52), do inglês David Lean. O cinema ficava localizado no térreo do Edifício Carlos Monteiro, do arquiteto Fernando Carneiro, no Largo Frederico Farias de



Oliveira (a rua de trás, paralela à Av. Luiz Xavier). O prédio, assim como o cinema, era propriedade de David Carneiro, pai de Fernando. A decoração da fachada com o nome da sala possuía desenhos feitos pela artista carioca Mellie Bezerra de Menezes, seguindo a temática proposta pelo nome da sala. O interior do cinema também possuía desenhos de Arlequim / Colombina / Pierrô, feitos pela mesma artista carioca (TRIBUNA DO PARANÁ, 1990c; 1991c).

Enquanto o cinema estava no comando de David Carneiro, que também era dono do Ópera (na Luiz Xavier, rua de trás), eram exibidos ali os filmes da United Artists que, de acordo com Millach, fez os lançamentos de “Marty”, 1955, de Delbert Mann e “12 Homens e Uma Sentença” (Twelve Angry Men, 1957), de Sidney Lumet. O Arlequim, em função de sua programação, tinha o posto de "cinema de qualidade". Entretanto, nos anos 1970, a qualidade dos filmes foi caindo e passaram a ser exibidos apenas westerns italianos e pornochanchada. Para o jornalista, a última exibição de qualidade feita no cinema foi o filme “Bisturi, A Máfia Branca” (Bisturi, la mafia bianca, 1973), de Luiz Zampa (TRIBUNA DO PARANÁ, 1990c).

Em 1974 o Edifício Carlos Monteiro, juntamente com o Edifício Heloísa, ambos propriedade de David Carneiro, foram vendidos ao empresário libanes Hussein Hamda por Cr\$ 18 milhões. Os dois cinemas fecham suas portas no mesmo dia, em 8 de janeiro de 1979. Sua última sessão foi dupla e os filmes "O Castelo das Virgens" e “O Regresso dos Renegados de Kung-Fu” foram exibidos. Na década de 1980, no lugar onde antes era o Arlequim, foi inaugurado uma Lojas Americanas. Esse estabelecimento permanece em funcionamento até hoje (TRIBUNA DO PARANÁ, 1980a; 1990c).

### 1.2.10 Cine Lido.



FIGURA 27. Cine Lido, cartaz “Cangaceiro Trapalhão” de 1980.  
FONTE: pausadramática.com.br

O Cine Lido foi inaugurado em 17 de setembro de 1959, exibindo o filme “Guerra e Paz” (War and Peace, 1956), de King Vidor - adaptação cinematográfica do clássico escrito por Leon Tolstói. O cinema localizado na Rua Desembargador Ermelino de Leão 160, próximo ao Cine Arlequim e, mais tarde, ao Excelsior - inaugurado em 1973, na Rua Saldanha Marinho. O cinema, que possuía 1600 lugares, pertencia a Henrique de Oliva, que encomendou o projeto com o arquiteto Oscar Mueller (TRIBUNA DO PARANÁ, 1990d).

Em 1973 o Lido foi vendido por Homero Oliva, por Cr\$ 3 milhões à Condor Filmes, que também era dono do Cine Condor, aberto dois anos antes na Cinelândia Curitibana. A Cinema Internacional Corporation - CIC, comprou o circuito da Condor Filmes, ficando encarregada de programar esse dois cinemas. A CIC representou, fora dos EUA e Canadá, os interesses da Buena Vista (de Walt Disney Inc.), MG, Paramount e Universal (fundada em 1912, por Carl Laemmle). Foi somente anos depois, em 1983, que o Lido foi fechado para a reforma, com o objetivo de dividir o grande cinema em duas salas de exibição menores que viriam a se tornar os

Cines Lido I e II. A obra, que aconteceu sob coordenação de Egon Prim, também previu a construção de uma galeria comercial que funcionaria no mesmo local que os cinemas (TRIBUNA DO PARANÁ,1983).

A solução de bipartir a sala, adotada pela CIC, foi um destino que muitos outros cinemas de rua no país também sofreram a partir da década de 1970, quando as salas começam a desaparecer das ruas e começam a migrar para os shoppings e galerias. À medida que as salas de cinema foram se esvaziando, algumas modificações precisaram ser adotadas para reduzir custos e aumentar o lucro das exhibições. “Com os necessários cortes de gastos, foram sumindo muitos rituais: a abertura das cortinas, o toque do gongo, o apagar gradual das luzes, a figura do lanterninha dentre outros.” (SOUSA, 2013, p. 173). Todas essas mudanças aconteceram na expectativa de manter o público cativo com uma maior rotatividade de títulos e maximizar os lucros com a oferta de mais sessões.

Em sua reinauguração, no dia 04 de fevereiro de 1984, agora como Lido I e II, foram exibidos os filmes "Os Embalos de Sábado à Noite" (Saturday Night Fever, 1977), de John Badham, no Lido I, e "O Cristal Encantado" (The dark crystal 1982), filme infanto juvenil de Jim Henson e Frank Oz, no Lido II (TRIBUNA DO PARANÁ,1984a). A escolha das sessões explicitaram o desejo de renovar, não só o espaço dos cinemas, como também o público que o frequentava. Eventualmente o Lido, mais uma vez, seguiu o destino de muitos outros cinemas de rua no Brasil e a sala passou a funcionar exclusivamente com a exibição de filmes pornográficos. Atualmente o Lido I e II funcionam no local onde funcionara o Cine Scala, com exhibições diárias de filmes pornô e show de striptease (CRISTO; MIYAKAWA, 2010).

### 1.2.11 Cine Rivoli.



FIGURA 28. Antigo Cine Rivoli, 2021.

FONTE: Acervo pessoal

O Cine Rivoli ficava localizado na Rua Emiliano Pernetá, 47, na primeira quadra da rua, próximo ao Museu de Arte Contemporânea (esquina com a Praça Zacarias) e esquina com a Rua Voluntários da Pátria, que fazia ligação à Praça General Osório, onde tinha a maior concentração de salas de cinema da Cinelândia Curitibana. Foi inaugurado em 1961 com "O Último Tango"<sup>16</sup> (Mi último tango, 1960), de Luis César Amadori, e construído pela Empresa Cinematográfica Sul, de Paulo Sá Pinto - que também era dono de outros cinemas da Cinelândia Curitibana (Avenida, Marabá, Ritz, Glória e América). Em 1965, Sá Pinto vende seus cinemas para a Fama Filmes, que fica responsável pela administração do Rivoli até seu fechamento (TRIBUNA DO PARANÁ, 1980d; 1982).

Rivoli fechou suas portas em 03 de janeiro de 1982, num domingo, exibindo "A Rainha do Sadismo", por Elias Milonaco. A sala, que originalmente era frequentada por um público mais familiar da elite e classe média, fecha na decadência, exibindo uma produção pornoerótica italiana. A Fama Filmes optou por não continuar com o cinema depois que o prédio que pertencia à família Kruskoski foi vendido, uma vez que o aluguel do espaço estava caro e não era mais possível pagá-lo com o lucro gerado pelo cinema. Na época de seu fechamento o espaço

<sup>16</sup> também traduzido como "Meu Último tango" (IMDB, 2021).

virou uma magazine, e assim permaneceu por aproximadamente 40 anos. Atualmente o espaço onde era o cinema funciona uma sede do Procon Paraná (TRIBUNA DO PARANÁ, 1982).

### 1.2.12 Cine Vitória.



FIGURA 29. Cine Vitória, déc. de 1960.  
FONTE: Acervo MIS-PR

O Cine Vitória foi inaugurado em 1963, localizado na Rua Barão do Rio Branco - o mais distante dos cinemas da Cinelândia Curitibana. Aramis Millarch considerava o Vitória a sala mais luxuosa da Cinelândia: era a maior sala de todos os cinemas, possuindo 1800 lugares. Ao longo de seus 23 anos de funcionamento, 15 mil filmes foram exibidos no Vitória. Além de cinema, o local também foi idealizado para ser uma casa de espetáculos, mas de fato poucas apresentações aconteceram lá. Dos lembrados e registrados pelo jornalista, encontram-se o concerto histórico da Sinfônica de Utah, e duas edições do "Tribunoscope de Ouro" - prêmio organizadas por Júlio Neto, João Feder e Henrique Lemanski, do jornal Tribuna do Paraná, há 20 anos. (TRIBUNA DO PARANÁ, 1986b; 1987a).



FIGURA 30. Prêmio Tribunascope, em primeiro plano Janet Leigh, 13 de abril de 1964.  
FONTE: Acervo MIS-PR.

A segunda edição do prêmio aconteceu em 13 de abril de 1964 e contou com a presença das estrelas hollywoodianas Janet Leigh, Anthony Perkins e Karl Malden, que vieram ao Brasil promover a estréia do filme "Psicose" (Psycho, 1960), de Alfred Hitchcock. Os atores deixaram impressões de suas mãos, além de assinaturas, no que viria a ser a "calçada da fama" do Cine Vitória, tal qual se fazia no Chinese Theatre, na Hollywood dos anos dourados. Depois do fechamento do cinema, a "calçada da fama" foi retirada do Vitória e passou um tempo no teatro Guaíra, porém não esteve em exposição ao público que frequentava o teatro (TRIBUNA DO PARANÁ, 1986b; 1987a). Atualmente, a "calçada da fama" retornou para o espaço que outrora fora o Vitória, protegida por um projeto de preservação junto ao departamento de museologia da UNESPAR (JORNAL PLURAL, 2020).



FIGURA 31. Prêmio Tribunascope no Cine Vitória, 13 de abril de 1963.

Da esquerda para a direita: Irma Alvarez, Vanja Orico, Jecé Valadão, Anthony Perkins, Janet Leigh e Karl Malden.

FONTE:Acervo MIS-PR.



FIGURA 32. Calçada da Fama Cine Vitória, 2020.

FONTE: Acervo Pessoal Fernando Severo



FIGURA 33. Calçada da Fama Cine Vitória, 2020. Assinatura Janet Leigh.  
FONTE: Acervo Pessoal Fernando Severo

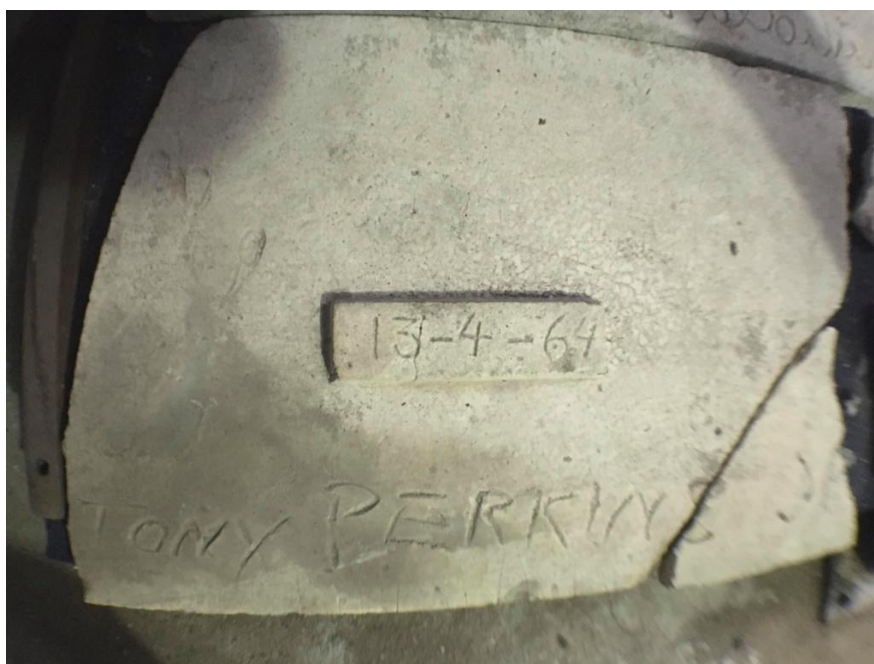


FIGURA 34. Calçada da Fama Cine Vitória, 2020. Assinatura Anthony Perkins.  
FONTE: Acervo Pessoal Fernando Severo.



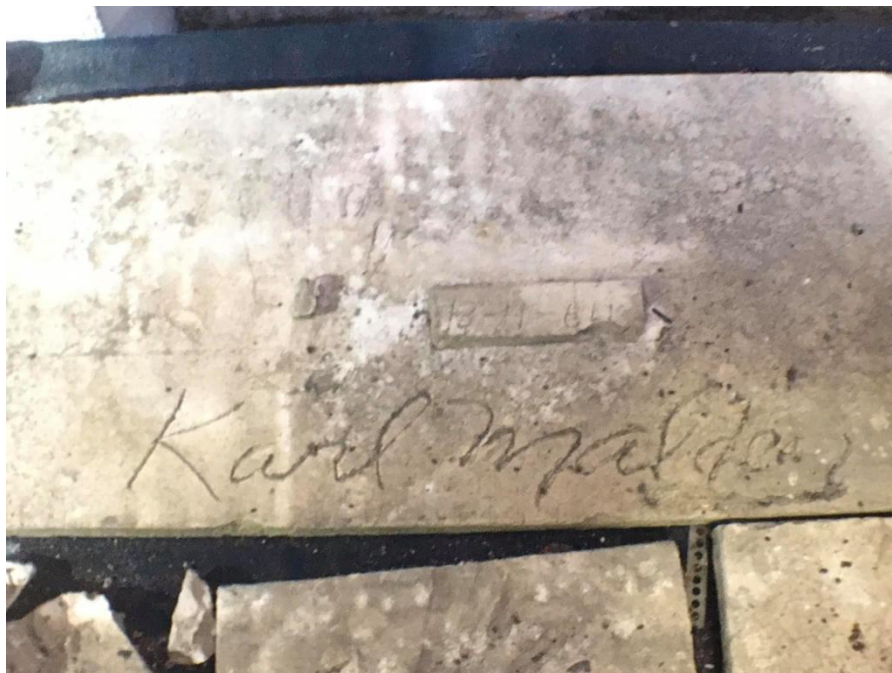


FIGURA 35. Calçada da Fama Cine Vitória, 2020. Assinatura Karl Malden.  
FONTE: Acervo Pessoal Fernando Severo

O Cine Vitória foi vendido em 19 de novembro de 1986 pelos herdeiros da família Johnscher e os irmãos Aleixo e Arnaldo Zonari, donos da Fama Filmes, para o Estado do Paraná, por Cz\$ 35 milhões. O trâmite final da compra, que aconteceu em uma solenidade no Palácio Iguazu, contou com a presença do governador João Elísio e do secretário Fernando Miranda, da Indústria e Comércio, que oficializaram e coordenaram o projeto de transformar o cinema no tão sonhado centro de convenções, que funciona até hoje neste mesmo espaço (TRIBUNA DO PARANÁ, 1986b; 1987a).

## 1.2.13 Cine Glória



FIGURA 36. Antigo Cine Glória, 2021.

FONTE: Acervo Pessoal.

O Cine Glória ficava na Travessa Moreira Garcez e foi inaugurado em 20 de junho de 1963, com a comédia "Volta Meu Amor" (Lover Come Back, 1961), de Delbert Mann. Para Aramis Millarch, quando a entrada do cinema passou para a Praça Tiradentes, houve uma queda na qualidade da programação. A sala pertencia à Cinematografia Sul, empresa de Paulo Sá Pinto, no entanto o imóvel pertencia a Rosy Pinheiro Lima, que também era dono do imóvel onde mais tarde se instaurou o Excelsior, na Rua Saldanha Marinho. O jornalista relata sua memória dos melhores filmes que assistiu no Glória em um artigo escrito em 09 de junho de 1991, em função do incêndio que destruiu o cinema, atentando sobre como esse cinema, no começo de seu funcionamento, era uma sala do circuito de artes de Curitiba (TRIBUNA DO PARANÁ, 1991e).

Se em 1963, "Eva" de Joseph Losey, com seu clima noir e trazendo Jeanne Moreau no auge de uma interpretação como femme fatale, foi o grande destaque de sua programação, no ano de 1964, quando a política atingia os pontos mais incandescentes nas semanas pré-golpe, o que a inteligentza jovem da cidade discutia era os significados propostos por Michelangelo Antonioni na terceira parte de sua chamada trilogia da incomunicabilidade, "O Eclipse", que estreou no Glória em 29 de fevereiro - (pois 64 foi um ano bissexto). Uma produção marcante do chamado grupo angry young men - "Tudo começou num Sábado"(Saturday Night, Sunday Morning / 1960) de Karel Reisz chegava ali duas semanas depois e, em 4 de abril, muitos intelectuais de esquerda apesar

de tensos (e assustados) com o golpe que havia derrubado Jango, foram assistir a versão que Orson Welles fez de "O Processo" de Franz Kafka. Mas o grande acontecimento cinematográfico do ano foi a 1o de agosto: "Oito e Meio" de Fellini explodia com toda a sua força em várias semanas de exibição. Em 1964, entre outros filmes marcantes que atraíram um público intelectualizado, por ali passaram "O Repouso do Guerreiro" (Roger Vadim), "Os Condenados de Altona" (de Vitória De Sica, baseado em Sature), "Fruem, Além da Alma" de John Huston, "O Leopardo" de Luchino Visconti, "Os Sete Pecados Capitais" (de vários diretores) e, incompreendido na época, "Uma Mulher para Dois" (Jule et Jim) , a obra prima de François Truffaut. Incompreendido também foi outro momento da nouvelle vague, "A Garota dos Olhos de Ouro" de Jean Gabriel Albicoco - com sua mulher (Marie Laforeet). Albicoco acabaria vindo morar no Brasil em 1971 e agora, como presidente da distribuidora Belas Artes deve voltar a Curitiba nas próximas semanas para aceitar a integração do cine Ritz no seu circuito de cinemas de arte - voltados e exibiu prioritariamente a nova produção européia. Em 1965, prosseguiram os grandes filmes no glória: "A Visita", que Bernard Wicki realizou inspirado em Durrenmatt; "O Grito" de Antonioni; "Com a Maldade na Alma" de Robert Aldrich; "A Fonte da Donzela" de Bergman. John Schelesinger, cineasta inglês hoje consagrado - mas que em 1963 havia vindo a Curitiba para fazer uma conferência na Cultura Inglesa aplaudida por apenas 15 pessoas (entre os quais este repórter), passava a ser mais considerado quando seu emocionante "Ainda Restava Uma Esperança" estreou em 25 de abril. Em 1966, com a Franco Brasileira passando a fazer lançamentos no Plaza (que havia sido inaugurado em 22 de dezembro de 1964), os filmes de arte deixaram de ser programados no cinema da travessa Marumbi. Uma das raras exceções foi a reprise de "O 3o Homem", de Carol Reed, ali lançado em 5 de março. Em 1967, do mesmo Antonioni que trocava o universo hui clos pela swinging London, de "Blow Up...Depois Daquele Beijo", chegava em 24 de outubro mas seria um dos últimos grandes filmes artísticos a ter exibição no Glória (TRIBUNA DO PARANÁ, 1991e).

Cristo e Miyakawa (2010) registram que o cinema teria sido bipartido em 1982, dando origem ao Glória I e II, que existiram até 1991, embora as salas fecharam depois do incêndio. As autoras também apontam uma reabertura dos cinemas em 1993, mas as salas teriam fechado novamente, ainda que o livro não identifique essa data. Até o momento não foi possível identificar a data de fechamento desses cinemas nas fontes consultadas. Atualmente, no local onde ficava o Glória, existe uma galeria comercial.

### 1.2.13 Cine São João e Cine Plaza



FIGURA 37. Antigo Cine São João, 2021.

FONTE: Acervo Pessoal

Apesar de serem alguns dos cinemas mais recentes da Cinelândia, não foi possível encontrar muitas informações sobre eles nas fontes consultadas, exceto pelos anos de abertura e fechamento, assim como suas localizações geográficas. O mais antigo deles foi o Cine São João, que ficava localizado na Rua Desembargador Westphalen, 165. O cinema, que pertencia à ORCOPA, foi inaugurado em 1963 e possuía 800 assentos. Em sua sessão de estreia, exibiu "A volta ao Mundo em 80 Dias", de Michael Anderson. O São João era propriedade de Ismael Macedo Seiller Bettega (TRIBUNA DO PARANÁ, 1982). Assim como muitos outros, no final de seu funcionamento, o cinema realizava a exibição de filmes pornográficos. Fechou suas portas no dia 02 de março de 2006 (PINHEIRO, 2010). Atualmente, no espaço onde era o cinema, funciona uma loja de cosméticos.



FIGURA 38. Cine Plaza, anos 2000.

FONTE: gazetadopovo.com.br

O Cine Plaza ficava localizado na Praça General Osório e foi inaugurado em 22 de dezembro de 1964. O cinema foi criado por iniciativa da ORCOPA, em um terreno pertencente à Associação dos Servidores Públicos do Estado do Paraná. Sua sessão inaugural foi com o filme *Moscou contra 007* (*From Russia with love*, 1963), de Terence Young. O Plaza fechou em 12 de maio de 2006 e, atualmente, o espaço funciona como uma sede da Universidade Positivo (TRIBUNA DO PARANÁ, 1980d; 1991e).

### 1.2.14 Cine Scala



FIGURA 39. Antigo Cine Scala, 2021.  
FONTE: Acervo Pessoal

O Cine Scala fica localizado na Rua Riachuelo, esquina com a Travessa Tobias de Macedo, e é, dentre os cinemas que faziam parte do circuito da Cinelândia, o mais antigo ainda em funcionamento na cidade. O cinema foi inaugurado com uma sessão do musical "Oliver" (Oliver!, 1968), de Carol Reed. O Scala originalmente tinha a proposta de ser um "cinema de arte". Lá foi implementado o projeto "Cinema I", que o crítico Alberto Shatoviski e Hanny Rocha desenvolveram no Rio de Janeiro, nas salas de cinema que depois se tornaram os Cinemas Estação, no bairro de Botafogo (TRIBUNA DO PARANÁ, 1986b; 1991e).

Em 1973 a exibição do circuito “Cinema I”, no Scala, foi transferida para outro cinema, o Cine Excelsior, na Saldanha Marinho. O Scala passou a funcionar sob a administração da Fama Filmes e sua primeira sessão sob nova direção, em março de 1973, foi com o filme "O Diabo a Quatro Mãos"<sup>17</sup> ( Duck Soup,1933), de Leo McCarey (TRIBUNA DO PARANÁ, 1974). Atualmente, no local onde era o Scala, funciona o Cine Lido I e II, que exhibe filmes pornográficos e show de striptease.

### 1.2.15 Cine Condor



FIGURA 40. Antigo Cine Condor, 2021.  
FONTE: Acervo Pessoal

O Cine Condor ficava localizado na Rua Cruz Machado, esquina com a Rua Ébano Pereira, e foi inaugurado em 07 de fevereiro de 1971 com o filme “O Passageiro da Chuva” (Le passager de la pluie,1970), de René Clément. O cinema pertencia ao Grupo Condor, da família Verde Martinez, que em outubro de 1976 vendeu seu circuito exibidor com duas salas, em Curitiba: o Condor e o Lido - que havia sido comprado em 1973, de Homero Oliva (TRIBUNA DO PARANÁ, 1980d).

<sup>17</sup> Também traduzido para o português como “O diabo a quatro” (IMDB, 2021).

### 1.2.16 Cine Excelsior e Cinema I



FIGURA 41. Antigo Cine Excelsior e Cinema I, 2021.

FONTE: Acervo Pessoal

O Cine Excelsior ficava localizado na Rua Saldanha Marinho, 698. Inaugurado em 1971 com a comédia "A Espiã que caiu do Céu"<sup>18</sup> (Fathom, 1967), de Leslie H., o cinema foi construído pela Fama Filmes, em associação com Rosy Pinheiro Lima, que era dona do imóvel onde funcionaria o cinema (além de também ser dona do imóvel onde funcionava o Cine Glória). O Cine Excelsior funcionou até 1974 e, no ano seguinte, a sala reabriu como Cinema I, fazendo parte do circuito de Alberto Shatoviski e Hanny Rocha - que também acontecia em outras cidades, como Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O Cinema I funcionou até 1987, mas fechou algumas vezes ao longo dos anos: em 1980; em 1985, com a exibição do musical infanto-juvenil "Annie" (1982), de John Huston; e, por fim, em 03 de setembro de 1987 a sala reabriu pela última vez com a exibição de "Betty Blue 37, 2 da Manhã" (Betty Blue 37°2 le matin, 1986), de Jean-Jacques Beineix (TRIBUNA DO PARANÁ, 1975; 1980e; 1985a; 1987b). Atualmente o imóvel onde funcionava o cinema está vazio com uma placa de "aluga-se para fins comerciais".

<sup>18</sup> Também traduzido como "A espiã que veio do céu"(IMDB, 2021).



## 1.2.17 Cine Bristol



FIGURA 42. Cine Bristol.

FONTE:extremumproducoes.com.br

O Cine Bristol inaugurou em 1976 na Rua Mateus Leme, 127, no mesmo edifício onde antes funcionara o Cine Marabá (1947 - 1973) e anteriormente foi o antigo Theatro Hauer - que contava com exhibições de companhias itinerantes de cinematógrafo, no começo do século XX. Para a abertura do Bristol a sala passou por uma reforma e foi modernizada, passando a comportar ar condicionado e novas poltronas. Sua capacidade de lotação sofreu uma redução de 900 para 600 assentos, garantindo um maior conforto para o público. Na época, Arnaldo Zonari, arrendatário da casa, investiu mais de Cr\$ 300 mil. A abertura aconteceu num sábado, dia 22 de maio, com os filmes "A Volta da Pantera Cor-de-Rosa" (The return of the Pink Panther, 1975), de Black Edwards; "Os 3 dias do Condor" (Three Days of the Condor, 1975), de Sydney Pollack; e "Barry Lyndon" (1975), de Stanley Kubrick (TRIBUNA DO PARANÁ, 1976a).

Em 1986 a Fama Filme, empresa administradora da sala, fecha o Bristol para uma reforma de melhorias no espaço. O projeto era do arquiteto Rodolfo Doubek e a previsão de

reabertura estava prevista para o primeiro trimestre de 1987 (TRIBUNA DO PARANÁ, 1987a). As autoras Cristo e Miyakawa (2010) apontam que o fechamento da sala ocorreu em 1987, entretanto, a última menção encontrada sobre o cinema foi uma sessão especial de estreia do filme “Cinema Paradiso” (Nuovo Cinema Paradiso, 1988) de Giuseppe Tornatore, que aconteceu em 1988. A sessão especial contou com a presença de Francisco Morilha, mais conhecido como Seu Paquito, que trabalhou como projetorista por anos em vários cinemas de Curitiba. Além de tal ilustre figura, na sessão também estavam outros colegas de profissão e membros da comunidade cinematográfica curitibana, como Zito Alves (TRIBUNA DO PARANÁ, 1991c). Depois do fechamento, cuja data não foi identificada, o Bristol virou uma igreja por alguns anos e, atualmente, no espaço, funciona um estacionamento (CRISTO;MIYAKAWA, 2010).

#### 1.2.18 Cine Astor



FIGURA 43. Cine Astor.

FONTE: [circulandoporcuritiba.com.br](http://circulandoporcuritiba.com.br)

O Cine Astor foi o último cinema a ser inaugurado na Cinelândia Curitibana, em 30 de março de 1977, com a exibição do filme "Todos os Homens do Presidente" (All The President 's

Men, 1976), de Alan J. Pakula. O cinema de 500 lugares, administrado pela Fama Filmes, ficava localizado na Rua Voluntários da Pátria, 262, no mesmo local onde anos antes funcionou o Cine Palácio, no edifício Moreira Garcez. No início de seu funcionamento a sala exibia os filmes da Gaumont, que antes eram exclusivos do cinema do Shopping Itália. (TRIBUNA DO PARANÁ, 1984b). O Cinema também era famoso por suas sessões da meia noite, sempre na madrugada de sexta feira para sábado, exibindo filmes de terror ou shows de música. A última sessão do Cine Astor aconteceu em 2000, com a exibição do filme “A lenda do Cavaleiro sem cabeça” (Sleepy Hollow 1999), de Tim Burton.

### 1.3 Os cinemas da Fundação Cultural de Curitiba: a retomada dos cinemas de rua

#### 1.3.1 A Criação da Fundação Cultural

Nos anos 1970 a cidade de Curitiba passou por uma série de mudanças urbanas e sócio culturais que possibilitaram a criação de espaços para a realização de atividades culturais, como teatros, parques, museus e outros. Como consequência surgiu a necessidade da criação de um órgão para o gerenciamento desses espaços culturais criados pela prefeitura. Em 05 de janeiro de 1973 é estabelecida a Fundação Cultural de Curitiba - FCC (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2013).

Pouco tempo depois, em 1975, inaugura-se a Cinemateca do Museu Guido Viário. Durante o processo do declínio dos cinemas de rua em Curitiba, a FCC desempenhou um papel crucial na resistência e preservação de espaços dedicados à exibição cinematográfica. O mais expressivo foi o apoio à Cinemateca, fundada por Valêncio Xavier e Aramis Millarch em 22 de abril de 1975. Originalmente a Cinemateca funcionava no Museu Guido Viário e somente nos anos 1990 se mudou para sua sede atual, na rua Carlos Cavalcante. Desde sua inauguração a Cinemateca é um local de referência para a preservação e difusão das obras do cinema paranaense (CRISTO; MIYAKAWA, 2010).

A cinemateca funcionava no subsolo do museu, possuindo um auditório com 110 lugares, intitulado Arnaldo Fontana, em homenagem ao crítico de cinema. Ali se faziam projeções de

35mm e de 16mm. Além do espaço para a exibição, o local contava com duas salas de trabalho e depósito climatizado para o acondicionamento do acervo filmico. Valêncio, que foi o primeiro diretor da instituição, criou um sistema de associação à cinemateca que dava como benefício aos associados o direito de assistir às sessões que aconteciam de terça a domingo, às 20:30. Os sócios que possuíam a carteirinha da cinemateca pagavam uma mensalidade de CR\$10,00 e os estudantes podiam pagar meia. Havia, também, sócios honorários, como o prefeito de Curitiba e os conselheiros e diretores da FCC, que não precisavam pagar a mensalidade. (CARVALHO, 2018).

O sistema de afiliação à cinemateca proposto por Valêncio estabeleceu um vínculo de fidelidade com o público que a frequentava. A programação exibida era também composta por uma cinematografia diferenciada, uma vez que, naquela época, o número de salas de cinema com uma programação de arte em Curitiba já era reduzido. O trabalho de preservação de filmes dos pioneiros do cinema paranaense também eram exibidos nas sessões, proporcionando a difusão da filmografia produzida no estado, inspirando e influenciando a produção de futuros cineastas que fizeram parte da geração cinemateca.

### 1.3.2 Os Cines Groff, Luz e Ritz

#### 1.3.2.1 Cine Groff

Na década 1980, graças ao apoio da prefeitura de Curitiba, a Cinemateca abriu sua primeira sala de Cinema no centro da cidade, na Rua XV de Novembro, bem próximo aos antigos cinemas da Cinelândia Curitibana, que já tinham começado a desaparecer na década anterior. O primeiro deles foi o Cine Groff, que inaugurou em 1981 e funcionava dentro da Galeria Scheffer. O nome da sala prestava uma homenagem ao pioneiro do cinema paranaense, João Baptista Groff. O cinema funcionou na Galeria Scheffer até 1997, quando foi fechado (CRISTO;MIYAKAWA, 2010).

### 1.3.2.2 Cine Ritz



FIGURA 44. Cine Ritz FCC, déc. 1980.  
FONTE: Acervo Casa da Memória

O Cine Ritz foi inaugurado em 1985, em função de um acordo com a prefeitura e a empresa C&A, que deveria oferecer uma contrapartida social ao construir sua nova loja na Rua XV de Novembro. O nome do cinema era uma homenagem ao antigo Cine Ritz, que havia funcionado na Cinelândia Curitibana bem próximo onde esse novo cinema foi instalado, e foi demolido em função de uma obra que alargava a Rua XV de Novembro. O Cinema, cuja entrada ficava ao lado da loja de roupa, foi inaugurado com a exibição do documentário de Eduardo Coutinho "Cabra marcado para morrer" (1984). A sala possuía 300 poltronas, ar-condicionado e moderno equipamento de proteção. O Ritz também era conhecido por sua sessão da meia noite, que acontecia nas sextas feiras e atraía o público jovem, que lotava a calçada da Rua XV de Novembro. Nos anos 2000 o público das salas foi diminuindo e, em abril de 2005, o Ritz fechou suas portas com a famosa última sessão do filme "A casa dos bebês" (2003), que não teve nenhum espectador (CRISTO;MIYAKAWA, 2010).

### 1.3.2.3 Cine Luz



FIGURA 45. Cine Luz FCC, déc. 2000.  
FONTE: Acervo FCC

O Cine Luz, também inaugurado em 1985, ficava localizado na Praça Santos Andrades. Esse cinema também foi fruto de um acordo da prefeitura com uma empresa privada, dessa vez o Banco Citibank. Assim como Ritz, o nome Luz também prestava uma homenagem a um antigo cinema, originalmente localizado na Praça Zacarias. A sala era menor, com 150 lugares - metade da capacidade do Ritz. Sua inauguração foi com uma sessão dupla e contou com a estreia do filme "A marvada carne" (1985), de André Klotzel, seguida pela exibição do documentário "De pai para filho" (1982), de Alessandro e Vittorio Gassman. O Cine Luz resistiu por mais 5 anos até que, em 2009, também foi fechado. Na época do seu fechamento a FCC prometeu que um novo cinema seria reaberto na rua Riachuelo, entretanto a concretização da promessa só aconteceu 10 anos depois (CRISTO;MIYAKAWA, 2010).

### 1.4 O desaparecimento dos cinemas de rua

O desaparecimento dos cinemas de rua das cidades foi um fenômeno nacional que fez parte da crise do mercado de exibição cinematográfica. Segundo Sousa (2013), muitos fatores

podem ser apontados para o fechamento das salas de cinema de rua no país, tais como: o crescimento da indústria televisiva, a especulação imobiliária, a falta de segurança nas ruas, a TV à cabo, o crescimento das vídeo locadoras, o preço dos ingressos, a defasagem tecnológica das salas, entre outros.

Um fenômeno experimentado nacionalmente e ligado ao afastamento do público por motivos distintos: a presença cada vez mais marcante da televisão no cotidiano da população, a entrada em cena do videocassete e das TVs por assinatura e o aumento nos preços dos ingressos dentre outros (SOUSA, 2013, p. 171).

À medida que somem das ruas das cidades, outros espaços de exibição cinematográfica vão surgindo em galerias comerciais e shoppings centers. Desde sua gênese a forma de se consumir, projetar, fazer e experienciar o cinema está em constante mudança. Os cinemas deixam de ser Palácios Cinematográficos e passam a seguir o padrão *Multiplex*, com várias salas de cinema concentradas no mesmo espaço de exibição. No Brasil, na década de 1990, auge da crise do mercado cinematográfico, somente 7% dos municípios possuíam salas de cinemas, não necessariamente nas ruas. As antigas salas de cinema começaram a ser demolidas, ou seus espaços foram adaptados para abrigar outros comércios, e muitas chegaram a se tornar templos religiosos. Com a mudança dos cinemas de rua para os *shoppings*, o espaço físico onde a experiência cinema é projetada, bem como toda a estrutura montada ao seu redor, sofreu grandes modificações. Consequentemente, os padrões socioculturais que envolvem o hábito de frequentar tal espaço foram modificados.

Um dos instrumentos utilizados como uma maneira de tentar preservar esses espaços foi o tombamento, que se trata de um ato administrativo que registra e garante a proteção do patrimônio realizado pelo Estado, nos níveis federal, estadual ou municipal (IPHAN, 2021). Esse processo se dá através da patrimonialização de um bem cultural, sendo ele sempre resultado de um ato de vontade realizado pelo Poder Público concretizado por meio legal: o tombamento. Desse modo, pode-se estabelecer que a patrimonialização é uma construção voluntária, de caráter seletivo e político, vinculada a um esquema de atribuição de valores culturais, ideológicos, religiosos, econômicos etc. Bem cultural é entendido, de acordo com a Recomendação Paris de Obras Públicas ou Privadas, de 19 de novembro de 1968 (CARTA Patrimonial de Paris), como

um “produto e testemunho às diferentes tradições e realizações intelectuais do passado e constituem, portanto, um elemento essencial da personalidade dos povos.” A partir dessa afirmação podemos interpretar os antigos cinemas da Cinelândia Curitibana como bens culturais, inseridos dentro da tipologia de monumentos históricos tanto pela sua função de cinema, quanto pela sua relevância histórica e cultural, arquitetônica. O Instituto de Proteção ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, considera o patrimônio cultural um conceito abrangente, que envolve diversos aspectos da vida humana, tanto material quanto imaterial:

O patrimônio cultural não se restringe apenas a imóveis oficiais isolados, igrejas ou palácios, mas na sua concepção contemporânea se estende a imóveis particulares, trechos urbanos e até ambientes naturais de importância paisagística, passando por imagens, mobiliário, utensílios e outros bens móveis (IPHAN, 2009).

Por este motivo é possível realizar uma das mais importantes distinções que se pode fazer com relação ao patrimônio cultural, pois sendo ele diferente das outras modalidades da cultura restritas apenas ao mercado cultural, apresenta interfaces significativas com outros importantes segmentos da economia como a construção civil e o turismo, ampliando exponencialmente o potencial de investimentos (IPHAN, 2009). Dentro do conceito de Patrimônio Histórico, os cinemas da Cinelândia Curitibana poderiam ser inserido na tipologia denominada Monumento Histórico, que segundo a definição da Carta Patrimonial de Veneza de maio de 1964,

Artigo 1º - A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só as grandes criações, mas também as obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação.

Pensando nessa definição de momento histórico os cinemas são relevantes, por serem um testemunho material, de uma história e acontecimentos, uma vez que o cinema é uma invenção da modernidade. E se pensamos nas edificações cinemas elas também podem ser consideradas



como monumentos pois enquanto bens móveis suas características arquitetônicas também trazem um marco temporal e estico em suas construções.

Dos cinemas citados nos subcapítulos anteriores, somente dois deles tiveram seus edifícios tombados pelo município, em 1974: o Edifício Moreira Garcez (primeiro arranha-céu de Curitiba), onde costumava ser o Cine Palácio, construído em 1926; e o Edifício Avenida, construído em 1929, onde anteriormente funcionou o Cine Avenida. O tombamento faz parte do conjunto arquitetônico que foi denominado em seu registro como "Paisagem Urbana da Rua XV de Novembro", que contempla o trecho que passa pela Praça Osório, segue pela Avenida Luiz Xavier, Rua XV de Novembro, até a Praça Santos Andrade (SECRETARIA DA COMUNICAÇÃO SOCIAL E DA CULTURA, 2020).

Nesse caso, o tombamento previu que somente as fachadas das edificações fossem preservadas, tendo o interior modificado, ou seja, não de fato se preservou as características arquitetônicas típicas de um espaço de exibição cinematográfica. A constituição brasileira não prevê o "tombamento de uso", portanto somente o tombamento das características arquitetônicas de um bem imóvel são preservadas por lei (BRASIL, 2006). Ou seja, o tombamento, como forma de ferramenta de preservação de um cinema de rua, não garante sua funcionalidade enquanto cinema, somente da preservação de seu espaço físico – como foi o caso dos cinemas citados acima, que agora, em seus espaços, abrigam outra forma de comércio.

Outra questão relevante a se pensar quando se fala sobre o tombamento de uma edificação de propriedade particular, como é o caso dos cinemas mencionados nos subcapítulos anteriores, é que a obrigatoriedade do custeio da manutenção desse bem fica a cargo dos proprietários e não do Estado. Um cinema de propriedade particular ser uma edificação tombada não é incomum no Brasil, contudo fatores como especulação imobiliária, o alto custo na manutenção de um edifício histórico e outras questões relacionadas a rentabilidade comercial do uso do espaço influenciam no processo de tombamento desses espaços.

Compreendendo os cinemas da Cinelândia Curitibana como bens culturais passíveis de patrimonialização, eles se tornariam um suporte de informação, armazena memória de outros tempos, de uma história (CHAGAS, 1994). O patrimônio, ou os bens culturais, transformam-se em um dos indicadores da memória coletiva, tornando-se o mediador entre o passado e o presente, entre as manifestações culturais e os grupos sociais. (POLLACK, 1989). Fica o

questionamento, quando esses espaços, que são de grande importância para a memória e história de uma local quando não são patrimonializados, o que acontece com essa memória, onde ela vive? O Estado, responsável por viabilizar esse processo, de fato serve ao interesse da sociedade quando patrimonializa um bem ao tombá-lo ?

Os cinemas de rua, que eram tão populares no passado, são raros hoje em dia, mas ainda existem. “A situação cinema não é mais a mesma, o ‘lugar’ do cinema não é mais o mesmo [...] Ainda há espaço para esses cinemas nas ruas? Esquecemos aquelas salas?” (SOUSA, 2013, p. 19). As questões apontadas pela autora possibilitam refletir sobre o cinema, sobre o espaço do cinema de rua nos dias atuais. Os questionamentos levantados pela autora são algumas das questões que pretendemos aprofundar no terceiro capítulo da dissertação, onde trataremos das questões teóricas. A autora define cinema de rua como “sala de espetáculos cinematográficos localizada tradicionalmente nas ruas das cidades, cuja porta de entrada se abre diretamente para uma via pública”. (SOUSA, 2013, p. 226). Já para Ferraz (2016c), os cinema estão ligados a uma série de processos, sociais, culturais e econômicos que produziram e modificaram as urbes citadinas ao longo dos anos. E os cinemas de rua fazem parte dessa história do cinema e dos espaços urbanos.

Apesar dos cinemas de rua em Curitiba terem vivido sua era áurea durante os anos 1930 a 1960, quando tiveram 13 cinemas em funcionamento (o maior número até então registrado no perímetro compreendido como a Cinelândia Curitibana), as décadas de 1970 a 2000 representaram o período do declínio e precarização desses espaços de exibição. Conforme os cinemas começaram a fechar, muitos deles passaram a exibir filmes pornográficos e saíram do circuito comercial. Por quase uma década, até a abertura de um novo local neste formato, não foi possível frequentar nenhum cinema de rua em Curitiba. Por isso o Cine Passeio foi tão importante em seu funcionamento, uma vez que pôde trazer de volta a saudosa possibilidade de se experimentar novamente o cinema dessa forma única.

## Capítulo II - Cine Passeio, a volta do cinema às ruas

### 2.1 A nova história do cinema

Nos últimos anos, é cada vez mais expressivo o número de publicações que pensam a relação entre o espaço cinema e o público, entendendo o cinema como um “equipamento coletivo de lazer” (FERRAZ, 2012). Autores como João Luiz Vieira, Talitha Ferraz, Rafael de Luna, Márcia Bessa, e outros, trazem em seus trabalhos um levantamento do histórico, trajetória de funcionamento, público, mapeamento e catalogação das salas de cinema. Os autores mencionados possuem trabalhos significativos sobre estudos da prática da ida ao cinema (FERRAZ, 2016b) e a história dos cinemas de rua da cidade do Rio de Janeiro, Niterói, além de outros cinemas em diferentes cidades do Brasil, ou mesmo fora do país.

No Brasil, um dos pioneiros nesse tipo de pesquisa foi o autor carioca João Luiz Vieira. Pesquisador e professor da Universidade Federal Fluminense, cunhou o termo “histórias de cinemas”. Em 1982, realiza a pesquisa de sua autoria, em conjunto com a pesquisadora Margareth Pereira, “Espaços do sonho: arquitetura dos cinemas no Rio de Janeiro 1920-1950”. Em 1986 a EMBRAFILME lançou uma edição da revista “Filme e Cultura” trazendo textos de autores que pesquisaram as histórias das salas de cinema e a história das exibição cinematográficas do Brasil.

Nos últimos quarenta anos, um número extenso de pesquisas acerca das histórias das salas de cinema e seus públicos tem sido produzido, assim como a participação ativa desses pesquisadores no processo de mapeamento, preservação e reabertura dos cinemas de rua. É importante ressaltar que, dentro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual – SOCINE –, existiu um seminário temático exclusivo para essas pesquisas sobre a história do cinema através dos espaços de exibição, do mercado exibidor e das práticas socioculturais das audiências integradas à espetação cinematográfica e formas de projeção (SOCINE, 2020)<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> O seminário temático “Exibição cinematográfica, espectadorialidades e artes da projeção no Brasil”, foi realizado pela SOCINE durante os anos de 2020- 2022. Na SOCINE todos os seminários temáticos têm uma duração de um

Pesquisar a história do cinema e seus públicos, entendendo que frequentar o cinema envolve uma série de interações sociais que são mais amplas do que compreender a ida ao cinema como somente um consumo midiático, não é uma questão exclusiva do Brasil. Em *New cinema history*<sup>20</sup>, Maltby (2011) relata que, nos últimos 30 anos, os estudos da história do cinema pararam de ser exclusivamente sobre as obras fílmicas e começaram a integrar o espaço cinema e formas de consumo em uma triangulação que contempla os seguintes aspectos: o espaço cinema, o filme e o público. O mesmo indica a autora Talitha Ferraz, que vem desenvolvendo, desde o começo dos anos 2010, uma pesquisa sobre a memória da ida ao cinema nas salas de cinema de rua da cidade do Rio de Janeiro, entendendo que o hábito de frequentar o cinema envolve uma série de questões culturais, históricas, socioeconômicas, geográficas, etc.

Os estudos das práticas de ida ao cinema, têm estruturado uma série de pensamentos e análises historiográficas acerca da proeminência das salas de cinema nos contextos urbanos e do papel que tais equipamentos desempenham/desempenharam na construção de uma memória da espetação cinematográfica.(FERRAZ, 2016b, p.167).

O texto de Maltby (2011) faz do livro intitulado *Explorations in new cinema history*<sup>21</sup> (MALTBY, BILTEREYST, MEERS, 2011) uma coletânea que traz publicações de diferentes autores e múltiplas abordagens sobre o tema “a nova história do cinema” (MALTBY, 2011, p.3). O livro tornou-se uma das principais referências internacionais utilizadas para o estudo de histórias de cinemas, exibição e suas audiências. Como o próprio autor explicita, a *New Cinema History*, termo utilizado por eles para intitular essa corrente de estudo, se trata de uma nova historiografia cinematográfica. Contudo, o foco proposto não é repensar a história do cinema para além de somente a análise de obras cinematográficas. De acordo com Maltby (2011), essa corrente de estudo trouxe, também, uma nova abordagem às pesquisas de recepção e espectadorialidade cinematográfica, uma vez que não restringe o público somente à experiência de se assistir determinada obra fílmica, mas leva em consideração todos os ritos envolvidos no

---

biênio ou no contexto atual um triênio, no término desse período novas propostas são apresentadas para a formação de novos seminários.

<sup>20</sup> “Novas histórias do cinema”, tradução nossa.

<sup>21</sup> “Explorações na nova história do cinema”, tradução nossa.

ato de frequentar o cinema. Entretanto, a publicação *New Cinema History* se concentra em pesquisas e estudos realizados majoritariamente na Europa e Estados Unidos, salvo raras exceções, e se sairmos desse contexto, considerando que a abordagem de pesquisa já vem sendo realizada no Brasil há mais de quarenta anos, não poderíamos dizer que ela é nova. A mesma pode ser considerada nova pelos autores, mas devemos admitir a possibilidade de abordagens similares de pesquisas que podem ter sido realizadas em outros países da América Latina, ou Ásia e África. Também devemos ressaltar que o "novo" já não necessariamente pode ser considerado dessa forma, já que estamos falando de uma publicação lançada em 2011, o que foi há 11 anos atrás.

A presente pesquisa segue na linha de pesquisadores de *cinema-going*, ou, em tradução literal, como é usado no Brasil, estudos da ida ao cinema. O termo *cinema-going* antecede a *New Cinema History* e já era utilizado por pesquisadores da Europa e Estados Unidos, ligado aos *cinema-going-studies*<sup>22</sup> (FERRAZ, 2016a). Em 2004 foi criada a *Homer Network – The History of Moviegoing Exhibition and Reception*<sup>23</sup>, rede responsável por reunir pesquisadores internacionais de várias partes do mundo que investigam a ida ao cinema, exibição e recepção a partir de uma perspectiva multidisciplinar. Desde a sua fundação a rede organiza eventos, conferências e *workshops* (HOMER, 2020). Na presente pesquisa, nomearemos os *cinema-goers*, como público.

O cinema, quando se estabeleceu enquanto indústria de entretenimento de massa, precisou criar uma audiência fidelizada. O consumo dos filmes alimentava o mercado de produção e o lucro possibilitava a produção de mais filmes (MALTBY, 2011). Mais do que uma prática de consumo, frequentar o cinema tornou-se uma atividade que fazia parte da vida cotidiana de seus frequentadores. O ato de frequentar o cinema pode ser entendido como uma atividade cultural, como ir ao teatro, concertos, museus, etc. Como tal, tem o potencial de se tornar um costume que também está atrelado ao ato de socialização que frequentar esses espaços implica. “Em vez de vender filmes individuais, o cinema é compreendido como tendo vendido um hábito, um certo tipo de experiência de socialização” (LIPONEN; JEFIMOVA; RABELO, 2003, p.4, tradução nossa). Antes do advento de outras mídias audiovisuais, como televisão, vídeo e streaming, ir ao cinema era a principal forma de se consumir filmes.

---

<sup>22</sup> “Estudos da ida ao cinema”, tradução nossa.

<sup>23</sup> Projeto Homer- A história da ida ao cinema, exibição e recepção”, tradução própria.

À medida que a ida ao cinema se torna algo mais lembrado do que experienciado, nós somos lembrados que um dos aspectos mais marcantes da experiência cinema por 100 anos foi a sociabilidade (ALLEN, 2011, p.44 , tradução nossa).

Os autores Lipones; Fefimova; Rabelo (2003) definem *cinema-going* como o ato da ida ao cinema e *cinema-goers* como o público que possui o hábito de frequentá-lo. Para os autores europeus (Finlândia, Estónia e Portugal) que pesquisam *cinema-going*, em seus países de origem existe uma cultura cinematográfica, que se expressa através de certos hábitos relacionados a frequentar tal espaço, e eles buscam encontrar similaridades entres as audiências e seus ritos de ir ao cinema. O hábito de ir ao cinema está mais conectado aos aspectos socioculturais dos frequentadores, que vão além de somente ver um filme. O ato da ida ao cinema é cultural, transcende gerações ou localizações geográficas e suas memórias, sejam elas individuais ou coletivas – estão ligadas a uma afetividade relacionada à sociabilidade que aquela vivência e as experiências da ida ao cinema proporcionaram. A cultura de ir ao cinema é um elo de ligação em comum entre os *cinema-goers*, que compartilham ritos, interesses em comum acerca dos filmes que assistem, ou espaços onde assistem aos filmes, etc. Apesar de ser comum ver o termo *cinema-goers* em publicações escritas, não só em inglês, mas também em outras línguas estrangeiras, aqui optamos por utilizar a tradução literal, e chamaremos esse público de frequentadores de cinema, por entendermos os termos em inglês nem sempre são fáceis de tradução para contemplar a realidade brasileira.

Ferraz (2012) define cinema como equipamento urbano coletivo de lazer cinematográfico, evidenciando a sociabilidade da experiência cinema. No terceiro capítulo desta dissertação iremos analisar, a partir das memórias de especção do público, se existem similaridades entre as audiências do Cine Passeio e dos antigos cinemas da FCC por ele homenageados, como no nome de suas salas de exibição: Luz e Ritz.

A presente pesquisa segue seu desenvolvimento em consonância com a proposta da *New cinema history*, buscando integrar a contextualização histórica, os aspectos teóricos e metodológicos que envolvem a coleta e as análises de dados sobre o funcionamento do Cine Passeio, e o público que o frequenta (BILTEREYST; MEERS; VAN DE VIJVER, 2011). No

capítulo anterior realizamos um levantamento bibliográfico e documental para, inicialmente, mapear e contextualizar as histórias dos cinemas da Cinelândia de Curitiba, que serão revisitados quando tratarmos das memórias de espetação do público. No presente capítulo iremos tratar do processo de construção do Cine Passeio e sua programação; analisar as particularidades do Cine Passeio e ver o que, no processo de sua criação, segue em comum com outros casos de abertura ou reabertura de cinemas de rua; e identificar, também, se o que foi proposto pelos gestores do cinema, a FCC e o ICAC, de fato foi executado durante o primeiro ano de funcionamento. Traremos também comentários e impressões do público acerca do Cine Passeio.

## 2.2 A concepção e histórico de construção do Cine Passeio

### 2.2.1 De quartel a cinema: a requalificação de espaços urbanos para políticas públicas culturais

O começo dos anos 1990 é marcado pelo ápice da crise do mercado exibidor no Brasil, que iniciou na metade da década de 1970 e acarretou, não só no fechamento de salas de cinemas de rua, mas na introdução de um novo padrão de consumo: o multiplex. Depois desse declínio e diminuição no número de cinemas no país, foram quase 40 anos até que o recorde do número de salas de cinema estabelecido na década de 1970 fosse equiparado e, finalmente, ultrapassado (FREIRE, 2017). Em 2019 haviam 3.507 salas de cinema no Brasil e 47% dessas salas estavam localizadas nos polos Rio de Janeiro-São Paulo. Os dados publicados pela ANCINE – Agência Nacional do Cinema –, no Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro de 2019, apresentam um número de salas de cinema que supera o recorde estabelecido em 1975, onde o total de salas no país era de 3.276. Vale ressaltar que nos anos 1970 as salas de cinema ainda se encontravam, majoritariamente, nas vias públicas e possuíam apenas uma sala de exibição, salvo raras exceções. Foi somente no final da década de 1970, com o início da crise exibidora no Brasil, que as grandes salas começaram a ser partidas, em uma tentativa de manter o público cativo, aumentando a quantidade de exibições e a variedade de filmes (SOUSA, 2013). Atualmente

seguimos o padrão *multiplex*, ou *megaplex*, com uma concentração de múltiplas salas de exibição em um mesmo cinema. Isso quer dizer que, apesar de termos mais salas de exibição hoje em dia, a quantidade de cinemas é inferior à dos anos 1970.

O número de cinemas de rua no país é pouco expressivo quando comparado aos cinemas de shopping centers, representando apenas 12% da oferta – frente a um pico de 15% de participação, observado em 2011 (Tabela 5). No entanto, as salas desse segmento aumentaram para 421 em 2019, apresentando um crescimento acumulado de 20% ao longo da série e de 12,9% apenas em relação a 2018 – bastante superior, em termos percentuais, ao daquele de cinemas de shopping no mesmo ano (3,8%). Em números absolutos, os cinemas de rua abriram 48 novas salas em 2019, frente às 112 salas abertas em shopping centers. (ANCINE, 2020).

Além do crescimento do parque exibidor no país, que proporcionou a abertura de novas salas de exibição cinematográfica, Ferraz (2017b) aponta que, recentemente, o interesse pelas salas de cinema de rua cresceu, e isso não é exclusivo no Brasil. Antigos cinemas de rua que estavam fechados se mantiveram abertos graças a mobilizações sociais – que também garantiram que alguns antigos cinemas de rua fossem reabertos, ou novos cinemas de rua fossem criados. Ferraz relaciona essa nova popularidade a uma espécie de “fome de memória”, oriunda da valorização de um determinado referencial histórico do passado, associado a um discurso que evoca um sentimento de nostalgia e remete às memórias das idas ao cinema, pessoas, filmes, trilhas sonoras, cartazes, ingressos, programas de cinema ou até mesmo algum outro acontecimento da vida cotidiana da pessoa que se associe àquele lugar: um filme inesquecível, o primeiro beijo no escurinho do cinema, a liberdade de sair sozinho com seus amigos, aquela sessão matinê com a família, o cheirinho de pipoca com manteiga e muitas outras lembranças e vivências.

Quando o último cinema da FCC, o Cine Luz, fechou, em 2009, existia a promessa da FCC de que um novo cinema seria inaugurado na região central curitibana. No ano seguinte, em junho de 2010, o terreno que abrigava a parte administrativa do antigo quartel, localizado na Rua Riachuelo, nº 410, esquina com a Rua Carlos Cavalcanti, teve sua edificação desapropriada pelo exército e se tornou uma propriedade da prefeitura. Em outubro de 2011 foi anunciado um acordo de cooperação técnica entre a prefeitura de Curitiba e o Instituto do Patrimônio Histórico



e Artístico Nacional – IPHAN – para a revitalização do centro histórico da cidade<sup>24</sup>. O projeto, que teria a sua execução a cargo do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano – IPPUC –, previa uma verba de R\$56 milhões dados pelo IPHAN e R\$15,8 milhões de contrapartida do município. Além da revitalização dos espaços históricos, o projeto contava também com o objetivo de revitalizar os espaços culturais do centro (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2010).

Dentro das ações previstas pela parceria, uma delas era a transformação do antigo quartel em cinema. O projeto arquitetônico estava a cargo dos arquitetos do IPPUC, Dóris Teixeira e Mauro Magnabosco. O nome “Cine Passeio”, nesse momento, ainda não havia sido mencionado; no entanto, a ideia de se rememorar os antigos cinemas da FCC já estava presente desde o começo de sua concepção. "Queremos levar o Cine Ritz e o Cine Luz para o antigo quartel, perto do Passeio Público. Além das projeções de filmes, o espaço será destinado para discussões e estudo sobre cinema"<sup>25</sup>. A citação é uma fala da então presidente da FCC, Roberta Storelli, e foi registrada em uma matéria feita pela assessoria de imprensa da FCC (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2010).

Em 2012, finalmente o novo cinema ganha o nome de Cine Passeio: o prédio do antigo quartel, que não é tombado, passou a se tornar uma Unidade de Interesse Especial de Preservação (UIEP), através do decreto nº 1275/2012. Trata-se de uma edificação histórica que, antes de se tornar a parte administrativa do quartel, na década de 1930, era propriedade do Barão do Serro Azul e tinha abrigado a Imprensa Paranaense. O decreto também dispõe a concessão do potencial construtivo<sup>26</sup>, liberando a captação de recursos para a execução do projeto de restauro, e inicialmente era previsto que o custo da obra fosse de R\$ 5.776.504,32. Originalmente se pretendia que o Cine Passeio possuísse três salas de exibição, duas delas com 111 assentos e uma menor, com 87 assentos, que também seria utilizada para a realização de cursos. Além das salas de cinema, o projeto previa a construção de áreas de convivência e espaço para encontros e exposições. Nesse momento, o projeto do cinema começa a ser referido como um complexo cultural (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2012).

---

<sup>24</sup> O acordo fazia parte de uma iniciativa do IPHAN intitulada PAC das Cidades Históricas.

<sup>25</sup> Prefeitura de Curitiba, 24 de outubro de 2011.

<sup>26</sup> Potencial construtivo é uma classificação para zoneamento, uso e ocupação do solo em Curitiba, elaborada pela a prefeitura através da Lei n.º 15.661/2020.



FIGURA 46. Antigo quartel em reforma, 2018.

FONTE: Valcedir Galor/ SMSC.

Ainda em 2012, em dezembro, 80% do valor da obra havia sido captado, o que viabilizaria a licitação que sairia no ano seguinte. A previsão era de que o restante do dinheiro necessário para execução da obra viesse da verba do PAC e da venda do espaço que antes ocupava o Cine Luz. Em 2013, quando mudou a direção da FCC de Roberta Storelli para Marcos Cordioli, este novo diretor anunciou o desejo de reabrir o Cine Luz em seu espaço original, que estava ocioso desde o fechamento do cinema, em 2009, na Rua XV de Novembro, 822. A reabertura dependia da liberação do laudo do corpo de bombeiros, que já apontava sérios problemas estruturais que infringiam leis de acessibilidade e a legislação municipal vigente em relação à proteção contra incêndio e sinistro. O projeto acabou sendo abandonado em função da inviabilidade da execução (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2012).

Somente em 2015 o edital de licitação para a obra do Cine Passeio foi lançado pela prefeitura, com o orçamento atualizado, com o valor máximo para a licitação da obra reajustado para R\$ 6.304.331,40. O edital previa, a partir da homologação da licitação e divulgação da empreiteira vencedora, o prazo de 18 meses para execução da obra. Nesse momento o projeto para inauguração do cinema foi dividido em duas fases: a primeira delas previa a reforma do espaço do quartel para o cinema; já a segunda previa a compra dos equipamentos, cuja verba seria oriunda de captação de recursos via Lei Rouanet. A empresa vencedora da licitação foi a Contractus, com a cotação do valor da obra por R\$ 5.825.037,07. Em 26 de abril de 2016 começaram as obras e a previsão inicial era de que o cinema fosse inaugurado no final de 2017, de acordo com o prazo estipulado pelo edital (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2010).

Em março de 2018 foi anunciado que 85% da obra já estava completa, entretanto, o Cine Passeio só foi inaugurado um ano depois. No final da obra, o total do investimento para a abertura do cinema foi de R\$ 9,5 milhões. Desde o começo de sua concepção, em 2012, até a entrega do Cine Passeio, que é uma unidade da FCC, um órgão cultural municipal, foram três gestões diferentes da prefeitura: Luciano Ducci, do PSB (2010-2012); Gustavo Fruet, do PDT (2013-2016); Rafael Greca, do DEM (2019 -2024) (PREFEITURA DE CURITIBA, 2021). Por sua vez, consequentemente, já que a presidência do cinema é um cargo de confiança apontada pelos prefeitos, desde sua concepção, o Cine Passeio contou com três gestões diferentes da FCC: Roberta Storelli (2011-2012), Marcos Cordioli (2013-2016) e Ana Cristina de Castro (2017-2020). É possível que essas trocas na direção da FCC possam ter influenciado na demora da execução do projeto, uma vez que o mesmo foi herdado pelas gestões seguintes (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2021).

É importante ressaltar que, assim como nos anos 1980, quando foram criados os primeiros cinemas da FCC, mais uma vez a cidade passava por uma mudança em sua urbes, oriunda de um projeto político de revitalização do centro da cidade. Na década de 1970 foi a implementação do Plano Diretor, na gestão de Jaime Lerner, quando foi criado o Setor Centro Histórico (OLIVEIRA, 2000). A criação da FCC foi fundamental para a implementação de equipamentos culturais de lazer na cidade voltados para a disseminação das artes.

(...) desde a criação da Fundação Cultural de Curitiba, em 1971, a questão já vinha sendo atacada. Afinal, a 'reciclagem' de tantos espaços tradicionais da cidade, pela sua conversão em salas de espetáculo, centros comunitários e etc., além da construção de vários cinemas de propriedade do poder público, era parte integrante do projeto de cidade dos planejadores urbanos do período (OLIVEIRA, 2000, p.55-56).

O projeto proposto por Greca é muito similar à estratégia adotada por Lerner, nos anos 1970. Rafael Greca, quando foi eleito prefeito em sua gestão, nos anos 1990, fazia parte, também, de uma mesma herança partidária (OLIVEIRA, 2000). Na gestão atual de Rafael Greca, a criação do Cine Passeio foi incluída no programa "Rosto da Cidade", que previa o restauro e revitalização do Centro Histórico em uma parceria da prefeitura com a iniciativa privada.

A criação de um leque de oportunidades de cultura e lazer, utilizando ao máximo os equipamentos disponibilizados pela reforma urbana, além da política de preservação do patrimônio histórico, foram instrumentos acionados recorrentemente pelos administradores para a consecução desses objetivos (OLIVEIRA, 2000, p. 57).

Podemos perceber que a abertura do Cine Passeio segue em parte o mesmo movimento realizado para a reabertura de outros cinemas de rua no Brasil, que também são geridos por órgãos públicos ligados a fundações ou secretarias de cultura. A atuação cooperativa entre a iniciativa privada e um órgão cultural de gestão pública aparece como uma constante, nos casos apresentados por Ferraz (2016a; 2016b; 2017a; 2017b; 2017c), em suas pesquisas sobre o processo de reabertura de cinemas de rua. Um aspecto em que o ponto nerval parece diferir é a participação ativa da sociedade civil no processo de abertura. Outra característica particular é que se trata da abertura de um novo cinema de rua, e não a revitalização e reabertura de um antigo cinema de rua. O caso, no entanto, não é isolado: existem outros exemplos de criação de cinemas de rua para a democratização do acesso ao cinema, no Brasil.

### 2.2.2 O Cine Passeio

Desde sua gênese, o Cine Passeio foi concebido no formato de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP –, como uma unidade da FCC e com sua administração a cargo do ICAC. Foi em 2018 que o cinema começou a aparecer nos relatórios de gestão do ICAC. Pela primeira vez podemos compreender como é planejado o funcionamento do cinema, uma vez que, até então, todos os informes tinham seu foco na questão da infraestrutura do espaço. O ICAC divide o planejamento do funcionamento do Cine Passeio nas seguintes partes: Curadoria, programação e exibição do Cine Passeio; Lançamentos, mostras e festivais do Cine Passeio; Programa pedagógico; Distribuição de Bolsas de Estudo; Agenda de realização de eventos; Espaço Cultural Cine Passeio; Espaços dedicados ao Audiovisual; Cinema nos Bairros; Programação de filmes; Workshops, Palestras e Masterclasses; Cafeteria e Loja Cultural do Cine Passeio; Regulamento interno do Instituto; Segurança dos espaços e equipamentos; Plano de captação de recursos; Controles Gerenciais; Sistema de custos personalizado; Exigências e regulamentações (RELATÓRIO ICAC, 2018).

A curadoria dessa programação ficou a cargo do crítico de cinema Marden Machado em conjunto com o cineasta Marcos Jorge, ambos envolvidos no projeto desde 2018. Além de cuidarem da curadoria da programação das exibições regulares, eles também são responsáveis por aprovar as solicitações de mostras, festivais e lançamentos que acontecem no Cine Passeio. Desde o começo são estabelecidas metas para a exibição: o mínimo de duas sessões diárias, para as salas comerciais (Luz e Ritz); o mínimo de um lançamento e/ou mostra e/ou festival por mês. Também são estabelecidas metas para as atividades de formação, como os cursos, masterclasses, palestras e workshops, também com o objetivo de se realizar ao menos uma delas todo mês (RELATÓRIO ICAC, 2018).

Alguns dos itens propostos não chegaram a ser implementados, como o Programa Pedagógico, Distribuição de bolsas de estudos, Cinema nos Bairros, Loja Cultural do Cine Passeio. Outros itens propostos pela administração não são tão claros, às vezes chegam a ser redundantes, por isso restam alguns questionamentos que não puderam ser resolvidos com a leitura dos relatórios: Por que os Workshops, palestras e cursos não fazem parte do Programa Pedagógico? Por que o Cinema nos Bairros, que constitui na proposta de exibições itinerantes,

está atrelado ao Cine Passeio, quando a FCC possui outra unidade fora da região central que também possui espaço para exibição cinematográfica, como o Cine Guarani? O que seria “Espaços dedicados ao Audiovisual”, já que todo o complexo é um espaço dedicado ao Audiovisual?

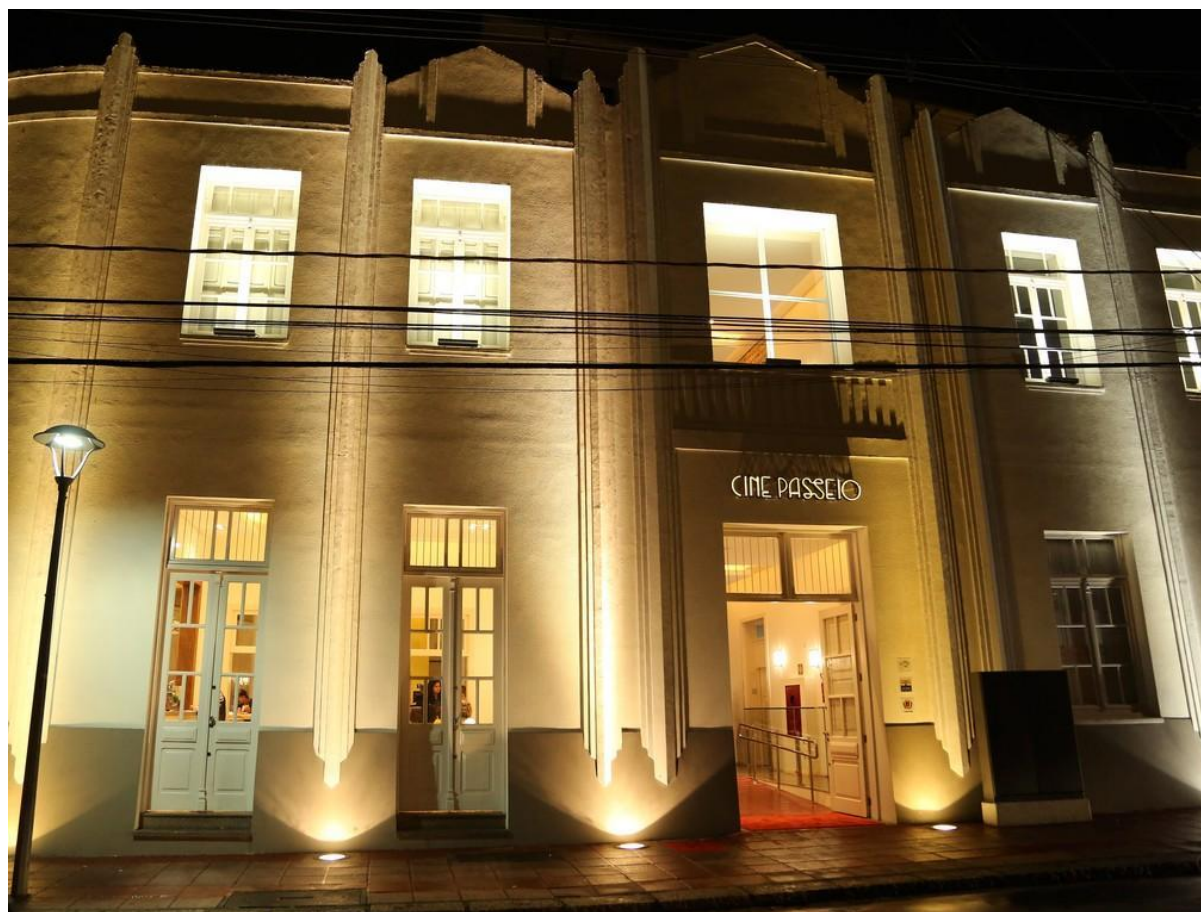


FIGURA 47. Cine Passeio, 2019.  
FONTE: gl.com.br

Inaugurado em 27 de março de 2019, o Cine Passeio é o mais novo e único cinema de rua de Curitiba. A festa de inauguração do cinema fez parte da comemoração do 326º aniversário de Curitiba, organizada pela prefeitura. Contou com uma projeção feita especialmente para o evento, que contava uma retrospectiva da história do cinema, com frames ou cenas icônicas de

filmes clássicos, da filmografia brasileira e internacional (em sua grande maioria, hollywoodiana). Contou também com a apresentação do grupo artístico "Orquestra à base de sopro". A primeira sessão do cinema foi no dia seguinte, na sexta-feira à noite, e exibiu, nas duas salas comerciais, o filme Albatroz. A exibição contou com um bate papo com a participação dos atores Alexandre Nero e Maria Flor.



FIGURA 48. Inauguração Cine Passeio, 2019.

FONTE: Lineu Filho/ Tribuna do Paraná

Como planejado, o Cine Passeio possui três salas para exibição comercial: Luz, Ritz e VOD. As salas Luz e Ritz trazem em seu nome uma homenagem a antigos cinemas de rua de Curitiba, homônimos a elas. O letreiro com nome das salas emula a identidade visual utilizada pelos cinemas da FCC e, quando as mesmas foram inauguradas, nos anos 1980, também eram uma homenagem às salas originais que funcionaram na Cinelândia Curitibana até meados da década de 1960. A sala Luz se localiza no primeiro pavimento do prédio, onde também se

encontra a bilheteria e a cafeteria “Coffeeterie Cine Passeio”. Já a sala Ritz se localiza no segundo pavimento que, além da sala de exibição, possui um espaço disponível para a realização de cursos e eventos. O segundo pavimento também possui uma pequena exposição de fotografias que contam a história da Cinelândia Curitibana e seus cinemas. Essa exposição também aborda brevemente a história do prédio e sua trajetória de quartel a cinema (CINE PASSEIO, 2019).



FIGURA 49. Sala Cine Luz, 2019.  
FONTE: Valcedir Galor/ SMSC.



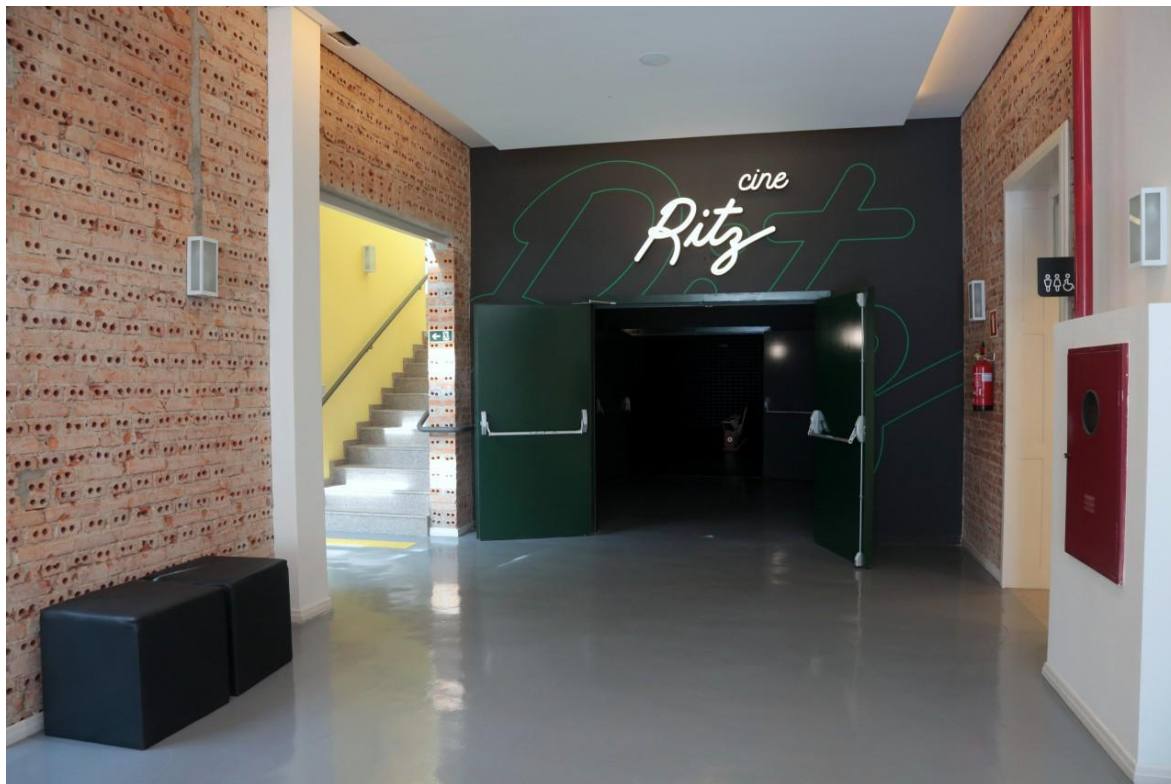


FIGURA 50. Sala Cine Ritz, 2019.  
FONTE: Valcedir Galor/ SMSC.

Além das duas salas para a programação regular, o Cine Passeio também possui uma sala de VOD (*video on demand*) disponível para aluguel, localizada no subsolo. Lá é possível assistir em alta definição a filmes e séries usando algum serviço de streaming pago pela pessoa que aluga a sala, ou até mesmo um bluray ou dvd. De acordo com o curador Marden Machado, a sala foi um dos maiores sucessos do cinema neste primeiro ano de funcionamento. O Cine Passeio é o único cinema no país que oferece esse tipo de espaço e serviço ao seu público.



FIGURA 51. Sala VOD, 2019.

FONTE: Valcedir Galor/ SMSC.

No subsolo também se encontra o Espaço Valêncio Xavier, cujo nome homenageia o jornalista, escritor e cineasta, fundador da Cinemateca de Curitiba. O espaço, que foi pensado para a formação do público, possui a sala multiuso Estúdio Valêncio Xavier, com 110 cadeiras, tela retrátil e projetor móvel. Abriga, também, a segunda unidade do Workitiba, o primeiro *coworking* público – uma unidade que atende a microempreendedores do setor audiovisual, da economia criativa e da inovação tecnológica de Curitiba.



FIGURA 52. Espaço Valêncio Xavier, 2019.  
FONTE: Valcedir Galor/ SMSC.

Por fim, o terraço possui uma tela de exibição a céu aberto e a programação de “cinema no terraço”, sempre gratuita, geralmente faz parte de alguma mostra ou evento organizado, ou sediado, pelo Cine Passeio. O espaço também é utilizado para a realização de eventos (CINE PASSEIO, 2019).



FIGURA 53. Espaço Valêncio Xavier, 2019.  
FONTE: Valcedir Galor/ SMSC.



FIGURA 54. Terraço Cine Passeio, 2019.

FONTE: Valcedir Galor/ SMSC.

Além dos espaços de exibição, o cinema possui também uma sala de cursos, que fica localizada no segundo pavimento, próximo à sala Ritz. De acordo com a administração do Cine Passeio, o objetivo do cinema é a formação do público. Parte desse processo se dá através da escolha dos filmes em exibição, na programação regular ou nas mostras e festivais de cinema. A outra parte da formação acontece através dos workshops, palestras, ou *masterclass* – forma como a instituição chama esses cursos –, que sempre têm suas temáticas relacionadas ao audiovisual. Alguns desses cursos são gratuitos, outros pagos, mas possuem uma cota de vagas com isenção do pagamento do valor para pessoas de baixa renda.

O Cine Passeio também tem por objetivo atender a comunidade audiovisual de Curitiba. Para tal, através da FCC, o cinema é parceiro de outras instituições responsáveis pela formação, produção e regulamentação da profissão do setor audiovisual, tais como: Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), a Associação de Vídeo e Cinema do Paraná (AVEC) e o Sindicato da Indústria do Audiovisual do Paraná. Por isso os espaços do Cine Passeio são cedidos gratuitamente para a realização de eventos acadêmicos e culturais, cursos de formação e reuniões e sessões da AVEC do sindicato. O Cine Passeio funciona de terça a domingo, com ingressos a

preços populares: R\$6 reais a meia e R\$12 reais a entrada inteira, nas terças e quartas; R\$8 reais a meia e R\$16 reais a inteira, de quinta a domingo.

### 2.3 A programação no primeiro ano de funcionamento

O Cine Passeio foi idealizado por seus criadores para ser um cinema de rua e, ao mesmo tempo, um complexo cultural. Por essa razão, além das exibições cinematográficas, outras atividades culturais também são realizadas no local (CINE PASSEIO, 2019). Não se trata de um caso isolado, outros cinemas de rua no Brasil também funcionam como centros culturais como por exemplo: O Cine Odeon que também é o Centro Cultural Severiano Ribeiro localizado na cidade do Rio de Janeiro (SOUSA, 2013). E outros cinemas, que apesar de não se intitularem centros culturais, se entendem como espaços culturais, como a Cinemateca Capitólio em Porto Alegre, o Cine Derby em Recife e o Cine Olympia em Belém.

Cine Passeio é um centro cultural dedicado ao cinema. (...) Cinema como arte autônoma. É um centro cultural porque... porque quase todo o conjunto de ações convergem para a celebração, a fruição e a realização do cinema. (LANZA, Beto. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 14 jan 2021).

Este subcapítulo trata do levantamento e análise da programação ofertada: sessões regulares do cinema, sessões temáticas/especiais, mostras, festivais, atividades de formação e eventos culturais. Para tal, apresentamos os dados levantados em forma de tabela, com exceção dos filmes exibidos na programação regular, que pretendemos tratar de forma mais geral e possivelmente apresentar os dados tabelados como forma de anexo. Para os filmes da programação regular apresentaremos somente os gráficos gerados e, a partir dessa leitura, esclarecer nossas conclusões. Para a elaboração das tabelas foram cruzados dados de duas fontes distintas: os relatórios do ICAC, que trazem informações detalhadas acerca das atividades que aconteceram no Cine Passeio, em um recorte mensal, e os flyers divulgados com a programação semanal.

A presente pesquisa não se trata de uma análise sobre questões de distribuição/exibição do circuito do Cine Passeio, pois tem por objetivo a capacidade de determinar qual o perfil da programação oferecida pelo Cine Passeio e como foi a adesão do público durante o período de um ano de funcionamento do cinema. Para tal, construímos uma tabela onde essas informações foram inseridas para análise posterior. A criação dos campos informacionais teve por objetivo quantificar a popularidade de uma filmografia e adesão do público que frequenta o cinema e suas preferências, bem como a metodologia empregada consistiu em analisar a quantidade de exibições de um filme, o tempo que ele ficou em cartaz e o total do público que o assistiu, determinando se aquilo que era falado nos objetivos das exibições que foram apresentados no relatórios de fato se concretizou.

### 2.3.1 Os filmes da programação regular

Desde a inauguração do cinema, os curadores optaram por estruturar a programação dos filmes exibidos no Cine Passeio de forma horizontal, ou seja, em cada horário disponível para as duas salas comerciais se exibe um filme novo. Isso ocorre de forma diferente dos cinemas que estruturam sua programação de forma vertical, como é o caso dos cinemas no padrão Multiplex, onde se exibe um único filme em várias sessões no mesmo dia, muitas vezes com mais de uma sala exibindo a mesma programação. Os primeiros relatórios, antes da inauguração do cinema, apontavam que a meta era exibir no mínimo quatro sessões diárias, duas em cada sala. Na primeira semana, o cinema ofereceu seis sessões diárias, três sessões para cada sala. Já na segunda semana de funcionamento, começou a exibir oito sessões diárias, quatro em cada sala. Essa média de oito sessões seguiu durante todo o primeiro ano de programação, salvo raras exceções, quando algum dos filmes em cartaz tinha a sua duração aproximada ou maior do que 3 horas, o que ocasionava na redução da quantidade de filmes exibidos em uma das salas.

A estratégia foi pensada para maximizar a oferta de filmes em cartaz. De acordo com um dos curadores, Marden Machado, eles encontraram um pouco de resistência das distribuidoras a quererem exibir seus filmes no Cine Passeio, pois elas julgavam que o padrão vertical de

programação seria mais lucrativo. Entretanto, isso não se tornou um problema, porque, desde a abertura, o cinema foi um sucesso de público, o que garantiu que a administração do cinema conseguisse negociar com distribuidoras, assegurando uma programação variada e de qualidade.

Nós havíamos programado um filme, o filme era *O mal exemplo de Cameron Post*. O filme estava certo para estrear na quinta feira dentro do padrão que a gente havia definido, uma sessão só diária. E quando chegou a terça-feira daquela semana a distribuidora liga pra gente e diz ‘olha, infelizmente a gente não vai poder mandar o filme pra vocês porque uma sala de shopping de Curitiba pediu o filme e o filme vai entrar lá, numa sala de shopping, quatro sessões diárias todos os dias’ (...) Passou uma semana a distribuidora entra em contato com a gente oferecendo o filme pra gente ‘oh vocês não querem exibir *O mal exemplo de Cameron Post* ? Eu disse, ah mas o que foi que aconteceu? Ele não, ele não ia pro shopping e tudo? ‘ Não, ele foi, mas é porque não foi ... não, não rendeu o que nós esperávamos’. Só pra você ter uma ideia, o filme ficou uma semana de domingo a domingo nessa sala de um shopping aqui de Curitiba, e fez 42 pessoas, em uma semana com quatro sessões diárias (...) ou seja 28 sessões do filme rendeu, ou levou até aquela sala 42 pessoas, 42 pagantes. Isso dá menos que 2 pessoas por sessão (...). A gente trouxe o filme e colocamos ele na primeira sessão, às duas da tarde. E teoricamente é a sessão mais... mais fraca. Normalmente as sessões mais cheias são as sessões de fim de tarde e da noite. (...) o filme estreou na quinta feira, aí quando chegou o fim de semana ele já tinha feito 63 pessoas. Só num fim de semana de estreia com a gente em uma única sala às duas da tarde. E aí por causa disso, a gente nunca mais teve problema pra programar qualquer filme que a gente pedisse (MACHADO, Marden. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 03 mai 2021).

A programação do Cine Passeio pode ser considerada como um circuito de arte. De acordo com Marden, foram escolhidos filmografias pouco exibidas em Curitiba, e filmes que não costumam entrar no circuito comercial dos cinemas<sup>27</sup> da cidade.

Nós queríamos exibir filmes que fossem mais instigantes, filmes que provocassem um pouco mais de reflexão, filmes de cinematografias pouco conhecidas aqui. Não queríamos ficar naquela programação mais comercial. Não que a gente tenha alguma coisa contra, a gente também exibe alguns filmes com esse perfil, mas não era o perfil prioritário da programação que a gente tava desenhando (MACHADO, Marden. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 03 mai 2021).

Outra questão cara aos curadores era que o Cine Passeio fosse um espaço de difusão da filmografia brasileira, em especial a paranaense. Para tal foi estabelecido como meta que, toda

<sup>27</sup> Além do Cine Passeio, a cidade de Curitiba possui salas de cinema de shopping das redes: Cinemark, UCI, Cineplus, Cineplex e Cinesystem.

semana, ao menos uma das salas teria um filme nacional em exibição – meta que foi cumprida de forma integral. No Brasil, desde 2001, a MP 2228/2001 determina que 5% da programação em exibição nos veículos de radiodifusão seja de conteúdo nacional. A meta estabelecida pelo Cine Passeio supera o percentual de cota, o que também possibilita uma maior difusão dos títulos a serem exibidos no cinema e garante de fato que o espaço realize a difusão da filmografia brasileira.

Nós teríamos sempre, toda semana, pelo menos um filme brasileiro em cartaz. Teve uma semana em particular que a gente chegou a ter cinco filmes em cartaz (...) Outra decisão foi de procurar aliar junto com as estréias de filmes brasileiros - que nós sempre teríamos, né - algum evento com o diretor do filme, com os atores ou roteirista... alguém ligado à produção do filme, ao filme em si. (MACHADO, Marden. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 03 mai 2021).

Durante o primeiro ano, na programação regular, foram exibidos 148 filmes, sendo 47 filmes nacionais e mais 4 filmes em coprodução com outros países. A filmografia nacional representa a maior porcentagem dos filmes exibidos, seguida por EUA, Reino Unido, França, Argentina, Portugal, Espanha e Itália, como exemplifica o gráfico abaixo.

### Filmes exibidos na programação regular de 28/03/2019 à 17/03/2020

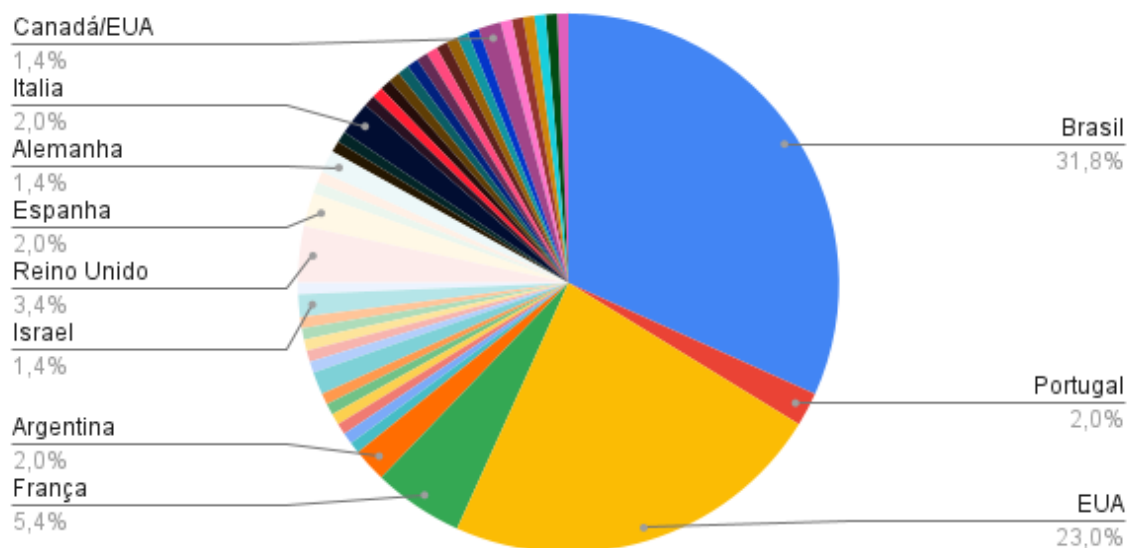
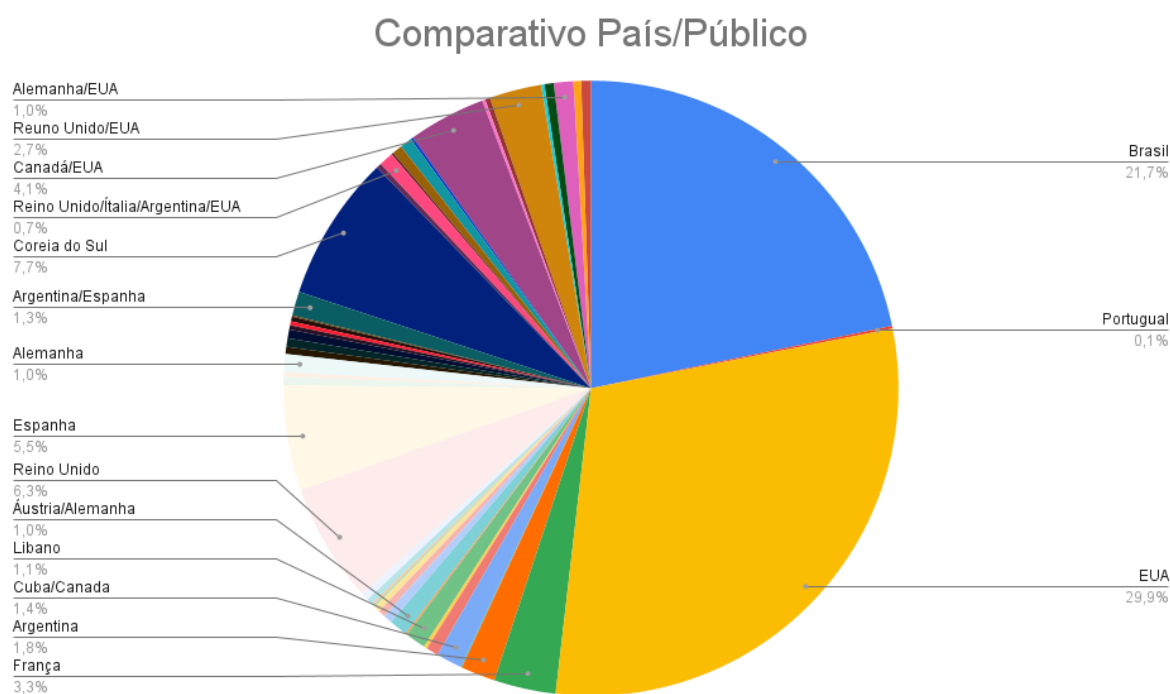


GRÁFICO 1.  
FONTE: Autoria nossa



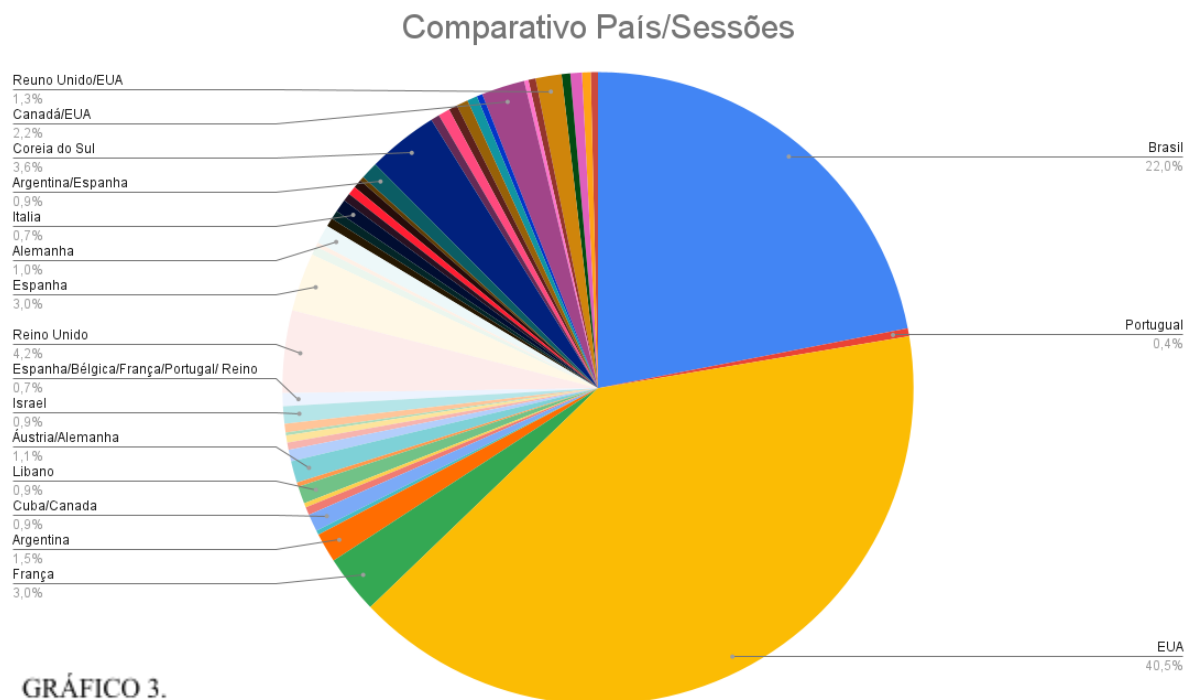
Ainda que os filmes nacionais representassem a maior quantidade nos títulos exibidos no primeiro ano, os filmes estadunidenses foram os que tiveram a maior adesão do público, seguido pelos filmes brasileiros. Segundo a lógica do mercado, quanto mais lucrativa é a exibição de um filme, mais tempo ele fica em cartaz (PAFORT-OVERDUIN, 2011). Consequentemente, seguindo a lógica mercadológica, foram exibidas mais sessões dos filmes estadunidenses do que qualquer outra filmografia, seguido pelos filmes do Brasil, Reino Unido, Espanha e França. Podemos observar que o número de sessões de um filme está diretamente relacionado a quantidade do público que o assistiu.



**GRÁFICO 2.**  
**FONTE: Aatoria nossa**

Durante o primeiro ano os cinco filmes que ficaram mais tempo em cartaz e tiveram o maior número de público foram: Parasita, 18 semanas em cartaz; Bacurau, 14 semanas em cartaz; Vida Invisível, 11 semanas em cartaz; Dor e Glória, 11 semanas em cartaz; Coringa, 10

semanas em cartaz. O público que frequenta o Cine Passeio consumiu mais os filmes de arte exibidos no cinema do que os filmes comerciais.



**GRÁFICO 3.**  
**FONTE: Autoria nossa**

Podemos observar, analisando a programação, que os filmes mais comerciais exibidos no Cine Passeio foram, em maioria, filmes infanto-juvenil, com classificação livre – a maior parte do estúdio Disney. Esses filmes costumavam ser exibidos nas primeiras sessões, dublados em português, tanto as animações quanto os *live actions*. Podemos também observar que, de um modo geral, esses filmes só entraram em cartaz no Cine Passeio algumas semanas depois de suas estréias nos cinemas de circuito comercial.

O número de público durante o período analisado foi de aproximadamente 75.885, com cerca de 2700 sessões. Não foi possível fazer esse levantamento com números exatos, pois os relatórios do ICAC apresentavam pequenos erros de continuidade, o que implicava em, por vezes, uma semana que já tinha sido contabilizada no relatório do mês anterior aparecer novamente no relatório do mês seguinte. Foi comum também aparecerem inconsistências do

número de sessões em relação à quantidade de semanas que o filme ficou em cartaz. Não foi possível afirmar se esses foram erros de digitação, ou se alguma sessão foi cancelada e por isso não foi contabilizada.

As salas Luz e Ritz não possuíam nenhum perfil específico acerca das exhibições dos filmes. Ambas as salas eram utilizadas para estreias e era comum que um filme, após passar uma semana em cartaz em uma delas, posteriormente passasse a ser exibido na outra. Apesar de ambas as salas serem utilizadas para mostras e festivais gratuitos e pagos, das duas salas a Luz foi a mais utilizada. Talvez porque ela se encontra localizada no primeiro piso, de frente para a entrada do cinema, tornando-se, assim, mais acessível.

Dos cinemas do dito “circuito de arte”, além do Cine Passeio, mais dois cinemas na cidade possuem esse tipo de programação: Cineplus Batel, no shopping Batel; e Cineplex Batel, no shopping Novo Batel. É importante observar que todos esses cinemas funcionam em salas de shopping e estão concentrados no bairro do Batel, área nobre da cidade. O Cineplus Batel possui, ainda, uma sala de luxo com valor diferenciado. Uma das propostas do Cine Passeio é ser um espaço democrático e de fácil acesso. O cinema está localizado no centro da cidade, próximo a vários terminais e pontos de ônibus da rede metropolitana e intermunicipal.

### 2.3.2 Mostras, Festivais e outras sessões

As mostras, festivais e sessões especiais acontecem no Cine Passeio desde sua primeira semana de funcionamento e foi estabelecido como meta que elas deveriam acontecer ao menos uma vez por mês. Ou seja, todo mês deveria ocorrer ao menos uma sessão da meia-noite, uma sessão matinê, uma sessão de pré-estreia, uma mostra/ou festival temático/ ou sessão especial temática. As sessões da meia-noite aconteciam sempre às sextas-feiras, com exibição de algum filme de terror/suspense. Essas sessões homenageavam o Cine Astor, que também realizava a exibição de filmes de terror em sessões da meia-noite, nas sextas-feiras. Outra tradição de antigos cinemas incorporada pelo Cine Passeio foram as sessões de matinê, que sempre oferecem filmes infanto-juvenil em cartaz em sua programação regular, na maioria das vezes exibindo o

mesmo filme nas duas salas, com um pequeno intervalo entre o começo das sessões, ou com exibição simultânea.

O cinema também usa as sessões da meia-noite e matinês para exibir filmes de suas mostras temáticas, ou como pré-estréia. No Quadro 1 não contabilizamos como sessão da meia-noite ou matinê os filmes que também faziam parte da programação de alguma mostra, sessão especial ou sessão de pré-estreia com a participação do diretor e/ou elenco. As mostras e festivais foram inseridos em ordem de sua exibição, seguindo em ordem crescente – da primeira a acontecer no Cine Passeio, a “Mostra Glauber Rocha 80 anos”, à última, “Campeões de Bilheteria”. Preenchemos com um traço os dados que não foram registrados no relatório do ICAC. Assim como na programação regular, os relatórios apresentavam algumas inconsistências nos dados apresentados, especialmente nas sessões da meia-noite ou matinês. Usamos as notas de rodapé para identificar essas irregularidades.

#### QUADRO 1 - MOSTRA/FESTIVAL/SESSÕES ESPECIAIS

NOME	SESSÕES	PÚBLICO	GRATUITO
Sessão Pré-estréia com diretor e/ ou elenco	7	421	Não <sup>28</sup>
Sessão Pré-estréia <sup>29</sup>	3	-	Não
Sessão da Meia-Noite	18	829 <sup>30</sup>	Não
Sessão Matinê	26	381 <sup>31</sup>	Não
Sessão Especial	37	709	Sim e Não
Cinema a céu aberto	1	s/d	Não

<sup>28</sup> Todas as sessões de pré-estreia foram pagas, com exceção do filme “Nois por Nois”, que aconteceu na Sala Valêncio Xavier.

<sup>29</sup>No relatório do ICAC, o público das sessões de estreia foram contabilizadas junto com as sessões do filme da programação regular.

<sup>30</sup> Algumas sessões da meia-noite são usadas para a estreia de filmes que mais tarde integram a programação regular na semana seguinte. Essas sessões não têm o seu público contabilizado separadamente, constando somente no relatório ICAC o público total dos filmes em todas as sessões exibidas no Cine Passeio.

<sup>31</sup> São realizadas sessões da matinê de filmes infantis que fazem integram a programação regular durante a semana. Essas sessões extras não têm o seu público contabilizado separadamente, constando somente no relatório ICAC o público total dos filmes em todas as sessões exibidas no Cine Passeio.

Mostra Glauber Rocha - 80 anos	6	220	Sim
Mostra Ingmar Bergman	12	599	Não
1 Mostra Internacional de Cinema de Curitiba - Animatiba	17	434	-
Mia Cara Curitiba Mostra de Cinema - Filmes de Luchino Visconti	14	371	Sim
8 Festival Olhar de Cinema	31	1858	Não
Mostra de Cinema Negro	8	514	Sim
Mostra Chaplin	6	500	Sim
Mostra Curitiba de Cinema	15	757	Sim
Mostra Clouzot	6	224	Sim
15º Festival internacional de cinema super8 de Curitiba	-	-	-
Mostra Novo Cinema Dominicano	3	-	Sim
Festival de Cinema da Bienal Internacional de Arte de Curitiba BRICS <sup>32</sup>	7	210	Sim
Natal do Terraço do Passeio	9	594	Sim
37º Oficina de Música de Curitiba no Terraço do Passeio (Exibição de Filmes Musicais).	12	720	Sim
Festival Ópera na Tela	6	181	Sim
Festival In-Edit Brasil	7	187	Sim
Mostra Federico Fellini	9	531	Sim
Festa do Oscar no Cine Passeio	8 <sup>33</sup>	480	Sim
Campeões de bilheteria	10	418	Não

<sup>32</sup> Na programação anunciada no flyer constavam na programação mais duas exibições que não aparecem no relatório do ICAC. Como não posso afirmar que as sessões aconteceram não foram incluídos os dados na tabela.

<sup>33</sup> Na programação anunciada no flyer constavam na programação mais uma exibições que não aparecem no relatório do ICAC. Como não posso afirmar que as sessões aconteceram não foram incluídos os dados na tabela.

Analisando os dados apresentados, podemos concluir que o Cine Passeio cumpriu a meta estabelecida, tendo ao menos uma vez ao mês uma sessão especial, ou mostra, ou festival. Todos os festivais exibidos no cinema foram organizados por outras instituições, sendo o Cine Passeio somente o local da exibição de seus filmes. Já as mostras foram organizadas tanto pela curadoria do cinema, quanto por grupos e instituições parceiras. Muitas das mostras organizadas pelo Cine Passeio integravam algum outro evento cultural, organizado por ou com o apoio da FCC, que acontecia em outros espaços da cidade, como por exemplo: Mia Cara Curitiba Mostra de Cinema, que estava atrelada ao Festival Mia Cara Curitiba, e oferecia atrações artísticas e culturais italianas.

Diferente da programação regular, a maioria dos filmes exibidos em mostras e festivais não eram brasileiros. Somente três mostras/festivais propostos tinham na sua programação a exibição exclusiva de filmes nacionais. Os filmes exibidos nas mostras costumam ser filmes clássicos, dentro de alguma temática específica, a maioria tendo como tema a filmografia de um cineasta. Já os festivais exibem filmes variados, sendo a maioria das sessões mostras de curtas de diversos países. A maioria das exibições de mostras/festivais foram gratuitas, tendo suas exibições nas salas Luz e Ritz, que interrompiam os filmes da programação regular para essas ocasiões especiais. Outros espaços usados para as exibições de mostras e festivais são a Sala Valêncio Xavier e o Terraço, sendo as exibições nesses dois últimos sempre de forma gratuita. As sessões de matinê e da meia-noite sempre são pagas. Já as sessões especiais podem ser tanto pagas quanto gratuitas.

### 2.3.3 Formação de público

As atividades de formação de público foram divididas conforme nomenclatura dado a elas pelo ICAC, nos relatórios, e são: palestras, *masterclass*, bate-papo, debates, oficinas, mesas, rodas de conversa, cine aula especial, abertura e encerramento.

**QUADRO 2 - WORKSHOP/PALESTRAS/MASTER CLASS**

<b>ATIVIDADE</b>	<b>PALESTRANTE/ CONVIDADO</b>	<b>PÚBLICO</b>	<b>GRATUITO</b>
Palestra Glauber Rocha 80 anos <sup>34</sup> .	Fernando Brito	-	Sim
<i>Masterclass</i> - Roteiro.	Braulio Montovani	64	Não
Palestra Bergman: O Mestre das Obras Primas, com exibição do filme "A ilha de Bergman".	Ernani Buchman	20	Sim
Bate-papo com o ator do filme português "Antônio um dois três".	Mauro Soares	61	Sim
Bate-papo com Sérgio Tréfaut, diretor do filme português "Raiva".	Sérgio Tréfaut	63	Sim
Bate-papo com o diretor do filme "Elegia de um Crime".	Cristiano Burlan	47	Sim
Bate-papo com o diretor do filme "A Parte do Mundo que me Pertence".	Marcos Pimentel	6	Sim
Bate-Papo e palestras - Animatiba.	-	83	s/d
Animatiba - Encerramento e premiação dos melhores filmes votados pelo júri.	-	120	s/d
<i>Masterclass</i> - Tirando o Roteiro do papel <sup>35</sup> .	Cláudia da Natividade e Alberto Flaksman	-	Não
Debate - Mia Cara Curitiba Mostra de Cinema <sup>36</sup> .	Marden Machado, Fernando Britto e Fernando Severo	-	Sim
Bate-papo com atores do filme	Arthur Ávila e Nayara	2	Sim

<sup>34</sup> No relatório do ICAC não consta o público dessa atividade, contando somente o público total da Mostra Glauber Rocha 80 anos.

<sup>35</sup> A atividade não consta no relatório ICAC, em função disso não foi possível contabilizar o total do público.

<sup>36</sup> No relatório do ICAC não consta o público dessa atividade, contando somente o público total da Mia Cara Curitiba Mostra de Cinema.

“Dias Vazios”.	Tavares		
Palestra: “O Cinema de Horror em 101 Gifs”.	Paulo Biscaia	63	Sim
Bate-papo com o diretor do filme “Divino Amor”.	Gabriel Mascaro	61	Sim
<i>Masterclass</i> - Montagem de Cinema, Cinema de Montagem.	Paulo Sacramento	33	Não
O Ofício da Costura e o Fazer Manual - Palestra sobre o filme “Costureira dos Sonhos”	Daniela Nogueira	47	Sim
<i>Masterclass</i> - Acesso, Preservação e Restauração de Produtos Audiovisuais	Adenilson Muri	37	Não
<i>Masterclass</i> - O diretor de cinema - ofício e arte.	Bruno Barreto	41	Não
Oficina “O Cinema e o Espelho” - MOSTRA DE CINEMA NEGRO.	-	33	Sim
Mesa de abertura - O Cinema Negro Como Construção de um Novo Imaginário. MOSTRA DE CINEMA NEGRO	-	35	Sim
Mesa - Pensamento Decolonial no cinema MOSTRA DE CINEMA NEGRO	-	39	Sim
Bate-papo MOSTRA DE CINEMA NEGRO	-	82	Sim
Mesa - Atrizes e atores negros discutem representação MOSTRA DE CINEMA NEGRO	-	43	Sim
Roda de conversa APAN MOSTRA DE CINEMA NEGRO	-	0	Sim
Mesa: Diálogos Geracionais MOSTRA DE CINEMA NEGRO	-	10	Sim



Bate-papo MOSTRA DE CINEMA NEGRO	-	51	Sim
Masterclass - Montagem e a Narrativa Cinematográfica – Desenvolvimento de Roteiros, Tambor Multiartes	-	52	-
Estreia do filme “Leste Oeste” - discotecagem com músicas do filme e debate com diretor e produtor do filme.	Guilherme Peraro, Rodrigo Grotta	-	Sim
Bate papo sobre o filme "Rafiki".	Heliana Hemetério	-	
Bate papo sobre o filme "A Partida" de Yojiro Takita".	Grupo Semear Cuidados Paliativos, em parceria com o Infinito etc, e conta com a presença de Tom Almeida	-	Não
Abertura Mostra Curitiba de Cinema - Bate-papo com diretores convidados e sessão do filme “Lance Maior”.	Sylvio Back, Fernando Severo, Eloi Pires, Marcos Jorge, Aly Muritiba	80	Sim
Masterclass - A invenção do documentário e o documentário de invenção .	Joel Pizzini	60	Sim
Bate papo com o diretor de "Meu nome é Daniel".	Daniel Gonçalves	40	Sim
Bate papo com o escritor "Vida Invisível".	Karim Aïnouz, Nina Kopko e Murilo Hauser	110	Sim
Bate papo com o diretor "Cidade dos Piratas".	Otto Guerra e Alberto Benett	-	Sim
Bate papo com diretor, do filme “Espírito de contradição".	Newton Costa e Fernando Severo	47	Sim
Palestra Henri-Georges Clouzot.	Viviane Ribeiro.	-	Sim
Cine Aula Especial	Mardern Machado	10	Sim
Bate papo com o diretor " Ainda temos a imensidão da noite".	Gustavo Galvão e Gabriela Pinheiro – Girls Rock	25	Sim

	Camp		
Masterclass - Co-Produzindo com as Majors.	Mariá Velasquez	40	Não
Bate Papo ( Festival Edt In Brasil)	Marcelo Aliche	-	Sim
Bate Papo com diretor "Disforia"	Lucas Cassales	5	Sim

As palestras costumam ocorrer atreladas às mostras ou festivais de cinema que acontecem no Cine Passeio e sempre são gratuitas. Os bate-papos também estão sempre associados a alguma exibição cinematográfica e acontecem com a presença de algum especialista da área, ou com o diretor e/ou elenco do filme. Sendo essas exposições atreladas a uma mostra, ou festival, ou sessão especial, ou sessão de pré-estreia. Todos os bate-papo acontecem de forma gratuita, no entanto, as sessões de estreia, em sua maioria, são pagas e o acesso ao bate-papo está atrelado à compra do ingresso.

As *masterclass* são aulas temáticas de curta duração e estão voltadas para a formação específica dentro de alguma área de produção audiovisual. Todas elas funcionaram de forma paga, mas em preço popular quando comparadas à oferta de *masterclass* em outras instituições. Todas as *masterclass* pagas oferecem a possibilidade de isenção da taxa para uma cota de 10% das vagas para pessoas de baixa renda. A única exceção foi a *masterclass* ministrada por Joel Pizzini, que foi gratuita. Consideramos incoerente um espaço que tem como objetivo a democratização do acesso à cultura cobrar por uma de suas atividades de formação de público, mesmo que o valor cobrado seja abaixo do encontrado no mercado. Durante o período em que o Cine Passeio oferece suas atividades de modo remoto e online, a oferta de *masterclass*/cursos aconteceram integralmente de forma gratuita. De acordo com Beto Lanza, diretor da Ação Cultural da FCC, em entrevista para nossa pesquisa, estuda-se a possibilidade de, quando as atividades voltarem a acontecer de forma presencial, vagas serem oferecidas com isenção de taxa para alunos que assistam os cursos de forma remota, ou continuar com a oferta de *masterclass* gratuitas, online.

### 2.3.4 Eventos e atividades culturais

Os eventos culturais que aconteceram no Cine Passeio foram tabulados e divididos em categorias, atribuídas por nós, que refletem a tipologia do evento/ atividade realizada. Elas são: Acadêmico, Cinema, Cultural e Economia Criativa<sup>37</sup>. Preenchemos como “evento”, todas as atividades/eventos que estavam assinalados dessa forma nos relatórios do ICAC, seguindo o critério estabelecido por eles.

**QUADRO 3 - EVENTO/ ATIVIDADE CULTURAL**

<b>NOME</b>	<b>TIPOLOGIA</b>	<b>PÚBLICO</b>
Intersecções	Economia Criativa	200
Lançamento do livro Adeus, Amor!, de Severo Brudzinski	Cultural	120
Exibição do filme "O preço da Paz"	Cinema	120
Encontros de Cinema	Cinema	553
Clube de leitura Olhares	Cultural	43
Exibição de documentário para jovens da Secretaria Municipal de Saúde	Cultural	67
Traços Curitibanos: Animação Curitiba	Cultural	63
Festa Julina	Cultural	41
Festival Etnias	Cinema	60
Festival de Inverno do Centro Histórico de Curitiba	Cultural	198
Bate Papo OAB Cultural	Cultural	37
Subtropical	Ecônomia Criativa	3002

<sup>37</sup> Economia Criativa é um termo utilizado tanto pela FCC, quanto pelo ICAC, como uma das ações a ser promovida pelo cinema, por essa razão optamos por utilizá-la como uma das categorias da tipologia dos eventos.

Lançamento do livro “Crônicas do Varal ao Lado”	Cultural	150
100 Anos do Hospital Pequeno Príncipe	Cultural	200
Safety LAB	Acadêmico	210
Pausa para o café	Cultural	42
História OML (UFPR)	Acadêmico	109
Assessoria de Acessibilidade - Exibição de filme	Cultural	59
<i>Masterclass</i> Marcelo Munhoz – Tambor Multiartes	Cultural	267
Assembleia AVEC	Cinema	19
Associação Ler.com	Cultural	
Lançamento de clipe e músicas de artista independente	Cultural	48
Exibição de Filmes com audiodescrição em parceria com a Assessoria da Pessoa com Deficiência	Cinema	63
Festival Super 8 – Oficina Tomada Única	Cultural	24
8º Cinema em perspectiva	Acadêmico	149
Tua Feira Criativa	Ecônomoia Criativa	2000
Stabilite Incorporado – Lançamento Empreendimento Casa Trajano	Ecônomoia Criativa	100
Exibição documentário “A música contemporânea de Harry Crowl”	Cinema	67
Lançamento do Livro Sonhos de Titi, de Lilian Fleury	Cultural	280
Curso de Geografia UFPR	Acadêmico	40
Encontro Nacional das Mulheres Cegas e com Baixa Visão	Cultural	35
Atividade pedagógica Colégio Estadual do Paraná	Cultural	57

T.N.T Halloween	Cultural	100
Telúrica, encontro de palhaças de hospital	Cultural	50
Espetacular - Mostra de Artes para Crianças	Cultural	60
Cinemagem	Acadêmico	65
Projeto Tuttan	Cultural	200
Encontro Nacional de Palhaços	Cultural	20
Cinema e História	Acadêmico	83
Palestra Violência Contra a Mulher	Cinema	53
Representatividade e Representação da Mulher no Cinema de Horror	Cinema	27
Exibição Cerimônia de entrega do Oscar 2020, com comentários dos curadores	Cinema	150
Visita guiada e exibição do filme “Adoráveis Mulheres” para 105 oficiais femininas da PM/PR e Bombeiras em comemoração ao Dia Internacional da Mulher	Cultural	105
Coffee Break e exibição do filme “As Sufragistas” para funcionárias do Ministério Público do Paraná em comemoração do Dia Internacional da Mulher	Cultural	60

Ao analisarmos os dados apresentados, nos deparamos com a dificuldade de entender qual o critério estabelecido pelo ICAC ao denominar uma atividade como evento. Alguns dos itens descritos como evento são oficinas, *masterclass*, cursos ou alguma outra atividade de curta duração com caráter pedagógico, atrelado a algum festival ou mostra que foi sediado no Cine Passeio. A leitura dos relatórios não forneceu nenhuma resposta nesse sentido, as informações contidas nelas são mais para um controle quantitativo. Alguns itens são descritos de forma “qualitativa”, mas a leitura do qualitativo sempre é apresentada como uma interpretação dos dados quantitativos.

Os relatórios do ICAC não indicam se os eventos realizados eram gratuitos ou não. Todos os eventos “acadêmicos” e de “economia criativa” foram realizados por instituições parceiras. De um modo geral, a maioria dos eventos realizados foram de caráter cultural, de curta duração, organizados por uma instituição parceira da FFC ou também vinculada a algum órgão público. Poucos dos eventos realizados foram divulgados no flyer da divulgação, apesar da seleção e aprovação para o acontecimento deles constar nos relatórios anteriores à realização dos mesmos.

## Capítulo III - Memórias, sentidos e o cinema

### 3.1 A espectação cinematográfica

#### 3.1.1 As primeiras lembranças das idas ao cinema

O hábito de ir ao cinema está mais conectado aos aspectos socioculturais de seus frequentadores do que ao ato de somente assistir a um filme. O espaço cinema, neste caso, os cinemas de rua, faz (em concordância com ‘espaço cinema’, singular) parte da construção da identidade de cinefilia de seus espectadores, tanto quanto os filmes por eles assistidos (FERRAZ, 2016a; 2016b; 2017a; 2017b; 2017c). A cultura de ir ao cinema é um elo de ligação comum entre um público que compartilha ritos, interesses em comum acerca dos filmes que assistem, ou espaços onde assistem aos filmes, etc (ALLEN, 1990; ALLEN 2011).

O registro da história oral é uma metodologia empregada pelos pesquisadores que investigam as memórias dos frequentadores de cinemas: os relatos trazem detalhes sobre as suas experiências de espectadorialidade. O capítulo *What to do with cinema memory*<sup>38</sup>, que faz parte da coletânea do *Explorations in new cinema histories*<sup>39</sup>, Annette Kuhn (2011), propõe analisar a natureza da memória do cinema, e como essa memória (memórias) seria ao mesmo tempo uma experiência cultural e uma construção narrativa. A autora utiliza três fontes de análise que trabalham sobre cinema e memória. A primeira fonte utilizada pela autora foi sua própria pesquisa *Cinema culture in 1930s Britain*<sup>40</sup>, cujos resultados foram a base para o livro *An everyday magic*<sup>41</sup> (KUHN, 2002). A segunda foi o projeto *Screen dreams*<sup>42</sup>, desenvolvido pelo *British film institute*<sup>43</sup>, que consistiu num registro de história oral, através de entrevistas realizadas com os integrantes de cinco grupos diferentes de cineclubes, todos compostos por idosos que frequentam as salas de cinema da Grã-Bretanha nas décadas de 1920 e 1960, do

---

<sup>38</sup> “O que fazer com a memória do cinema”, tradução nossa.

<sup>39</sup> “Explorações nas novas histórias do cinema”, tradução nossa.

<sup>40</sup> “Cultura do cinema na Bretanha dos anos 1930”, tradução nossa.

<sup>41</sup> “A magia de todo dia”, tradução nossa.

<sup>42</sup> “Sonhos de tela”, tradução nossa.

<sup>43</sup> “Instituto britânico de cinema”, tradução nossa.

século passado. Finalmente, a terceira foi o livro do artista e crítico Victor Burgin (2004), intitulado *The remembered film*<sup>44</sup>.

A partir dessa análise, Kuhn identificou três tipologias de memória que são apresentadas ao longo do texto. Ferraz (2017b, p.123) faz a síntese das tipologias de memórias recorrentes acerca da prática da ida ao cinema propostas pela autora: Tipo A – lembranças de cenas, ou imagens, dos filmes (*remembered scenes or images from films*), que se trata das recordações de alguma cena ou sequência filmica, ligando-se a algum sentimento que o espectador experienciou ao ver o filme pela primeira vez, e geralmente é uma memória isolada, onde a pessoa não necessariamente se recorda da história do filme ou de mais nada sobre ela, porém aquele trecho ou frame é uma lembrança vívida, quase como a descrição de um sonho; Tipo B – memórias situadas dos filmes (*situated memories of films*), que são as lembranças de algum filme, associadas a algum evento na vida do espectador, seja durante a sessão ou momentos antes, ou depois; Tipo C – memórias da ida ao cinema (*memories of cinema-going*), são as memórias do ato cultural de ir ao cinema, os ritos que envolviam ir ao cinema e ver um filme, o próprio espaço cinema, a localização geográfica onde o cinema se insere e o acesso a esse espaço.

Originalmente pretendíamos realizar entrevista em *locus* com espectadores de diferentes idades, gênero, em diferentes dias da semana e em horários variados, buscando uma maior heterogenia de público. O propósito era entender o imaginário do espectador acerca do Cine Passeio e poder determinar se esse cinema conversava com a memória de outros cinemas de rua que essa pessoa tenha frequentado ou não, podendo ser essa memória uma experiência pessoal vivida pelo sujeito, de forma individual ou coletiva, ou até mesmo uma memória “herdada” de alguém que não vivenciou aquele momento, mas ouviu falar tanto sobre ele a ponto de sentir que a memória sobre aqueles acontecimentos narrados são suas e fazem parte de sua experiência (Halbwachs, 1990).

Em função do fechamento temporário do cinema em 2020, devido a pandemia da COVID-19, fomos forçados a buscar outras soluções para a coleta dos dados desejados, sem mudar completamente nossos objetivos originais de análise. Só foi possível realizar entrevistas online com um grupo pequeno de frequentadores. Optamos por entrevistar pessoas que, de alguma maneira, estão conectadas com a preservação da memória dos antigos cinemas da

---

<sup>44</sup>“O Filme Relembrado”, tradução própria.



Cinelândia Curitibana. Foram entrevistados seis<sup>45</sup> frequentadores do Cine Passeio que cabiam no critério descrito e que também frequentaram os Cine Luz e Ritz da FCC, sendo eles cineastas, professores e jornalistas. O público aqui não é o espectador comum, que frequenta o Cine Passeio com uma certa assiduidade, o espectador esporádico, ou até mesmo o espectador espontâneo. Trata-se de pessoas que fazem parte da história do cinema em Curitiba. Os entrevistados são: Ana Paula Villa Cavalotti, Eduardo Baggio, Fernando Severo, Luciana Cristo, Silvana Maltaca e Solange Stecz. As entrevistas duraram aproximadamente 90 minutos cada, e foram gravados somente os áudios. Não pretendemos transcrever as entrevistas na íntegra, somente trazer trechos para analisar a natureza da memória (Kuhn, 2011).

Todos os entrevistados concederam de forma escrita e verbal a gravação do áudio da entrevista e o uso da mesma para a escrita desta dissertação. Buscamos entender o imaginário do espectador acerca do Cine Passeio, com o objetivo de compreender se esse cinema conversava com a memória de outros cinemas de rua, mas dessa vez focando nos cinemas da FCC, os Cine Ritz e Luz, e também poder entender as experiências de especiação desses entrevistados sobre o Cine Passeio, saber seus hábitos, ritos, gostos e desgostos, impressões, sensações, e frequência a tal espaço.

As entrevistas foram conduzidas da seguinte forma: primeiro foram feitas perguntas mais amplas em relação às memórias de especiação dos entrevistados, tais como "Qual a sua primeira memória de ida ao cinema?"; "Qual foi o cinema que assistiu o filme de sua primeira memória de ida ao cinema?"; "Quais os cinemas que você mais frequentava?"; "Qual rito você tinha quando ia ao cinema?". Com esse intuito, interpretamos os dados coletados nas entrevistas, compreendendo os relatos enquanto fonte historiográfica oral, mas também como construção narrativa.

a memória é considerada aqui como não fornecendo acesso nem como representando o passado 'como era'; o passado, em vez disso, é tomado para ser mediado, de fato produzido, na atividade de lembrar (Kuhn, 2002, p.9, tradução nossa<sup>46</sup>).

---

<sup>45</sup> Os entrevistados foram : Eduardo Baggio, 45 anos, professor, pesquisador e cineasta; Fernando Severo, 63 anos, professor, pesquisador e cineasta; Solange Stecz, idade não informada, professora, pesquisadora e cineasta; Silvana Maltaca, 41 anos, jornalista e pesquisadora; Ana Paula Villa Cavalotti, 41 anos, jornalista; Luciana Cristo, 36 anos, jornalista e escritora. Para a realização da presente dissertação foi realizada uma entrevista com cada uma das pessoas citadas acima.

<sup>46</sup> "memory is regarded here as neither providing access to, nor as representing, the past 'as it was'; the past, rather, is taken to be mediated, indeed produced, in the activity of remembering"(Kuhn, 2002, p.9, original em inglês).

Pretendemos, a partir da definição trazida por Kuhn na citação acima, contextualizar os relatos com as informações apresentadas no primeiro capítulo acerca dos antigos cinemas da Cinelândia Curitibana. Nosso objetivo foi entender e poder determinar se existiam semelhanças ou divergências nas respostas fornecidas pelos entrevistados, bem como compreender se eles fazem parte de uma mesma cultura cinematográfica.

Na verdade na barriga da minha mãe ainda, numa pequena cidade que ela morava, e quando ela tava grávida de mim, ela ia quase toda noite ao cinema, era do lado da nossa casa. Então, eu assim que pude ir, assim, frequentar o cinema, com certeza foi esse cinema. Mas eu não lembro nada, eu saí da cidade aos 3 anos. Então é uma imagem muito difusa, assim pra mim... o cinema. Mas foi aí que eu entrei no cinema a primeira vez. E depois eu mudei pra cidade chamada Clevelândia, no sudoeste do Paraná e lá daí que eu passei a frequentar o cinema plenamente consciente, assim. Durante toda a minha infância eu ia todo domingo no cinema, era sagrado (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021).

Eu não tenho uma lembrança o que eu possa te dizer com certeza que foi a primeira vez. Eu tenho lembranças assim ... mistas de idas ao cinema, especialmente do Astor, do Lido que eram cinemas da antiga Cinelândia Curitibana, né. Com minha mãe levando... me levando e levando a minha irmã. E às vezes levando... eu tinha... é ...alguns primos mais ou menos da minha faixa etária. Uma um pouco mais velha, outros mais novo e tal que moravam na... na Lapa. Que é uma cidade a 70, mais ou menos 70km de Curitiba. É uma cidade pequena, lá não tinha cinema e eles vinham passar férias, às vezes ficavam uma semana em janeiro, em dezembro... as férias escolares lá na nossa casa. E... e nesse período minha mãe levava às vezes quatro, cinco, seis crianças pra ir ver filmes.... muito filmes dos Trapalhões, né, vi muitos filmes dos Trapalhões. Arrisco, eu não tenho essa certeza. Arrisco dizer que... assim, tem uma possibilidade grande do primeiro filme que eu tenha visto no cinema tenha sido algum dos filmes dos Trapalhões. (BAGGIO, Eduardo. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 13 nov 2020).

Tô pensando. É... eu acho inclusive que foi o cinema ali da Osório. Na fase final, ah, essa é uma coisa legal que eu não tinha lembrado. Quando eu era mais nova, ainda tinha, já era quase um pulgueiro, mas o cinema ali da da Osório.... Ele funcionava ainda, o Cine Osório [Cine Plaza]. Com uma programação bem família, no domingo você comprava o ingresso e te dava a direito a dois ou três filmes no mesmo dia.[...] E eu não lembro especificamente de um filme, mas na minha cabeça, assim, eram desenhos. Não sei se... não era 'Rei Leão', mas era um desses da Disney. E de sessões duplas de desenho no domingo, no Cine Osório. (CRISTO, Luciana. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 19 jan 2021).

A maioria dos entrevistados não se lembrava com clareza de suas primeiras lembranças de ida ao cinema. As lembranças costumam aparecer em uma amálgama de múltiplas memórias ou experiências, uma construção narrativa, que traz fatos, marcos e datações históricas que são utilizadas para legitimar (ou corroborar com) aquilo que é contado. As idas ao cinema são parte da vida cotidiana dos sujeitos e as experiências de especiação se mesclam com outras narrativas de vida. Isso também foi observado por Kuhn (2011) ao comentar que a maioria das memórias, não se concentram em filmes específicos, mas na sociabilização da ida ao cinema.

Outra questão trazida pelos entrevistados é o espaço do cinema. No texto, Kuhn (2011) relata que as memórias do Tipo C, ou seja, as memórias sobre um cinema, ou o hábito de frequentar um cinema, eram muito mais comuns nos entrevistados do que as memórias sobre algum filme específico. É possível observar que o mesmo acontece com o grupo de pessoas que foram entrevistadas para a realização da presente pesquisa. As características das salas, os ritos (como comprar pipoca ou balinhas) e as companhias dos entrevistados são citadas por eles como parte da experiência.

Eu lembro que tinha uma coisa, e esse cinema ele foi reformado na minha infância. Ele mudou as características. O cinema originalmente era todo de madeira e as poltronas não tinham nenhum tipo de estofamento, mas tinha uma coisa que eu achava muito lindo assim, que ele abria uma cortina vermelha ao som de uma música, assim que era uma coisa muito... soava um gongo e aí começava a tocar essa música e a cortina vermelha abria solenemente assim. Isso é muito marcante (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021).

E um que me marcou no Cine Astor foi 'Super Xuxa Contra o Baixo Astral' em 1988. Eu fui assistir no cinema também. E o evento é porque daí minha mãe comprava aquele refrigerante pequenininho pra gente e balinha Mentex, que era o que tinha naquelas bombonieres. Tinha pipoca tal, mas pipoca a gente comia em casa. A gente gostava das balinhas, dos chicletinhos, né. Esse tipo de coisa assim, pra mim então sempre foi. Era uma coisa muito especial ir ao cinema (CAVALOTTI, Ana. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

Engraçado, eu não tenho memória dos filmes depois que eu assisti. Eu lembro o primeiro, porque foi muito marcante essa primeira ida ao cinema. Que eu olhei aquela tela enorme, né. Porque a televisão em casa era é pequenininha e ainda era preto e branco, meu pai e minha mãe ainda não tinha ainda TV colorida, a cores e tal porque era caro na época. E eu olhei aquilo, assim ' Nossa que enorme! Que coisa linda! Que troço bonito! Fiquei fascinada por aquilo! (MALTACA, Silvane. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

Ele era praticamente um teatro mesmo, assim consigo lembrar do Guaíra, e pensar no Cine Osório. Ele era muito grande, e eles não fizeram nenhuma reformulação de deixar

menor, de usar só uma parte do espaço. Não, continuou aquele espaço gigantesco, com aquelas poltronas bem antigas, também não revitalizadas e era ali que passava, né. Porque a tela já estava pronta, tinha cadeira, então você podia escolher onde sentar. Então, hoje, em tempos de distanciamento social seria incrível poder usar aquilo. Porque era muito grande, e muitas poucas pessoas, porque já estava em voga. Ali eu tinha o quê? Dez, doze anos, dez, imagino. Já tinha cinema em *shopping*, era moda, era... as famílias gostavam de ir e comprar pipoca super cara no cinema e tal. E... e ficar no *shopping* mesmo. (CRISTO, Luciana. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 19 jan 2021).

O trajeto até o cinema também é comentado com bastante frequência por todas as pessoas que foram entrevistadas. Pensar o caminho que se fazia até o cinema faz parte do processo de reconstrução de memória e narrativa trazida pelos entrevistados. Kuhn (2002) chama esse processo de “produção discursiva de memórias” (p. 33, tradução nossa<sup>47</sup>). Esses mapas mentais, ou “mapas de memória” (p.18, tradução nossa<sup>48</sup>) englobam não só o espaço arquitetônico e espacialidade dos cinemas, mas também o entorno de onde eles eram localizados, outros detalhes da urbes e espaço geográfico, conectando o local onde era o cinema a partir de pontos de referência da vida pessoal. Fazer tais conexões por meio de suas noções espaciais faz parte do processo de memória, mas também é fundamental para auxiliar o sujeito a situar a sua narrativa dentro de uma espacialidade em um determinado tempo histórico. Os cinemas são marcos geográficos, mas também marcos temporais.

Como, como a gente vinha no cinema... ia no cinema nas salas centrais e a gente morava longe, Santa Felicidade dá uns 9 km eu acho do centro, né. É... claro que depende da dimensão da cidade que a gente fala não é tão longe, mas pra, enfim, pra Curitiba dos anos 1980 era longe. Principalmente que tem uma questão da dinâmica da cidade assim até hoje quando você vai pra Santa. Não sei se você já foi pra lá, mas tem aquela avenida você passa numa área verde que é o Parque Barigui. É naquela época eu era criança essa área verde era maior, depois foi entrando construções e tal. Então tinha uma coisa um pouco assim de você sair de uma... A cidade era a mesma, mas você sai de uma urbe, passa num espaço de uns 2, 3km de mato e entra em outra urbe. Então isso pra várias coisas, não só pra ida ao cinema, essa, esse deslocamento maior, mais intenso, né? E e aí minha mãe ia com a gente é, comigo e com a minha irmã quando éramos só nós e daí eventualmente, como eu falei período de férias e tal, aí eventualmente meus primos juntos. E a gente normalmente, é quando a gente ia ao cinema, depois do cinema a gente ia é... lanchar. Comer um sanduíche e tinha uma lanchonete bem específica, é princi principalmente nas ocasiões que... porque às vezes a gente ia de carro, como ela tinha um fusquinha verde ou de ônibus. Principalmente quando a gente ia de ônibus, a gente ia na mesma lanchonete porque era ao lado lá do do do ponto final do ônibus de Santa Felicidade. Então a gente depois de ver o filme ia lá na, me lembro do nome até

<sup>47</sup> "discursive production of memories"(Kuhn, 2002, p.33, original em inglês).

<sup>48</sup> "memory maps"(Kuhn, 2002, p.18, original em inglês).

hoje, chamava Melo's. Com apóstrofo assim, tipo aqueles nomes americanizados. (BAGGIO, Eduardo. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 13 nov 2020).

Pegar um ônibus, é que eu achava o máximo o vermelhão, né. A gente descia na Rui Barbosa e ia até o São João ou então até o Astor. Que eram cinemas ali mais perto, pra assistir os filmes que eram *hit* na época, né. No caso Trapalhões, eu assisti muito Xuxa. (CAVALOTTI, Ana. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

Olha, eu sempre fui uma pessoa que... que gostou muito de... de cinema, tá. Então, essas salas aí que você chama de Cinelândia, todas elas eu frequentei. Porque elas... é... lá pelos anos... meados... final do anos 1970, anos 1980 essas salas ainda estavam abertas e eu já era uma adolescente, uma pessoa que já tinha... que estava um pouco mais jovem assim mas não era tão criança frequentava o cinema sozinha, assim, com certa idade depois eu fui trabalhar no Cinemateca... a minha... a minha memória mais eu me lembro do Cine Astor, do Cine Avenida, do Cine Ritz, do Cine Rivoli de várias salas de cinema. Que nem o Cine Avenida, ali na.. na.. na.. que era ali na XV, todas essas salas. E, tinha uma sala ali na esquina da Riachuelo que ainda hoje existe, que hoje é cine pornô, mas tem uma sala ali, que era um cinema de arte. A da Praça Tiradentes também, na galeria ali tinha uma sala de cinema. Eu me lembro dessas salas. (STECZ, Solange. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 6 abr 2021).

Apesar da pesquisa desenvolvida por Kuhn (2002; 2011) se tratar do público que frequentava o cinema na década de 1930 a 1960, na Inglaterra – público esse que ela chama de “formados pelo cinema” – e estar distante, não só em temporalidade, mas também em espacialidade do público que trataremos aqui, ainda é possível traçar paralelos entre esses dois grupos e suas experiências. Como foi tratado no capítulo anterior, no Brasil, a popularização das televisões só aconteceu na década de 1970, ou seja, o espaço cinema era o local para esse primeiro contato com as obras fílmicas, ou o primeiro contato com uma mídia audiovisual.

Frequentar o cinema na infância foi uma experiência marcante para as pessoas entrevistadas, mesmo tratando de relatos de primeiras experiências cinematográficas com grande distância temporal e alguns casos geográficos. Os relatos coletados de espectralidade que começam no final da década 1960 e vão até a década de 1990 revelam que, com exceção de uma pessoa (a mais nova do grupo), ir ao cinema era a principal, ou a única forma pela qual essas pessoas consumiam filmes. A diferença de idade para a pessoa mais nova, que nasceu em 1985, e a segunda mais nova, é de seis anos. Se o demográfico do grupo abordado fosse maior, talvez o cinema não fosse a principal forma de consumo fílmico. No entanto, como explicitamos no começo do capítulo, o nosso interesse de análise era o público que frequentou os Cines Luz e

Ritz da FCC, mas que também frequentou o Cine Passeio durante o seu primeiro ano de funcionamento. Esse critério causa uma restrição no quesito faixa etária, uma vez que esses cinemas da FCC funcionaram no centro de Curitiba de meados dos anos 1980 até o final dos anos 2000.

### 3.1.2 Os Cinemas da FCC e as gerações de cinéfilos dos anos 1980 à 2000

O ponto nerval de convergência das experiências de espectação dos entrevistados eram os cinemas da FCC, mais especificamente os Cines Luz e Ritz. Esses cinemas, que formaram gerações de cinéfilos por aproximadamente 30 anos, cumpriram um papel de destaque nos relatos trazidos pelos entrevistados, sendo esses cinemas os mais frequentados por todos eles. Entender como essas memórias dos cinemas da FCC conversam com as memórias de espectação do Cine Passeio é o que a presente pesquisa buscou compreender através das análises das entrevistas realizadas ao longo do capítulo.

Voltamos para as memórias dos cinemas da FCC e buscamos entender seu papel na formação da cultura cinematográfica dessas pessoas e na construção da identidade de cinefilia. Os entrevistados frequentaram esses cinemas de forma massiva durante a juventude e vida adulta e, em alguns casos, no começo da adolescência até a vida adulta. Seguimos com o roteiro de perguntas, buscando entender quais eram os hábitos de espectação e, para tal, fizemos as seguintes perguntas: “Quais os cinemas da FCC você frequentou?”, “Por que você frequentava essas salas, o que te atraía nelas?”, “Você tem lembrança do espaço do cinema?”, “Você tinha algum rito, ou grupo de amigos que ia ao cinema com você?”, “Lembra de algum filme que tenha te marcado, ou alguma sessão em especial?”.

E agora eu lembro muito no cinema na época do estadual, colégio estadual do Paraná! Saudoso colégio! E que a gente matava a aula, cabulava a aula, pra ir no cinema! Não comprava pipoca nem bala porque o dinheiro era contadinho. Eu matava aula para ir ao cinema lá na XV. Matava aula pra ir no cinema.[...] É ,e daí um dia eu descobri as

portinhas do cinema público, que daí a gente começou aquela coisa que vai evoluindo, né.[...] O Ritz era muito legal, né. (MALTACA, Silvane. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

Frequentei todos. Eu já era *habitué* da Cinemateca, eu frequento a Cinemateca desde o primeiro mês da fundação dela. Fui um dos primeiros associados, na época você tinha que se associar a Cinemateca. E eu frequentei todos os cinemas da Fundação assim que eles abriram, né. O que eu menos frequentei foi o Guarani, porque é longe, né, fora do centro. Mesmo assim, eu vi vários filmes lá. Mas eu fui frequentador assíduo do Cine Groff, que foi o primeiro que abriu, que inclusive tinham sessões nos domingos de manhã que eu gostava muito de ir. É... depois abriu o Cine Ritz, que eu acho que foi o que eu mais frequentei de todos. E o Luz, né, que era um cinema que tinha uma certa implicância, porque ele tinha uma tela muito pequena e uma visibilidade ruim, mas tinha ótimos filmes, então eu também ia bastante. Cheguei a morar uma época exatamente em frente ao Luz. (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021).

É... essas salas elas têm, hum, o surgimento delas, ah... e depois o fechamento delas, têm histórias diferentes. Elas não surgiram todas juntas, mas, é... me arrisco dizer que assim, que o período áureo delas, o mento melhor da história delas foi o finalzinho dos anos 1980 e começo dos anos 2000. Basicamente o encaixe da década de 90. E eu com, em 1991 fiz 15 anos. Então coincidiu muito para mim com esse período, né, da, da década de 1990 eu frequentei muito essas salas. (BAGGIO, Eduardo. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 13 nov 2020).

Eu estive na inauguração dessas salas, eu trabalhei na Cinemateca, que tinha um vínculo muito grande com os cinemas já nesses períodos. O Cine Luz, lá que foi o último a fechar. (STECZ, Solange. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 6 abr 2021).

Os Cinemas da FCC, na região central, surgiram na década de 1980. O primeiro deles foi o Cine Groff, inaugurado em 1981, que ficava localizado na rua XV de Novembro, dentro da Galeria Schaffer. A programação desses cinemas ficava a cargo do diretor da Cinemateca e seguia a mesma política já estabelecida pela instituição na década de 1970, da construção de aparelhos culturais que pudessem dar acesso à cultura e difundir a cultura local. (CARVALHO, 2018).

Do Groff, você tinha que atravessar uma galeria, onde se vendia a coalhada mais famosa da cidade, aí lá no fim tinha entrada do cinema. Era mais escondido ainda [...] Eu lembro muito da inclinação da sala do Groff. O Groff era a menor dessas salas, e ela era um tanto improvisada. Ela tinha... você entrava numa porta que dava no meio da sala.

Ah, com a tela aqui por exemplo, né.[gesticula] E ela e a sala era um pouco assim [gesticula]. Então se você sentasse da metade para trás você, sentava numa inclinação típica de uma sala de cinema. Uma inclinação assim [gesticula] com a tela aqui [gesticula]. Se você sentasse mais na frente era meio assim [gesticula]. Então você ficava [gesticula]. Era meio estranho assim, porque, não foi o espaço construído para isso, foi um espaço adaptado para ser uma sala. Ficava, sabe? Meio contrário do que a gente tá acostumado, você ficar com inclinação assim [gesticula], ao invés de você ficar com inclinação assim [gesticula]. (BAGGIO, Eduardo. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 13 nov 2020).

Eu lembro também que o Groff era muito ruim, assim em termos de ... de visualização, ele... também que ele era muito pequeno, né. Não... era muito improvisado, assim, e era desconfortável também, mas na época a gente nem ligava pra isso, porque era tão maravilhoso ter um cinema passando esses filmes (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021).

Os outros dois cinemas da FCC (os Cine Ritz e Luz), que também eram localizados no centro de Curitiba, assim como o Groff, ficavam localizados na Rua XV de Novembro. Ambos abriram em 1985. Como eles são o foco deste subcapítulo, traremos com maior destaque as memórias de espectação relacionados a esses dois cinemas.

O Ritz era muito legal. Era do lado da C&A, né? Você descia assim... É ali eu assisti filmes muito bom também. (MALTACA, Silvane. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

O melhor de todos era o Ritz, que tinha uma visibilidade excelente (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021).

[...] a entrada do Ritz era estreita, era uma portinha, apesar do cinema lá embaixo ser um cinema... para os padrões da época médio, né. Pra hoje a gente chamaria de uma sala enorme, porque era uma sala que, acho que talvez 350 a 400 lugares. Hoje são raras as salas desse tamanho. É...o Luz também era aquela escadinha ali, na Santos Andrade. Um pouco maior, um pouco mais chamativa que a do Ritz, mas relativamente acanhada [...] eu lembro das poltronas do Ritz. Da cor das poltronas do Ritz, particularmente do Ritz [...] Eu lembro muito da, lembro muito também da sala do Luz. Porque eu frequentei muito. Do Ritz e do Luz foram as que eu mais frequentei. É, ro Ri, não no Luz isso, eu chego a lembrar assim, que tinha, as poltronas tinham uma pecinha metálica, assim, que eu não sei, quê que é aquilo servia originalmente, tal. Mas ficava uma coisa redondinha assim, [gesticula] e não era exatamente o um aspecto agradável, porque às vezes você viu ali uma ponta de cigarro ali dentro, uma bituca de cigarro, uma, um chicletes mastigado, uma coisa assim. Mas eu me lembro de muitos, muitos aspectos, assim [...] No Ritz sim, tinha um painelzinho luminoso, no Cine Ritz. No Luz tinha um painel. é.. é.., enfim, também luminoso, mas o do Ritz era essa escrita em



linhas de neon, né. E o do Luz, era um painel luminoso com a escrita é um pouco mais, um quadro com umas fontes quadradas. Assim, uma coisa assim. Hoje elas estão emuladas no Cine Passeio, né. É aquela logo que, porque as duas salas do Cine Passeio se chamam Luz e Ritz. Elas, elas tem tipologias diferentes, porque elas emulam a tipologia originais de cada uma dessas duas salas, né. Então elas tinham essa comunicação visual pra fora. É...o Ritz, ainda quer entrada fosse muito estreitinha, não sei, é uma impressão que eu tenho, de que aquele luminoso por estar bem na fachada, bem na, no calçadão da Rua XV. O luminoso não era grande, até porque, eu acho que o espaço que era permitido deles usassem, porque a portinha deles era estreitinha, então, tava em cima, né. Em cima dessa porta. Não era grande mas era um neon, era ... se eu não me engano, verde inclusive, um neon verde. E chamava um pouco atenção. O do, do Luz eu acho que razoavelmente. (BAGGIO, Eduardo. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 13 nov 2020).

Para os entrevistados, o interesse em frequentar as salas de cinema da FCC eram múltiplos, mas entre eles podemos dar destaque à programação como o fator mais atraente. Os cinemas da FCC faziam parte do circuito de cinema de artes. Além deles, naquela época, somente o Cinema 1, um outro cinema na região central, fornecia na programação filmes do circuito de artes. O Cinema 1 teve alguns períodos de fechamento temporário em 1980, e depois novamente em 1985, até fechar suas portas permanentemente em 1987. Durante os anos 1980 e nas décadas seguintes, os cinemas da FCC, em conjunto com a Cinemateca de Curitiba, eram a principal alternativa para o público que tinha interesse em uma cinematografia alternativa a hegemônica: os filmes hollywoodianos.

Eram filmes que você não encontrava daí nos cinemas do shopping. Era aqueles filmes europeus. Eu eu achava mais interessante porque, geralmente o roteiro era melhor. Eu nunca fui muito fã de filme de muito tiro, porrada e bomba ou muitos filmes de super-heróis, essas coisas assim, eu até ia. Mas o que eu gostava eram esses e era muito difícil. Na nossa época não tinha Netflix, não tinha né. Não tinha essa facilidade. [...] Então eu ia, eu dependia do cinema de rua. O Ritz, eu assisti um que era 'Callas Forever' sobre a Maria Callas, nos últimos anos dela, sabe? Então assim, eram coisas que você não ia achar no cinema do Shopping Curitiba, no Mueller, no Estação. (CAVALOTTI, Ana. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

Por causa da programação. [...] Elas eram, elas tinham programação intensa, é, muito focada em cinema um pouco diferente, às vezes bastante alternativas e às vezes não. Às vezes, isso que se chama de...às vezes se chama de cinema independente, ou cinema europeu, às vezes depende os termos que são usados, mas enfim, eu vi muitos filmes de cineastas que eram contemporâneos daquele período. [...] passou muito Almodóvar nos anos 1990 e começo dos 2000 nessas salas. Passava também outros, né, lembrando de espanhóis, passava os filmes dos Saura. Enfim, passava os filmes do Wim Wenders, passava os times do Herzog, esse tipo de cinema era muito presente. Um cinema que se

a gente olha hoje, né, eu olhando hoje ele nem é tão alternativo assim. De alguma maneira, cinema de...de... de renome ou de importância num circuito de festivais europeus, e isso era o que passava muito. Muito Woody Allen, muito... E às vezes, de cineastas que já estavam ou em final de carreira ou mesmo já tinha falecido, mas que eram muito importantes. Que daí vinham mostras assim mostras, mostras do Fellini, mostras do Ozu. Essas muito ligadas, algumas vezes. Melhor, importante dizer que algumas vezes, mas, é... ligadas, financiadas, apoiadas pelos consulados. Como Curitiba por causa dessa história é... de uma migração europeia acabou, enfim, isso é uma outra história complexa. Mas acabou que a gente tem consulados, hoje em dia eu acho eles até bem pouco atuantes, mas nos anos 1990 eles eram muito atuantes nessa ideia da disseminação cultural, né. Seja via institutos: como o Cervantes, como Aliança Francesa, como o Dante Alighieri. Então o espanhol, francês e italiano, ou... ou Instituto Goethe, alemão. É essas, essas instituições em algumas cidades, em algumas grandes cidades como São Paulo, elas até tem, algumas delas, têm salas de cinema próprias. Às vezes não é exatamente de cinema, mas capaz de exibir filmes. Aqui não tinha, mas eles financiavam, apoiavam de várias maneiras a difusão desse cinema dos seus países. Nessa lógica aí da difusão cultu... linguística-cultural. Então às vezes vinha as mostras do Fellini, as mostras do Antonioni financiadas, apoiadas de alguma forma com o consulado italiano e assim por diante. O Japonês, consulado japonês como Kurosawa, com o Ozu. E isso foi muito, é... particularmente para minha geração eu acho, foi muito interessante, né. A gente teve essa oportunidade de ter esses filmes ali, é... independe da crítica que eu posso fazer hoje em dia sobre que tipo de política é essa, acabou permitindo essa.. ver esses filmes em salas de cinema. (BAGGIO, Eduardo. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 13 nov 2020).

Essas salas todas, elas eram salas de um cinema não comercial, então eu lembro, por exemplo, que quando houve o lançamento do filme, que hoje seria uma série, né? 'O Berlim Alexanderplatz', do Fassbinder, cineasta alemão, era um filme que tinha, eu não lembro agora, depois você confere pra tua pesquisa, que era 13 h ou era 16h.. Então ele foi exibido em partes, né. Como se fosse uma série, e a gente assistia, tipo tudo. Como hoje eu faço é... hoje eu faço maratona com série do *netflix* [...] Então a gente fazia isso com o filme do Fassbinder, a gente ficava lá horas e horas e horas e horas e horas vendo o filme que era dividido para que os espectadores também...ninguém ia assistir um filme de 13h. (STECZ, Solange. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 6 abr 2021).

Era a programação mesmo, e também a possibilidade de encontrar pessoas conhecidas pra falar sobre filme. É, enfim, hoje em dia eu vou no cinema, no *multiplex* do *shopping*, se eu não for acompanhado, saio de lá e vou embora, sabe? Não tem essa.. essa pós degustação do filme, eu achava bem importante. Eu sinto falta. (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021).

Era bom mesmo esse cinema, era bem gostoso. Engraçado e...e.. o cinemas públicos lá, digamos, os cinemas na prefeitura. Eu criei um hábito que era assim, o pessoal... todo mundo que ver filme comercial, assim. É difícil assim uma pessoa que queira assistir na Cinemateca pra ver alguma coisa diferente. E eu tinha assim o hábito de vir sozinha ao cinema e era assim, o meu momento. (MALTACA, Silvano. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

De acordo com os entrevistados, outro fator atraente era o preço do ingresso. Por serem cinemas públicos, o ingresso possuía um valor mais baixo do que os dos demais cinemas do circuito comercial da cidade. Esse fator atraía um público universitário muito grande, especialmente porque na região central, bem próximo a esses cinemas, estavam localizados os Campi Reitoria e Sede Histórica da Universidade Federal do Paraná - UFPR.

Era barato mesmo, \$2,\$3 reais o ingresso. Enquanto outros eram \$10, \$15, que eu achava um absurdo. Lá era \$2, \$3 pila para você ver um filme de arte,né. Então, eu achava mais justo [...] Então era assim, mas pelo preço mesmo. Não sei se a gente achava que era hum... hum...o único jeito, um dos poucos, que a gente tinha de ter cultura barata também. (CAVALOTTI, Ana. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

os mesmos *habitué* da Cinemateca, os cinéfilos também frequentavam esses espaços,né. E pessoas da universidade, eles eram cinemas muito baratos, né, então muitos estudantes frequentavam, assim E era uma época, quando eles abriram assim era uma época, que eu acho que só tinha vídeo cassete, muito limitado e não tinha internet evidentemente. Então não tinha como ver filmes de arte, assim, a não ser... decentes assim, a não ser nesses cinemas da Fundação. (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021).

Fora, fora questão de ser mais justo eu achava legal assim. Ele tinha uma ambientação, era diferente, né. Não sei...Eu ia lá, eu ai... Já, vou lá assistir, apesar de que o cinema, esses comerciais, era realmente Assim ‘ah porque todo mundo ia lá ver o filme do momento’. Aí vai com o primo, vai com amigo, com o namorado, então [...] Eu também, né, daí não bate horário, daí eu ia nos cinemas da Fundação lá, ia lá na na Cinemateca. Ia no Ritz, no Luz. Eu ia muito, muito na época que eu tava fazendo Federal [UFPR], que eu tava estudando ali na Federal [UFPR], que eu tava fazendo Ciências Sociais na Federal [UFPR]. E aí, eu saía lá da aula e ia no cinema que é pertinho ali [...] Adeus Lenin’, também no... no... putz, aquele ali lá da XV era o Ritz, né. [respondo que o Ritz era na XV e o Luz na Santos Andrade] Isso! No Ritz, ali no Ritz que eu assisti ‘Adeus Lenin’. (MALTACA, Silvane. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

Então o da Fundação como estudante universitária, né, querendo conhecer diretores novos e novas produções era uma coisa que eu já vivia. Então, a cinemateca que eu também ia bastante, até porque na cinemateca, já proporcionava outros... outros atrativos que não só o filme, né. É... tinha debates, encontros, tinha lá uma exposição de alguma coisa... É o espaço e criatividade realmente, né. (CRISTO, Luciana. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 19 jan 2021).

No quesito programação, de acordo com os entrevistados, não tinha muita diferença no perfil da programação das salas. As únicas diferenças comentadas eram somente questões

relacionadas a infra estrutura, como a quantidade dos assentos, a qualidade de projeção, etc. O único diferencial do Ritz em relação às demais salas eram as sessões da meia-noite. De acordo com os entrevistados, o mais popular dos cinemas centrais da FCC era o Cine Ritz. Quando falam sobre a popularidade do cinema, o que vem à tona são questões relacionadas à sociabilidade que aquele cinema proporciona.

E as sessões de meia-noite tinha, um certo período assim, que eu me lembro até de ficar em fila para sessão da meia-noite. Tinha de muita gente que ia na sessão da meia-noite. E não era assim sessão de meia-noite, como às vezes se vincula a ideia de filmes de terror, não era a sessão da meia-noite com filmes. E aí as pessoas às vezes iam em bar antes de ir no cinema. Saída dos bares e, ah, ver filme. [elas eram mais atrativas, eu pergunto] Às vezes tinham filmes diferentes na programação, inclusive com... não com coisa como eu falei assim, ah de terror e tal, com às vezes por questões de faixa etária né. De filmes só para maiores, por exemplo, mas era dentro dessa programação da fundação. Então não eram filmes pornô, ou soft pornô, qualquer coisa assim. Eram um filmes que por alguma razão, às vezes por, por, por, um país assim super moralista como nosso. Assim às vezes por cena de sexo, às vezes por nú frontal, eu não sei quais os critérios que eles usavam assim. Continuo não entendendo direito isso até hoje. Às vezes como... como... diz o 'Marie Salout', é assim que fala, o filme do Godard foi proibido pelo Sarney. Mas isso é antes, é o final dos anos 1980. É... então às vezes filmes que tinham questionamentos religiosos, no Brasil eles eram taxados para maiores dezesesseis ou às vezes maiores de dezoito. Então, às vezes, era isso, a programação da meia-noite. Mas, mas a grande questão mesmo é que tinha uma juventude interessada em ir meia-noite. A fila do Ritz era uma fila de paquera, era um negócio assim. Então tinha essa frequência de uma juventude ali, né. É... eu tenho amigos, eu não tenho, mas eu tenho amigos que tem foto assim. que tiravam foto da fila lá do Ritz e tal. Não só da meia-noite tá, a sessão das 22 horas, essas sessões noturnas. As da meia-noite se eu não me engano, que a memória é uma ilha de edição, né. Mas se eu não me engano, as da meia-noite só tinha uma sexta e no sábado. Acho que era isso. Mas, é... nos anos 1990, os três cinemas da fundação tinham sessões a partir das 2 horas da tarde até às 10 horas da noite ou 9 horas. Claro, dependendo dos ajustes do tempo dos filmes, mas a gente... A abertura deles era no início da tarde, e o encerramento deles era final da noite, era 23 horas, meia-noite. Os que tinham sessão das 22 horas, normalmente os filmes iam acabar ali perto da meia-noite. (BAGGIO, Eduardo. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 13 nov 2020).

Olha eu... eu tinha, por exemplo, algumas, alguns amigos, algumas turmas, que gostavam muito de cinema. Então a gente sempre, por exemplo, pra sessão da meia-noite... É... Cada um tem o seu, a sua turma, né? Seu grupo. Então por exemplo, é... pra sessões da meia-noite sempre tinha o grupo que a gente saía. Normalmente sessão da meia-noite era sexta, não me lembro se era sextado ou sábado, mas a gente saía pra bar, saía pra, pra balada ia no cinema. Saía antes, depois ia no cinema. A gente frequentava num tempo que isso dava pra fazer, frequentava ali bares ali pela XV, pelo centro da, é... e ia no cinema, depois ia pra algum bar, depois ia pra outros lugares. Ou às vezes se marcava coisas pra depois pra depois da sessão da meia-noite. Mais ou menos com um grupo meio que fixo. (STECZ, Solange. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 6 abr 2021).

Tinha assim, o hábito de sair do cinema, e ficar conversando em frente. Inclusive tem uma foto do Cine Ritz, de várias pessoas em frente ali e eu conheço várias delas que é tipo desse momento. Assim, terminou a sessão e ao invés das pessoas irem embora, simplesmente eles estavam ali conversando sobre o filme ou batendo um papo, assim. Na época não tinha essa coisa que tem hoje em dia, dessa de você ficar nas calçadas, né, não tinha esse hábito assim. Não tinham bares que as pessoas ficavam na calçada, como é na Trajando, ou na São Francisco, né. Aqui na Vicente Machado, isso não existia. Então as pessoas ficavam na... no calçadão da XV, batendo papo, socializando e o filme era um pretexto pra isso. (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021).

Com o passar do tempo, fica evidente na fala dos entrevistados a decadência desses espaços que começaram como cinemas modernos e terminaram seus dias como pulgueiros. Entretanto, a programação desses cinemas ainda era única e o diferencial para seus frequentadores.

E depois com o tempo ele [o Cine Ritz] foi ficando deteriorado. Assim, tinha um cheiro de mofo nos últimos tempos, bem forte assim e... o som também começou a ficar defasado. A qualidade das lâmpadas também, a imagem fica escura, assim. Então eles começaram a entrar em decadência, com o tempo. A qualidade dos filmes sempre foi muito boa. (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021).

O Cine Luz, ao mesmo tempo que ele tinha, que ele era uma referência para o segmento de espectadores, ele também era um cinema que foi perdendo o seu público, porque era um cinema ali que tinha muitos problemas de manutenção, que já tinha problemas, é... indicados, pelo, pelo corpo de bombeiros etc. Porque as regras de, de prevenção de segurança, elas eram diferentes quando foi construído. Não sei se você chegou a conhecer o cinema, mas é. você, pra você ir na sala, você descia uma escada, era como se fosse um porão. Então, é, foi indicado para fazer um tipo de saída de incêndio e tal. E isso era uma coisa que exigia um custo tão grande, que foi sendo protelado, foi sendo protelado pela administração municipal, até que chegou no... no empasse como Ministério Público etc. Exigindo o fechamento, porque aí a administração... a... administração da Fundação Cultural não teve mais como, como segurar isso e o cinema fechou. (STECZ, Solange. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 6 abr 2021).

O fechamento dos cinemas da FCC, na região central, acarretou na escassez da oferta de exibição do circuito de artes. Durante esse período, a sala de exibição da Cinemateca se tornou,

para eles, o principal espaço para consumo do cinema de arte, de forma acessível. Com o tempo, surgiram outras salas, localizadas em cinemas de shopping e seguindo o padrão multiplex, que começaram a exibir filmes alternativos. De acordo com os entrevistados, ainda assim, a diversidade na programação era pequena e a cinematografia que era mais difícil de se ter acesso era a do cinema nacional.

É... vários desses filmes, que né, passavam nesses cinemas, ficaram sem um espaço de exibição. Filmes independentes, assim, é... Tipos filmes do Hal Hartley, que eu gostava muito já não eram exibidos em lugar nenhum. E os cinemas do *shopping*, além de ser caros e ter aquele ambiente asséptico, né, impessoal, de shopping eles...é... Depois que abriu, tipo o Itaú, é , o Novo Batel, começaram vir de novo os filmes, de arte, assim. a gente ficou muito tempo órfão desse cinema, né, até começar de novo. Não ficou nenhuma sala específica, a Cinemateca, às vezes tinha uma programação [não entendo o que ele fala], Mas cinema brasileiro então, foi o que mais sofreu. Porque esses cinemas da Fundação passavam muito filmes brasileiro, era... era a filosofia deles lançar amplamente o cinema brasileiro documentário, era o único lugar que passava. Tipo, eu vi o “Os anos Jk”, né ali, enfim, filmes marcantes. E “Um cabra marcado para morrer”, eu vi no Cine Ritz, foi inesquecível. Enfim, esse cine...filmes ficaram órfãos de distribuição, durante um bom tempo. (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021).

A pluralidade das produções, né. Cinema nacional, você quase não conseguia. A não ser quando deu o bum do ‘Cidade de Deus’, que foi aquele filme que ‘nossa’, né. Porque até quando teve da ‘Carlota Joaquina’, que foi da Carla Camurati 1994, a gente ainda tinha muito cinema de rua, então não foi uma coisa que me impactou, mas quando veio é ... depois do ‘Cidade de Deus’ é que começaram a colocar mais filme nacional do shopping, senão você depende do cinema da Fundação para ver. E a gente queria ver as produções, era um momento que o cinema brasileiro tava muito bom. Teve ‘O Central do Brasil’, teve né, vários filmes que foram, tentaram concorreram ao Oscar ou chegaram a concorrer ao Oscar. Então, para mim, a diferença que eu queria ver as produções nacionais, era uma época que eu vou dizer que tá melhor do que hoje. Hoje você tem mais produção nacional, mas são filmes bem mais rasteiros,né. Comédia com Ingrid Guimarães, comédia com Paulo Gustavo, não que eu não gosto de dar risada e não gosto de ver esses filmes, mas não é a mesma coisa que você ir ver um ‘Lavoura Arcaica’, né. Então essa é a diferença, acho que eram cineastas que realmente tinha alguma coisa para dizer. (CAVALOTTI, Ana. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

Olha, eu acho que o impacto do fechamento do Ritz foi maior do que o impacto do fechamento do Luz, num sentido assim... para os, as pessoas amantes do cinema, dos frequentadores assíduos. Porque os frequentadores assíduos do Luz, do Groff e do Ritz, eles sentiram... se sentiram, como se uma parte deles tivesse sendo arrancada,sabe ? Porque isso representou o fim de um ciclo. Porque esse cinemas fecharam, não só porque para o Estado e para o Município, manter essa estrutura de uma coisa muito cara, né, custosa. É... mas também, porque você tem, você tinha outra configuração de mercado exibidor que são os *multiplex*,os cinema de *shopping*, etc e etc [...] Então, foi, foi o fim de uma era de cinema de rua. Porque essas três salas, é... elas apresentavam

isso. Elas eram espécies de uma resistência, não só de cinema de rua, mas também do cinema de arte. Porque a programação dos cinemas da Fundação Cultural, eram as programações voltadas para um, para um cinema curva do entretenimento, tá. (STECZ, Solange. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 6 abr 2021).

O ato da ida ao cinema é cultural, transcende gerações ou localizações geográficas, e suas memórias, sejam elas individuais ou coletivas, estão ligadas a uma afetividade relacionada à sociabilidade que aquela vivência e as experiências da ida ao cinema proporcionaram. Com base nos dados coletados, mesmo que a amostragem seja pequena, podemos afirmar que esses sujeitos fazem parte de uma cultura cinematográfica. Não necessariamente porque consumiram os mesmos filmes ou frequentaram os mesmos cinemas, mas porque o ato de ir ao cinema teve um impacto na vida dessas pessoas, o que as motivou a continuar frequentando o cinema, mesmo depois da primeira infância, quando a ida ao cinema não necessariamente era uma agência do sujeito, mas sim consequência da vontade de outra pessoa ou pessoas – os pais, irmãos mais velhos, primos –, ou quando o avanço tecnológico permitiu que as obras filmicas pudessem ser visualizadas por meio de outros dispositivos. Ainda assim, a preferência era pela ida ao cinema para o consumo dos filmes.

Se voltarmos para a natureza das memórias (Kuhn, 2011), os relatos trazidos pelos espectadores acerca de suas memórias de espectação dos cinemas da FCC, as memórias de Tipo C, ou seja, as memórias sobre um cinema, ou o hábito de frequentar um cinema, ainda são mais expressivas. Essas memórias que se mesclam entre individuais e coletivas trazem aspectos que são históricos e geracionais, às vezes genéricos ou únicos, mas que refletem de forma universal questões que são importantes para o estudo das memórias de ida ao cinema (Kuhn, 2011).

Até nos casos em que algum filme em particular é comentado, os entrevistados não entraram em detalhes sobre o filme em si, suas impressões ou sensações, nem comentaram cenas, frames, ou mesmo a sinopse do filme assistido. Falar de algum filme, ou filmografias, diretores, ou movimentos cinematográficos, ilustram a experiência de espectação, num geral, como uma das razões pela qual aqueles cinemas eram atraentes. A programação oferecida por aqueles cinemas era uma das partes do elo de ligação entre o público que frequentava essas salas. O consumo daqueles filmes, dito por eles como um cinema de arte, ou um cinema europeu, ou até mesmo cinema alternativo, é entendido aqui como um consumo midiático, mas também uma

atividade cultural. Os entrevistados trouxeram, em seus relatos, memórias que expressam uma relação de afetividade com aqueles cinemas, mas também uma afetividade com a forma de consumo midiático que aqueles cinemas proporcionavam. E esse consumo estava pautado na sociabilização que girava em torno de frequentar aqueles cinemas. As memórias de especção dos cinemas da FCC expressam o sentimento de pertencimento e identidade a um determinado grupo ou indivíduo e são indicadores da memória coletiva, parte da construção da identidade de cinefilia de seus espectadores (HALBWACHS, 1990).

Aqui fica evidente que frequentar os cinemas de rua teve um impacto sobre tal a especção cinematográfica para os entrevistados. Eles associam as experiências mais à forma de especção que esses espaços proporcionam do que à programação em si. Cultivou-se a ideia de que somente os cinemas de rua possuíam aquele tipo de programação alternativa ao padrão hegemônico hollywoodiano. Como eles falam nas entrevistas, eventualmente surgiram outras salas de cinema no modelo *multiplex*, que possuem uma programação de cinema de arte: como o Grupo Itaú, no *Shopping Crystal*, ou Cinéplus, no *Shopping Novo Batel*. Em todo caso, para eles, essas salas, apesar da programação de arte, não eram tão atrativas quanto os antigos Cinemas da FCC.

### 3.1.3 O Cine Passeio: especção, memórias e cinefilia

Após estabelecer que nossos entrevistados fazem parte de uma mesma cultura cinematográfica, chegamos no ponto crucial para o desenvolvendo de nossa pesquisa: entender como o Cine Passeio conversa, ou não, com as memórias de especção dos antigos cinemas e se, de alguma forma, ele está conectado ao imaginário do público acerca dos antigos cinemas de rua. Começamos perguntado aos entrevistados o que eles achavam do Cine Passeio. Nosso objetivo era ter impressões mais genéricas, mas a maioria já começa seus relatos falando sobre como, para ele ou ela, esse cinema se relaciona com a memória dos cinemas de rua. Continuamos com a nossa entrevista agora fazendo perguntas sobre o Cine Passeio. Começamos perguntando quais



impressões os entrevistados tinham do cinema, queríamos saber em linhas gerais qual era a leitura feita por eles do espaço do Cinema.

Acho as salas acanhadas ... eu não faria as salas tão pequenas, especialmente as telas tão pequenas. acho as telas super acanhadas. acho esse um erro porque sendo uma ah... um espaço público, que foi investido um dinheiro público, não demandaria mais dinheiro, ou pelo menos não demandaria muito mais dinheiro que se torne significativo dentro daquilo ali que foi um grande investimento se ter uma telas de cinema um pouquinho maior. Pra mim aquilo ali é sala de até terceira fila, se eu sentar na quarta eu já acho q a tela não comporta o nosso espaço visual. Quando eu vou lá eu sento até a terceira fila” Da li pro fundo fica muito pequeno. Então tem alguns problemas, mas fora esses problemas assim, eu acho super importante, eu acho incrível. O espaço é... é... eu acabei de fazer uma crítica arquitetônica, agora vou fazer um elogio. No convívio, na beleza, na iluminação, acho ótimo, talvez até seja esse o problema... eu nem sei quem são os arquitetos e vou aqui me meter e falar mal. Talvez o arquiteto tenha pensado na coisa de arquiteto, de circulação, de beleza, de iluminação, de ventilação e esqueceram um pouco das salas tinham que ter pensando um pouquinho mais nas salas. Mas fora isso eu acho ótimo, acho... e acho né, que até, até a pandemia iniciar, então você me lembrou da data, acabou curiosamente sendo um ano né. De março a março e aí fechou, agora tem programação virtual, alias reabriu, né a duas semanas atrás. Eu nem sei como que estão essas sessões ai. mas é.. Eu fui muito nesse um ano, assim pensando, eu até achei que era mais de um ano. Fui, vi muita coisa lá, acho super importante pra cidade, acho ótimo que seja no centro. (BAGGIO, Eduardo. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 13 nov 2020).

Eu acho a melhor coisa que aconteceu nos últimos anos, porque ele vem substituir esses espaços com uma filosofia muito próxima, assim: ingressos mais baratos, uma programação rica e variada, envolvendo cinema brasileiro e o melhor do cinema internacional, com a qualidade de projeção excelente, as salas são confortáveis. então eu acho o Cine Passeio uma evolução é... em termos de cinema de rua da FCC . (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021).

Cine Passeio hoje é uma outra realidade e ali ele tem um uma outra forma de trabalhar com as questões de cinema ali com ele, ele consegue misturar um cinema mais comercial com um cinema de arte num espaço cultural que funciona muito bem e que deu certo. E deu muito certo por essa mescla, também porque existe um público pra esse tipo de cinema e esse público não tinha mais onde ir. Existe um público pro cinema de rua, sempre existiu porque não é só uma sala de cinema, é um espaço de convivência. (STECZ, Solange. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 6 abr 2021).

Então, eu peguei o Cine... duas coisas uma coisa que me incomodou um pouco é aquilo ser um quartel né. Eu achava meio esquisito aquilo ser um quartel. É, os dois locais que os policiais levavam gente pra torturar. Mas enfim, é, o problema é pensar talvez que seja essa memória seja uma a adequação da memória, talvez? Mas assim, eu acho que essa ideia proposta é muito legal, de alguma forma, assim no geral, no geral.

(MALTACA, Silvane. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

O Cine Passeio eu acho muito bacana por isso assim, por você resgatar, você mesma falou assim no áudio que você me mandou que você está passeando na cidade, de você fazer coisas na cidade, de você entrar num cinema é muito diferente de você ir no shopping. Você vai no shopping, você faz várias coisas lá, é prático, é seguro, mas seguro do que na rua parar o carro e tudo mais, mas é diferente, né. E tem essa questão do cinema de rua, até outras cidades, e outros grandes centros urbanos mais que Curitiba ainda tem um pouco dessa possibilidade, mas é um estilo de se vivenciar a cidade que se perdeu. (CRISTO, Luciana. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 19 jan 2021).

Ah eu achei massa, só que eu só fui lá uma vez, pra ver o coringa. Porque tá sempre, as sessões estão sempre lotadas. Bacurau eu não consegui assistir lá eu fui ver no crystal, qualquer outro filme que eu quisesse estava sempre lotado. Antes da pandemia né. (CAVALOTTI, Ana. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

De fato, o Cine Passeio trouxe de volta à cidade de Curitiba o equipamento coletivo de lazer, o cinema de rua (Ferraz, 2012), e essa forma de espectação. Isso não necessariamente quer dizer que esse cinema – que é um novo cinema, construído em um espaço onde por muito tempo funcionou um quartel – faça essa ressignificação de memória dos cinemas de rua para outros espectadores. Como o escopo de nossas entrevistas é pequeno, devemos admitir a possibilidade de que os dados derivados de nossa coleta e análise não refletem as realidades do público que frequenta o Cine Passeio. Até mesmo se mantivéssemos os critérios de seleção dos entrevistados pré-estabelecidos no começo deste capítulo, talvez agora, em 2022, nosso escopo pudesse ser maior. Como, em função da pandemia, o Cine Passeio esteve fechado durante a maior parte da produção da presente pesquisa, iniciada em 2020, o nosso acesso ao público foi limitado, o que restringiu significativamente a pesquisa. Seguimos aqui com as análises com base nos dados coletados, entendendo que ela atende somente ao grupo entrevistado.

É interessante perceber que apenas um dos entrevistados questiona a requalificação de um quartel como cinema. A prática da requalificação dos espaços públicos em equipamentos culturais de lazer é uma prática realizada pela FCC desde de 1970, como pudemos observar no capítulo anterior. Por se tratar de uma prática tão bem estabelecida e executada nos últimos 50

anos, é possível que a população local de Curitiba ache normal a requalificação dos espaços independentemente de suas funções de origem. Outra possibilidade é que o tempo de construção do Cine Passeio tenha sido tão longo que, nos últimos 9 anos, considerando que o espaço foi um canteiro de obras, é possível que na memória individual e coletiva tenha sido esquecido que ali fosse, originalmente, um quartel.

Além da questão de suas possíveis ligações de memória com os antigos cinemas, perguntamos aos entrevistados porque eles tinham interesse em frequentar o Cine Passeio. Agregado a isso, quando eles falavam das salas da FCC, entre os principais critérios de porquê frequentar o Cine Passeio, comentaram de questões relacionadas à programação do cinema como um diferencial, mas principalmente sobre a sociabilidade relacionada a frequentar o cinema.

Não só a questão do custo, mas aquela coisa assim do passeio, né. Que você não tá indo assim no *shopping* e Ah! Vou aproveitar e vou no cinema e vou embora. Assim, sabe? O local do passeio que você vai pra ver um filme determinado, pra sair e que você sabe o horário e tal. Não você tá indo lá pra passear mesmo, pro lazer, né. Que você vai lá, assiste o filme, senta, conversa, troca uma ideia ou vai um pouco antes e espera. (MALTACA, Silvane. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021).

Você ir no Cine Passeio, aí já falando do Cine Passeio não é só você ver um filme. É você sentar no café, é você ir lá embaixo olhar as coisas, é você ficar discutindo o filme, ficar conversando sobre o filme, é você ficar trocando ideias com as pessoas é você conhecer gente nova. Você tá ali numa mesa grande e de repente tem alguém que vai ver o mesmo filme que você e começa a conversar sobre aquilo. Em um universo que hoje dentro do conceito que o ( não entendi direito qual que é o nome do teórico) traz aí pra modernidade é a sociedade do individualismo, é a sociedade líquida de Bauman em que as pessoas o tipo que for de relação das pessoas é muito diferente . É muito focado no ambiente virtual, é muito focado no individualismo, é muito focado em outro tipo de coisa que é diferente do que foi na minha geração , é como você disse, tem um coisa geracional aí gigante. E e o Cine Passeio resgata essa questão do presencial, resgata essa questão de você encontrar uma pessoa desconhecida, mas essa pessoa desconhecida ela tem um um ponto em comum com você não é no mundo virtual. É no mundo real e pode ser que você só se encontre com aquela pessoa que você conversou ali sobre o filme nunca mais que você se encontra em outra sessão. Mas você cria ali um tipo de relacionamento, de laço com as pessoas, diferente de muito do que hoje a gente vive. Isso falando, inclusive não to nem me referindo a a pandemia, porque o período da pandemia é outra história, hoje você... o mundo é virtual e ... e isso veio pra ficar. Pro que tem de bom e pro que tem de ruim. (STECZ, Solange. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 6 abr 2021).

Ele mantém a tradição daqueles cinemas daquele espírito, aquele espírito Valêncio Xavier, muito justamente homenageado no espaço né. E tem essa questão que ajuda muito é ter um café ali. Então essa função de não sair do cinema e ir pra casa simplesmente, né, Quer conversar com os amigos ali e virou de novo um ponto também de cinéfilos se encontrarem sempre que eu vou ali e encontro alguém conhecido, por exemplo. Eu acho muito saudável porque os cinemas de shopping mataram inteiramente esse espírito. Todas essas razões em conjunto e a programação sempre tem filmes que me interessam, sempre, sempre. Porque essa política deles de passarem vários filmes durante a semana eu acho muito acertada, em horários variados também, que li é um cinema bom de frequentar nesse sentido também. (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021).

O valor do ingresso, acho a localização maravilhosa, eu acho que é muito importante ter esses espaços culturais, não só da área do cinema no centro. No centro.. é.. como ali é um centro, centro mesmo, quer dizer não é exatamente um espaço que hoje se fala gentrificado, ou sei lá o que, gourmetizado. Ou talvez, lá dentro seja um pouquinho gourmetizado, mas eu digo o espaço onde ele está, a rua onde ele está, a esquina onde ele está é centro de cidade, né é a minha forma de ver, eu acho que essas salas públicas elas têm que estar o no centro perto de ônibus, bem central mesmo, ou então nos bairros, servindo os bairros [...] Eu acho que faz toda a diferença o cine passeio estar num lugar de circulação onde muita passa, uma rua de comércio, é... então eu acho a localização muito boa, acho que o preço é bom, o que mais, acho que a programação , tenho lá as minhas ressalvas, mas sempre a gente vai ter, no geral acho que a programação se mostrou boa e efetiva porque tava tendo uma frequência muito grande, né muito boa. [...] Acho super legal ter um café, mas acho q ali esses é um dos problemas, assim é um café é... que cada um tem as suas fases, eu posso falar assim pra mim, o que eu vivo a minha condição sempre que eu ia lá eu ia tomar um cafezinho e tava tudo bem mas é um café muito caro pra uma sala de cinema pública, ele deveria ter sido licitado , ao meu ver de outra maneira, com limite de preços.. ainda que daí não tivesse espuminha no café no formato de coração, tudo bem mas tivesse um preço mais baixo, é. Isso eu acho, acho um equívoco. São alguns aspectos que eu criticaria, eu eu já te falei eu acho que o tamanho da tela o pior pecado do Cine Passeio, tinha que assim, tinha que ser maior mas... No geral acho muito bem sucedido, acho um projeto muito bem sucedido. Talvez ele mereça ser pensado, a tela é mais difícil de mudar, não tem espaço pra por uma tela maior ah... mas acho que uma das coisas a.. a se pensar é que além dele estar um um lugar central e popular, que ele se torne um lugar um pouco mais popular. No preço do ingresso acho até que ele é razoável, mas por exemplo nesse quesito assim de mudar um pouco o perfil daquele café, tornar mais atrativo para pessoas de acesso econômico ... com menos recursos financeiros. (BAGGIO, Eduardo. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 13 nov 2020).

Pra mim me surpreendeu a primeira vez que eu fui, eu até demorei um pouco pra ir porque ele tava muito lotado no início, as pessoas adoraram né e foi todo um acontecimento e todo mundo me perguntava justamente pelo trabalho, pelo meu interesse. ‘E ai, já foi no Cine Passeio?’ E eu demorei meses pra ir, mas por conta disso. Também porque tava muito cheio. E aí quando eu fui a primeira vez eu me surpreendi, eu achei muito legal porque as pessoas ficavam ali perto daquele café conversando. E é um público diferente do de shopping, eu senti isso e passou assim a ser uma opção pra gente assim mesmo de voltar ali e eu gostei. (CRISTO, Luciana. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 19 jan 2021).

Podemos notar que as questões relacionadas à sociabilidade são mencionadas pelos entrevistados. Muitas vezes, eles mesmos partem do entendimento que o diferencial, para eles, é ver o cinema enquanto um espaço de socialização – uma socialização voltada à especiação cinematográfica. Ver filmes não se trata de um mero consumo midiático. Outros espaços de sociabilização do cinema, como o café, são constantemente mencionados nas entrevistas, bem como a valorização do espaço, de poder ter um espaço de convivência, de encontrar casualmente amigos e conhecidos, de poder conversar sobre o filme quando acaba a sessão, de frequentar os eventos culturais e acadêmicos que acontecem no cinema, ou até mesmo os cursos: todos esses são aspectos caros aos entrevistados.

No presente subcapítulo trataremos de forma mais geral da questão da especiação do Cine Passeio. Ao longo do capítulo retornamos aos relatos dos entrevistados para explorar melhor a questão da memória tratando do Cine Passeio e a história dos cinemas de rua de Curitiba, mais especificamente, os Cine Ritz e Luz da FCC.

### 3.2 A nostalgia na construção das memórias

Nostalgia, originalmente, foi compreendida como uma doença relacionada à saudade de casa, ao anseio de retorno à terra natal, que não existe mais, ou que jamais existiu, pois a mesma é uma lembrança que foi idealizada, fantasiada ou romantizada. O termo foi pensado pelo médico suíço Johannes Hofer, em 1668. Trata-se de um neologismo da palavra *nostos*, original do grego, que significa casa, e *algia*, que significa anseio (BOYM, 2007). Dentro de suas diversas modalidades, a nostalgia pode se conectar à dor da perda de um tempo passado, ou a dor por aquilo que poderia ter sido e jamais foi (NIEMEYER, 2014). A nostalgia também pode estar atrelada à construção identitária, sendo a saudade de casa um anseio por um lugar onde pertencer. Podemos pensar o cinema enquanto espaço, o lugar de conexão entre o espectador e o filme: a sala escura, veículo de imersão para as diversas realidades, territórios, paisagens e lugares que se experiencia diante da tela – de potencialidade para a construção do imaginário do

público espectador acerca de estórias, personagens, lugares, etc. (FERRAZ, 2017a). “Nostalgia é um sentimento de perda e deslocamento, mas é também uma fascinação com a própria fantasia” (BOYM, 2007, p. 153).

Aqui trataremos da nostalgia como um sentimento de anseio pelo passado idealizado em detrimento de uma situação presente, as memórias dos antigos cinemas da FCC, Luz e Ritz, relacionada a especção do Cine Passeio, entendendo que seus frequentadores fazem parte de uma mesma comunidade de sentimentos (APPADURAI, 1996). Comunidades de sentidos são formadas por indivíduos que partilham de uma cultura em comum, relacionada ao consumo midiático, que os conecta como parte de uma mesma comunidade. Sua construção identitária está atrelada a esses laços de afetividade que os liga a outros indivíduos que partilham dessa mesma cultura. Partimos aqui da definição de que mídia também pode ser o espaço de fruição, “mídia como meio, suporte ou ambiente que permita a comunicação e a interação” (SANTA CRUZ; FERRAZ, 2018, p.8). Os entrevistados, então, fazem parte de uma mesma comunidade de sentidos, ligadas a uma mesma cultura de especção cinematográfica – que está atrelada a ter frequentado os Cines Luz e Ritz da FCC, e atualmente frequentar o Cine Passeio.

Essa relação afetiva pode também ser transmitida para um outro lugar, ou espaço, que se remete a esses antigos cinemas. A memória, enquanto construção social, é passível a ser experienciada de forma individual ou coletiva (HALBWACHS, 1990). E a memória não se restringe somente a pessoas ou acontecimentos, ela também pode ser associada a lugares. Esses espaços, ou lugares, de memória estão relacionados às lembranças pessoais, ou às lembranças coletivas, que expressam o sentimento de pertencimento e identidade a um determinado grupo ou indivíduo (NORA, 1984). Sendo o Cine Passeio, suporte de memória, a ponte entre passado e presente, entre as manifestações culturais e os grupos sociais, ao analisarmos as falas e estórias trazidas pelo público analisado, quando relatam suas lembranças de especção, podemos perceber um viés nostálgico tanto nos momentos quando se fala dos antigos cinemas da Cinelândia Curitibana, assim como quando se fala do Cine Passeio. Tratando-se do Cine Passeio, em alguns casos, as pessoas que entrevistamos chegam a usar a palavra “nostalgia” ou “nostálgico” para se referir a sensação que aquele espaço evoca.

Para a Boym (2001), a nostalgia está atrelada ao nosso relacionamento com o passado, um passado idealizado, construído. Aquilo que nos constitui e legitima esse sentimento de

pertencimento, ou não pertencimento. A autora identifica dois tipos de nostalgia: restaurativa e reflexiva.

### 3.2.1 Nostalgia Restaurativa e o Cine Passeio

A nostalgia restaurativa (Boym, 2001) está ligada à noção de pertencimento, ao local onde pertencer, sua casa ou terra natal. Como diz na palavra "restaurativa", trata-se da reconstrução, ou recriação, deste local. Essa forma de nostalgia está muito ligada a movimentos nacionalistas e em alguns casos é usada como forma de propaganda da causa. Os nostálgicos restaurativos não se consideram nostálgicos, uma vez que, para eles, não se trata de um passado idealizado, e sim da restauração de um tempo histórico, da verdadeira história – o que é legitimado pelos mitos em comum, símbolos nacionais, compartilhados por uma comunidade de indivíduos, que partilham essa memória social. Essa forma de nostalgia é legitimada através da construção de monumentos, patrimônios que representam ou são marcos dessas memórias e histórias.

É possível identificar exemplos de nostalgia restaurativa na fala de alguns dos entrevistados. A nostalgia está conectada à sensação de perda e deslocamento, à falta de pertencimento ou do lugar onde pertence. Aquilo que define a sua identidade individual e coletiva. Te caracteriza como membro de uma comunidade, de um grupo social. Os antigos Cines Luz e Ritz eram o local comum ao qual se pertencia e estavam ligados à representação identitária de cinefilia dos entrevistados. O fechamento desses cinemas deixou em seus espectadores a sensação de perda e, como foi colocado em um dos relatos, o encerramento dessas salas os deixou órfãos.

Eu tenho uma relação muito legal com todo mundo que trabalha lá. Com a Valéria, gerente, assim tô lembrando de alguns nomes mas de outros .. é o cine passeio é um espaço e eu... eu ... é quando fui desde a inauguração. Quando eu era da cinemateca, eu participei das discussões do projeto, lá do Cine. Que demorou aos, e anos e anos . a gente discutiu.. eu participei de todos as discussões das salas de tudo com a equipe da

cinemateca, com o Marcos Sabóia, uma pessoa que tem da cinemateca que vê as questões mais técnicas e tal, então eu tenho um vínculo afetivo inclusive com o cine passeio desde sempre. Ah.. durante o dia da inauguração, fui eu que montei a equipe de alunos do curso de cinema que foram monitores na na abertura. Então quem tava lá pra homenagem ao Valência a esposa dele a Lucía, a viúva do Valêncio, que dá nome ao espaço Valêncio Xavier, então eu ... **O Cine Passeio pra mim é uma segunda casa.** (STECZ, Solange. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 6 abr 2021. Grifo nosso).

O Cine Passeio então restaura a possibilidade de voltar para casa. A nostalgia restaurativa (Boym, 2001) é, também, sobre a continuação desse passado do qual se sente falta, que te faz nostálgico no presente, e preservação de uma tradição cultural, que se dá através da continuação de ritos que simbolizam essas tradições. Não se trata diretamente da reconstrução do passado, mas sim na repetição sistemática da tradição, o que implica em continuidade.

Eles partem da criação da cinemateca com o marco inicial dessa identidade, mesmo os que não fizeram parte da geração cinemateca, mas começaram sua iniciação à cinefilia frequentando os Cine Luz e Ritz. A associação feita pelos entrevistados ocorre, não apenas com os cinemas, como também com a figura do Valêncio Xavier, que idealizou a Cinemateca de Curitiba (na época Cinemateca do Museu Guido Viário).

Ele [o Cine Passeio] **mantém a tradição daqueles cinemas** [os Cines Luz e Ritz da FCC], daquele espírito, aquele espírito Valêncio Xavier, muito justamente homenageado no espaço né. (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021)

O Cine Passeio é o espaço escolhido para dar continuidade à tradição de cinefilia que tinha sido estabelecida pelos antigos cinemas da FCC. Ele conecta as gerações que frequentaram os Cines Luz e Ritz com um novo público de cinéfilos que agora participam desse novo espaço. Frequentar o Cine Passeio permite o transporte para o tempo da cinemateca curitibana, mas também possibilita a identificação com aquele novo público, tornando-os parte de um mesmo grupo.



[...] e virou de novo **um ponto também de cinéfilos se encontrarem**, sempre que eu vou ali e encontro alguém conhecido. (SEVERO, Fernando. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 15 fev. 2021. Grifo nosso).

Esse grupo conjunto de espectadores antigos e novos é visível no caso de uma das entrevistadas, que queria levar as filhas ao Cine Passeio para que elas conhecessem a forma como ela ia ao cinema. Nesse caso, o objetivo é dar continuidade da tradição estabelecida naquele núcleo familiar, que perpassa por três gerações, assim como na partilha da coletividade da experiência.

E eu levei as meninas lá pra... Levei a Savannah e a Tarsila, foi um dia que eu, um dia que eu eu marquei quando eu fiquei sabendo do Cine Passeio. Aí eu falei pra Savannah ‘Savannah, tem uma coisa muito legal, **abriu um cinema de rua com os de antigamente. Você vai ver como que a mãe assistia filme** e num sei o que’. ‘Então vamo mãe’, ela falou. Aí eu fui um domingo de manhã, aí chamei ainda minha mãe, minha irmã, minhas sobrinhas, e foi a família toda, assistir filme no cinema. (MALTACA, Silvane. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021. Grifo nosso).

A nostalgia restaurativa é sobre a continuação desse passado no presente. O Cine Passeio não é uma réplica dos antigos cinemas da FCC, entretanto, ele traz em seu espaço alguns elementos que são de fato réplicas. Reconhecer esses símbolos, como os letreiros, ou mesmo os nomes que o Cine Passeio traz em seus espaços, em forma de homenagem, faz parte do sentimento de nostalgia presente na construção do discurso propagado pelos entrevistados. Não só isso, mas o reconhecimento é o marcador identitário que legitima o pertencimento como membro do grupo. Compreendemos que a escolha dos símbolos são intencionais. Fizeram parte de uma série de escolhas realizadas pelos gestores na criação do Cine Passeio que, como foi explicitado no capítulo anterior, tinha o objetivo de fazer com que o local resgatasse a memória dos cinemas de rua de Curitiba. Podemos dizer que eles também sofrem de nostalgia, ou usam a nostalgia como forma de propaganda para o estímulo do consumo do Cine Passeio – questão essa que pretendemos aprofundar no decorrer do capítulo.

### 3.2.2 A nostalgia reflexiva e o Cine Passeio

A nostalgia reflexiva (Boym, 2001) está atrelada à dor da perda e ao sentimento que isso evoca, o lembrar e rememorar. Trata-se aquilo que não se pode mais recuperar, porque o que se anseia foi perdido e é inalcançável. Diferentemente da nostalgia restaurativa, não se pretende reconstruir o que foi perdido, pois a reconstrução tornaria aquilo algo novo. A nostalgia reflexiva revisita o passado de forma analítica, compreendendo as imperfeições da memória que se fragmenta e se reconstrói.

Você me perguntou se resgata um pouco dos cinemas de rua, eu acho que um pouco daquilo que eu gostava, que eu buscava e que as pessoas gostavam, até mais antigas que a gente, gostaram dos cinemas de rua sim, mas... é... é outro momento. **É um outro momento histórico, é um outro momento... das nossas opções de lazer, então eu acho que uma coisa que existiu ali foi fechada e aquilo não existe mais apesar.. adoraria ter dez cines passeios na cidade pra que as pessoas tivessem essa questão mesmo de conversar.** É um espaço de cultura diferente do shopping, mas também entendo que são momentos diferentes e que a gente vive coisas diferentes. É... é quando existiam todas aquelas salas ver o filme era essa opção que era possível vir até essas salas ver o filme. Hoje a gente tem várias opções que fazem parte da nossa vida como ela é hoje ,então eu acho que sempre tem que ter um porém nessa resposta , se não ela não é completa. Assim resgata aquela atmosfera muito legal , eu acho ótimo, mas não é a mesma coisa tem um resgate que ai não é possível no meu entendimento. (CRISTO, Luciana. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 19 jan 2021. Grifo nosso).

Ao analisarmos as falas dos entrevistados, identificamos instâncias da nostalgia que o Cine Passeio evoca da forma reflexiva. Para essa modalidade de nostalgia, frequentar o Cine Passeio não está ligado à restauração de uma tradição. Esse cinema evidencia a sensação de perda, ele não restaura aquilo que foi perdido, ele te lembra daquilo que não existe mais. O presente não é a restauração do passado no futuro, é a lembrança do passado que só pode existir na memória desse espaço virtual. O Cine Passeio é veículo da imersão, introspecção e, nesse caso, da memória individual daquele sujeito.

A gente conversando [Silvane e sua irmã, quando levaram as filhas ao Cine Passeio], foi muito aquela coisa, putz, parece como era antigamente e tal, mas que legal, né vir aqui. Comer uma pipoquinha, assistir, senta, conversa. **Tinha aquela coisa da nostalgia mesmo.** (MALTACA, Silvane. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 21 abr 2021. Grifo nosso).

Pra mim trazem muita coisa, eu frequentei essas salas de rua, como eu te disse, eu reconheço os letreiros, a tipologia dos letreiros né, eles são réplicas, não é. Nem, não é que só emulam, são réplicas dos letreiros. Letreiros que eu to falando do do do, é... acho que é letreiro mesmo, do nome da programação visual que eram usadas no Ritz e no Luz, além disso tem uma exposição que eu não sei se ela, por enquanto ela é permanente, tá lá constantemente das fotografias das salas de cinema comerciais da Cinelândia Curitibana naquele primeiro andar, então tudo isso remete pra mim a uma vivência de cinema que eu tive. E a própria Sala Valêncio Xavier, pela importância do Valencio como criador da Cinemateca do Museu Guido Viário. Como figura, é, que atuou no ensino, na programação na difusão, um agente cultural muito importante da cidade, um escritor também muito relevante, então **tudo isso faz com que eu me insira, me irmerja num espaço que diz muito dessa história cinematográfica da cidade que eu vivi nos anos 1990 e 2000, mas principalmente nos anos 1990.** (BAGGIO, Eduardo. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 13 nov 2020. Grifo nosso).

Vemos aqui, mais uma vez, como o Cine Passeio pode ser lido como um suporte de memória. Nos voltamos, mais uma vez, para a definição de lugar de memória (NORA, 1984), contudo, dessa vez, o lugar de memória seria a ruína. Uma ruína artificial que traz vestígios do passado em formas de iconografia: os letreiros, as fotografias, os símbolos que te fazem lembrar, marca a saudade datada, e remete a uma história, mas não restaura a perda.

### 3.3 O discurso da memória como a legitimação do espaço cinema

#### 3.3.1 Cine Passeio, o retromarketing na divulgação de um novo e velho cinema de rua

Desde sua concepção, como explicitado no capítulo anterior e identificado nas falas dos gestores do Cine Passeio, tal espaço buscou resgatar a memória dos antigos cinemas de rua de Curitiba. Para alcançar esse resultado, desde a concepção do espaço e elementos arquitetônicos, design e decoração, bem como outras formas de linguagem – material de divulgação impresso e

digital, as mídias sociais, etc –, fazem alusão ao Cine Passeio como o espaço de rememorar os cinemas do passado. Pretendemos, então, problematizar a instrumentalização da nostalgia como uma forma de legitimação do discurso institucional propagado, tanto pela FCC quanto pelo ICAC, quando dizem que o Cine Passeio traz de volta à Curitiba a memória dos antigos cinemas de rua. Utilizaremos como fonte para a nossa análise imagens usadas para a divulgação do Cine Passeio, ressaltando os aspectos da linguagem visual, partindo do marketing da nostalgia (SANTA CRUZ, 2020), como referencial teórico.

Já na primeira propaganda oficial lançada pela Prefeitura de Curitiba para anunciar o Cine Passeio, é possível perceber a utilização da nostalgia como um potencial de atração para os possíveis frequentadores do cinema. “Pra quem sente falta dos velhos tempos do cinema, Curitiba vai receber em breve um novo espaço cultural: o Cine Passeio – sim, um cinema de rua!<sup>49</sup>” (PREFEITURA DE CURITIBA, 2015). A citação foi retirada de um *post* feito pela conta oficial da prefeitura na rede social *Facebook*, que acompanha um frame do filme "Casablanca" (1942), com a legenda que parafraseia o diálogo da cena icônica de despedida das personagens interpretadas por Bogart e Bergman: "nós sempre teremos Paris”.



FIGURA 55: Propaganda do Cine Passeio no Facebook.  
FONTE: facebook.com.br/PrefsCuritiba.

<sup>49</sup> Prefeitura de Curitiba, 25 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/PrefsCuritiba/photos/a.516441535066322/957865834257221/>>. Acesso em: 18 de outubro de 2021.

A imagem traz uma das cenas mais icônicas do cinema clássico estadunidense e, como dito no post, está voltada para quem sente falta dos "velhos tempos", do passado tão glorioso e belo que sempre existirá nas memórias, afinal, *sempre teremos o Cine Passeio* – mesmo que esse passado seja no futuro, uma vez que, na época em que a propaganda foi divulgada, tal espaço ainda não houvesse sido inaugurado. A nostalgia de forma melancólica, remetendo à saudade do passo, e utópica, a renovação do passado que impulsiona a construção desse futuro (PICKERING; KEIGHTLEY, 2006).

A estratégia de marketing utilizada pelos gestores do Cine Passeio é um meio de mercantilização da nostalgia, explorando relações de afetividade que o público alvo pode fazer em relação ao que se deseja comercializar (SANTA CRUZ; FERRAZ, 2018). Nesse caso, o conceito passado pela propaganda é de que o Cine Passeio, mesmo sendo um novo cinema, é um clássico. Essa estratégia de marketing é conhecida como *retromarketing*, onde produtos novos são vendidos com o valor acrescido de uma outra temporalidade, que ele foi criado para emular (SANTA CRUZ, 2020).

A nostalgia transformou-se num elemento corriqueiro em ações de marketing, desde a concepção de produtos retrôs — aqueles que os consumidores associam com o passado, mesmo que não fique muito claro de que período histórico se trata — passando por design, nomenclatura, divulgação, promoção etc. (SANTA CRUZ, 2020, p.110).

No período de inauguração do cinema, em 2019, mais uma vez podemos perceber a instrumentalização da nostalgia como estratégia de marketing utilizada para a divulgação do Cine Passeio. Dessa vez a nostalgia é voltada para a história dos cinemas de rua. Com o slogan “Cine Passeio, os bons tempos voltaram” (Figura 55), a nostalgia volta-se para o *retrobranding*, forjando uma associação do Cine Passeio com os antigos cinemas de rua de Curitiba e com os cinemas da rua da FCC.



FIGURA 56 - Backlight propaganda do Cine Passeio.

FONTE: [instagram.com.br/cine\\_passeio](https://www.instagram.com/cine_passeio)

Como podemos ver na imagem acima, existe uma sobreposição do nome do Cine Passeio, seguido pelo *slogan*, e a logo do Cine Luz aparece cortada na parte superior da imagem. Ao fundo, em segundo plano, os assentos de uma sala de cinema. A leitura dessa imagem explicita quais são "os bons tempos" que o Cine Passeio irá resgatar – os bons tempos dos antigos cinemas da FCC. Vemos a imagem da propaganda como um veículo midiático utilizado para rememorar a própria história.



FIGURA 57 - Busdoor do Cine Passeio.

FONTE: [instagram.com.br/cine\\_passeio](https://www.instagram.com/cine_passeio)

Mais uma vez, podemos ver a propaganda utilizada para a divulgação do cinema, utilizando a nostalgia ligada ao passado, em detrimento do presente. O Cine Passeio se apresenta como a materialidade que preserva e restaura um passado que se almeja resgatar a partir da composição das imagens utilizadas como propaganda

### 3.3.2 A arquitetura, o design e a experiência estética

Outra questão palpável na instrumentalização da nostalgia como forma de atração para o público é a arquitetura do espaço cinema e os elementos de design e decoração. Como já foi mencionado ao longo da presente dissertação, o nome das duas salas de exibição do Cine Passeio são homenagens aos antigos cinemas Luz e Ritz, da FCC. Além dos nomes antigos, as mesmas logos usadas anteriormente nos letreiros dessas salas clássicas da Cinelândia Curitibana são reutilizadas nas entradas das novas salas de cinema do Cine Passeio, emulando as identidades visuais anteriores para proporcionar a nostalgia que esse espaço se propõe a oferecer. Esses elementos visuais trazem a recriação que possibilita não só rememorar aqueles cinemas, mas também a associar esse passado com as novas salas.



FIGURA 58 - Letreiro Cine Luz.  
FONTE: [instagram.com.br/cine\\_passeio](https://www.instagram.com/cine_passeio)



FIGURA 59 - Letreiro Cine Ritz.  
FONTE: [instagram.com.br/cine\\_passeio](https://www.instagram.com/cine_passeio)

Além dos letreiros, a arquitetura antiga pode evocar a sensação de preservação do passado desses cinemas, afinal, o edifício requalificado para ser o Cine Passeio de fato é uma edificação antiga, original de 1932. No entanto, além da fachada, pouco do interior foi preservado. Ainda assim, ao entrar nesse espaço, além das paredes de tijolos vazadas, o espectador se depara com uma decoração clássica: desde cadeiras de madeira estofadas a um antigo aparelho de reprodução de filme em película 24mm em exposição, fotos dos antigos cinemas, pôster de filmes, etc. A materialidade ali apresentada remete a uma outra temporalidade.



FIGURA 61 - Sala Luz, exibindo o vídeo com as instruções de segurança do Cine Passeio, em 2019.

FONTE: [instagram.com.br/cine\\_passeio](https://www.instagram.com/cine_passeio)



A experiência estética derivada da arquitetura e decoração (que intencionalmente proporciona a imersão no espaço cinema) tem o intuito de conversar com um imaginário em torno do conceito cinema de rua, usando a nostalgia como um elemento da construção estética. O novo velho cinema tem a pátina do tempo propositalmente aplicada, como se todos os cinemas de rua precisassem ser aqueles da era clássica. O apelo ao passado é romantizado em meio a todo o conforto que novas tecnologias proporcionam – como a Sala *VOD*, que pode ser alugada para maratona as séries do serviço de *streaming* favorito de seu usuário, e tem o público como espectador, mas também programador da sessão de sua escolha.

Aqui podemos fazer a leitura do espaço arquitetônico como um mecanismo de sedução (HUYSSSEN, 2000), uma forma de manipulação da memória, onde se destaca, em sua composição, os aspectos que legitimam o discurso da autenticidade da preservação histórica de um patrimônio cultural de Curitiba, sendo que pouco se fala da função original do prédio – o tempo é a característica que se quer enaltecer. Contudo, essa originalidade está mesclada com o falso histórico, a pastiche, criação executada pelos arquitetos e designers no planejamento do cinema.

Podemos ler esses elementos enquanto componentes semióticos, símbolos que carregam um significado (ou significados múltiplos) que são decodificados pelo seu leitor: o público (SANTAELLA, 1987). Portanto, o significado desses símbolos podem ter valores diferentes pelo leitor, mas tudo depende do referencial do qual se parte. Partimos do entendimento que os elementos da arquitetura e design do Cine Passeio, que se remetem à história dos antigos cinema de rua, estão lá para apelar para as ligações de afetividade que o público pode fazer com as suas memórias desses cinemas, sendo essas memórias coletivas ou individuais.

Esses elementos arquitetônicos em combinação com a linguagem visual se fundem para construir uma narrativa, que reforça para o espectador em seu imaginário, que o Cine Passeio é um cinema

### 3.3.3 O cinema como monumento: a legitimação do discurso de memória

Ao longo da história moderna até a contemporaneidade, as sociedades ocidentais se utilizam da preservação e construção de monumentos e monumentos históricos, que ganham o

*status* de patrimônios, para a formação identitária de uma nação/Estado. Esses patrimônios representam a materialidade, ou imaterialidade, que são uma herança histórica e cultural de seus respectivos grupos sociais (CHOAY, 2006). Ou seja, o processo de atribuir sentido está ligado a atribuir valores: histórico, artístico, cultural, econômico, natural, etc. O ato de patrimonializar só acontece quando se deseja que esses objetos, nesse caso os monumentos, sejam acrescidos de valores simbólicos, o que os torna mediadores entre os grupos sociais e suas representações históricas e/ou culturais (GONÇALVES, 2007).

Esses monumentos, em alguns casos, podem ser considerados lugar de memória (NORA, 1984). No caso do Cine Passeio, uma memória, construída com a intencionalidade de representar de forma material o que foi perdido com o desaparecimento das antigas salas de cinema Luz e Ritz da FCC, uma vez que esses espaços já não existem mais. Um espaço para se fazer lembrar desses antigos cinemas e de suas histórias, dos idealizadores de seus projetos (como podemos ver na figura do Valêncio Xavier), e de seu público.



FIGURA 62 - Comparação dos Cines Luz e Ritz da FCC com as Salas Luz e Ritz do Cine Passeio

Fonte: Casa da Memória e Valdecir Galor SMSC.

Montagem: Aatoria Nossa.

Os gestores do Cine Passeio se valem do discurso de memória e sua potencialidade de conversa com as noções de afetividade que se pode ter em relação àqueles cinemas da Cinelândia Curitibana para legitimar o Cine Passeio enquanto espaço que os resgata. Utilizam esse cinema para rememorar a própria história da FCC, bem como de sua trajetória e papel na criação de uma cultura de cinefilia. A utilização do passado em detrimento de uma situação presente constrói uma memória a partir da repetição de um discurso relacionado à sua função e materialidade dentro de determinado espaço-tempo, fazendo uma oposição entre a construção da memória e o esquecimento.

Durante a entrevista realizada com Beto Lanza<sup>50</sup>, ele fala sobre o desejo de se criar uma 'geração passeio', como no passado foi criada a geração cinemateca. Aqui vemos a pretensão de utilizar o Cine Passeio enquanto um marcador identitário para as novas gerações de espectadores, de construir uma nova identidade de cinefilia, atrelada ao Cine Passeio, para o público que atualmente frequenta esse cinema e potencialmente às gerações futuras. Se repetem tradições estabelecidas por aqueles antigos cinemas, como as sessões de matinê, aos domingos, ou as sessões da meia-noite, às sextas-feiras, mas também se criam novas tradições, como as sessões temáticas e gratuitas exibidas no telhado, as master class, a criação de festivais, as sessões comentadas, etc. O Cine Passeio é o monumento que guarda a memória do passado, mas também possibilita a construção de um novo discurso de memória para as gerações futuras.

---

<sup>50</sup> LANZA, Beto. Entrevista concedida a Tamara Evangelista. Curitiba, 14 jan 2021.

## Considerações finais

Em meio às crises do mercado exibidor atual, exacerbadas pela pandemia do covid-19, o cinema aqui resiste, enquanto muitos outros no Brasil e no mundo fecharam suas portas. De acordo com a parcial do relatório referente a 2021, o mercado exibidor teve uma diminuição de 7,94% na quantidade de salas de cinema (ANCINE, 2022). Em números, isso quer dizer que agora temos somente 3.295 salas em funcionamento. Ao todo, são menos 212 salas, um número considerável de perda de espaços de exibição depois do recorde histórico estabelecido em 2019. Voltamos a enfatizar que esse número representa a quantidade de salas de exibição e não a quantidade de cinemas, ou seja, apesar de os números de 2019 quebrarem o recorde estabelecido em 1975, o número de cinemas naquela época era maior.

No caso da cidade de Curitiba, podemos citar um exemplo marcante de um fechamento de circuito de cinema. Até o começo dessa pesquisa existia um cinema do Grupo Itaú em Curitiba, que funcionava no shopping Crystal, no bairro do Batel. Durante a pandemia, o Grupo Itaú fechou 17 de salas de cinema que ficavam localizadas em seus espaços nas cidades de Curitiba, Salvador e Porto Alegre. Como consequência, a cidade de Curitiba ficou com menos um cinema do circuito de arte, restringindo ainda mais o acesso a esse tipo de filmografia ao público. De acordo com a matéria publicada no jornal Folha de São Paulo, uma das justificativas para o fechamento dos cinemas foi que o Grupo Itaú estava investindo na criação de sua própria plataforma de *streaming* (Folha de São Paulo, 2021).

Apesar das dicotomias em relação ao discurso de memória propagado pela FCC e suas possíveis acepções feitas pelos espectadores que frequentam o Cine Passeio, reconhecemos que esse cinema possui um papel importante na formação do público e difusão de filmes do circuito de artes. A abertura do Cine Passeio trouxe de volta a possibilidade de se frequentar um cinema de rua em Curitiba, e sua criação é uma forma de resistência, já que atualmente, no Brasil, os cinemas de rua são raros. O Cine Passeio, ao longo do seu primeiro ano de funcionamento, cumpriu com a sua missão de difusão do Cinema Nacional, em especial o Cinema Paranaense, além de garantir a democratização do acesso ao cinema, uma vez que o mesmo se trata de um

cinema público com preços populares. O cinema também possui uma programação variada de sessões e eventos gratuitos.

[...] o cinema é uma invenção urbana, reforçando um ponto que leva esta relação para além do âmbito filmico: o cinema, como equipamento coletivo de lazer, é um notável componente das engrenagens de produção do espaço urbano; trata-se de um elemento que, desde finais do século XIX, tem ingressado de diversos modos nos macro e micro processos sociais, culturais, políticos e econômicos que dão forma e significado aos espaços (e à vida das pessoas). Vinculando-se historicamente a diferentes tipos de arranjos urbanos e dinâmicas discursivas que produzem a cidade, o equipamento cinema revela-se como um espaço privilegiado de encontros entre indivíduos, filmes e demais aspectos de diversas ordens estéticas, materiais e imateriais. A sala de cinema se manifesta como um local especial para a tessitura de laços de sociabilidade e práticas socioculturais, afetivas e midiáticas (FERRAZ, 2017c)

No Brasil, assim como em outras partes do mundo, os cinemas de rua possuem um papel muito importante, não só na história do cinema, mas também na história da construção e desenvolvimento dos espaços urbanos, como pudemos ver no primeiro capítulo dessa dissertação. Em meio às influências dos cinemas na construção de espaços urbanos, podemos notar seus exemplos distintos, como a construção de cinelândeas, que são muito comuns nas áreas centrais das grandes cidades, ou mesmo os cinemas de bairro, e até "cinemas de estação" (FERRAZ, 2014) – como, por exemplo, alguns espaços na capital carioca, onde cinemas foram construídos acompanhando o caminho das estações ferroviárias.

A importância de ação de políticas públicas para construção de espaços voltados para a difusão do cinema e audiovisual, assim como democratização do acesso a esse conteúdo, ficou clara ao longo do segundo capítulo. No ano seguinte à abertura do Cine Passeio foi inaugurado o Coreto Digital, em 2020, no Passeio Público – também na região central de Curitiba. Ali são feitas exhibições gratuitas, ao ar livre, de filmes e outros conteúdos audiovisuais. A curadoria da programação também está a cargo dos gestores do Cine Passeio, apesar do material de divulgação não deixar claro se são os curadores do cinema que organizam essa programação ou se ela fica a cargo do ICAC. Nos últimos dois anos a programação do coreto aconteceu de forma esporádica, mais ligadas a festividades sazonais, como os dias da criança, ou comemorações natalinas.

Também está a cargo do Cine Passeio realizar a programação de filmes que são exibidos no Teatro da Vila, uma unidade cultural da FCC, localizada no bairro Cidade Industrial, um bairro periférico da cidade de Curitiba. Assim como no Coreto Digital, as exibições realizadas no Teatro da Vila também acontecem de forma esporádica. Ambos os espaços realizam suas todas as exibições de forma gratuita, mediante a ao agendamento com a liberação de senhas (CINE PASSEIO, 2022).

Também é importante levar em consideração que a Cinemateca, desde sua inauguração, nos anos 1970, tem sido um espaço crucial para a preservação, bem como a difusão, do cinema em Curitiba. Ela foi o começo da construção de cinefilia e da formação de cineastas que posteriormente ficaram conhecidos como a geração cinemateca (CARVALHO, 2017). Após a sua reinauguração na sua nova sede, nos anos 2000, a Cinemateca tem oferecido uma programação acessível, de forma ininterrupta, pelos últimos 20 anos, e permanece ainda hoje como um dos principais polos de exibição audiovisual e cultura cinéfila.

Já no terceiro capítulo, foi apresentado como as memórias de espectação também estão associadas a um discurso nostálgico. Podemos notar como as modalidades de nostalgia propostas por Boym (2001) aparecem quando os entrevistados narram suas histórias e memórias. A nostalgia é uma forma de se recriar um outro tempo/espço do qual se sente saudade no presente. Também pode ser uma ação consciente onde só se pondera sobre o que foi, ou o que jamais virá a ser: a nostalgia que vive no futuro do pretérito, cheia de possibilidades que jamais serão concretizadas.

Podemos afirmar que, para os espectadores entrevistados, o Cine Passeio é um veículo de imersão que permite fazer a ressignificação das memórias de espectação dos antigos Cine Luz e Ritz, da FCC. Eles fazem parte da mesma cultura cinematográfica na qual o elo de ligação dessas pessoas são os cinemas. Ter frequentado os Cine Luz e Ritz faz parte da identidade de cinefilia estabelecida durante a juventude desses espectadores, quando eles frequentaram os cinemas da FCC, nas décadas de 1980, 1990 e 2000.

A nostalgia também aparece nas memórias de espectação atrelada à construção da identidade de cinefilia dos espectadores. Os antigos cinemas da FCC são o que se anseia recuperar. Percebe-se que a nostalgia não estava só atrelada aos cinemas, aos filmes e a forma de espectação que os cinemas da FCC, que eram cinemas de rua, proporcionaram. O que mais

desejavam era ter novamente um lugar de sociabilização, o ponto de encontro para encontrar com os seus pares. E agora, de uma certa forma, para algumas pessoas o Cine Passeio é o novo espaço de representação dessa identidade, já que os antigos cinemas só existem na memória.

Durante sua existência, o cinema e suas formas de produção já passaram por muitas mudanças, não só no modo como se faz, mas também nos meios de projeção, distribuição e consumo (GAUDREAULT; MANON, 2016). Ao longo dos últimos 100 anos, o cinema foi se reinventando e adaptando às novas tecnologias. Agora, na era digital do Cinema (VAN DE VIJVER, 2017 p.130), quando o espectador tem várias opções para consumo de filmes, nos questionamos: porque ainda vamos ao cinema?

A última pergunta feita para os entrevistados foi: “Por que ainda frequentar o cinema?” Todos responderam que estar no cinema é algo insubstituível. Não se trata de questões tecnológicas, relacionadas à qualidade de projeção e outros aparatos que dificilmente teremos como replicar em nossos dispositivos caseiros. A principal questão é que o espaço cinema é um lugar de imersão – ir ao cinema, para essas pessoas, é algo cultural. O cinema também é um espaço de sociabilização muito importante para eles. É sobre a experiência de frequentar o cinema: isso é insubstituível.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Robert C. **From exhibition to reception: reflections on the audience in film history.** Screen, vol. 31, n.4 (1990), pp.: 347-356.

\_\_\_\_\_. **Reimagining the History of the Experience of Cinema in a Post-Moviegoing Age.**In: MALTBY, Richard; BILTEREYST, Daniël; MEERS,Philippe (eds.). Explorations in New Cinema History: approaches and case studies. Oxford: John Wiley & Sons, 2011, pp. 41-57.

APPADURAI, A. **Modernity at large: cultural dimensions of globalization.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ARAÚJO, Vicente de Paula. **A bela época do cinema brasileiro.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

BILTEREYST, Daniel; MEERS Philippe; VIJVER, Lies Van de. **Social Class, Experiences of Distinction and Cinema in Postwar Ghent.** In: MALTBY, Richard; BILTEREYST, Daniël; MEERS,Philippe (eds.). Explorations in New Cinema History: approaches and case studies. Oxford: John Wiley & Sons, 2011, pp. 101-124.

BOYM, Svetlana. **The future of nostalgia.** New York: Basic Books, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988: atualizada até a Emenda Constitucional nº 48, de 10-8-2005, acompanhada de novas notas remissivas e dos textos integrais da Emendas Constitucionais da revisão. 38 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

CARVALHO, Luciane. **A programação da Cinemateca do Museu Guido Viaro (Curitiba, 1975-1985).** Dissertação. Setor de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 2017.

CONDÉ, William Nunes. **Marc Ferrez & Filhos: comércio, distribuição e exibição nos primórdios do cinema brasileiro (1905-1912).** Dissertação. Setor de Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

CRISTO, Luciana; MIYAWAKA, Nívia. **24 quadros: uma viagem pela Cinelândia Curitibana.** 1ed Curitiba: Travessa dos Editores, 2010.

FERRAZ, Talitha. **A segunda Cinelândia carioca.** Rio de Janeiro: Mórula, 2012.

\_\_\_\_\_. **“Mais do que cinemas: parcerias entre esferas públicas, privadas e sociedade civil na reabertura de antigas salas de exibição no Brasil e na Bélgica”.** Revista Eptic (UFS), Brazil, v. 18, n.2, pp.159-173, 2016a. Disponível em:

<http://www.seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/5221> . Acesso em: 3 de maio de 2021.

\_\_\_\_\_. **“Usos e instrumentalizações da memória em reabertura de antigos cinemas: De Roma, um caso belga”.** In: Contracampo, Niterói, v. 35, n. 03, dez. 2016b. pp. 164-186.



Disponível em: <http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/858> Acesso em: 10 de abril de 2021

\_\_\_\_\_. **“Activating nostalgia: cinemagoer’s performances in Brazilian movie theatres reopening and protection cases”**. In: *Medien&Zeit*, n.4, 2017a, pp. 72-82. Disponível em: <http://medienundzeit.at/talitha-ferraz-activating-nostalgia/> . Acesso em: 17 de março de 2021.

\_\_\_\_\_. **“ A memória da ida ao cinema e a mobilização das audiências no caso do Cine Belas Artes”**. In: *Anais do 26º Encontro Nacional da Compós*, 2017b, São Paulo. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/arquivos\\_2017/trabalhos\\_arquivo\\_HPNQMODZ50HZQ6HG79OE\\_26\\_5661\\_19\\_02\\_2017\\_15\\_15\\_07.pdf](http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_HPNQMODZ50HZQ6HG79OE_26_5661_19_02_2017_15_15_07.pdf) .Acesso em: 13 de junho de 2021.

\_\_\_\_\_. **“As potências da ‘nostalgia ativa’ na luta pela salvaguarda do Cine Vaz Lobo.”** *Eco (UFRJ)*, v. 20, p. 111-133, 2017c. Acesso em: 20 de abril de 2021

Freire, R. de L., & Zapata, N. H. A. (2017). **Quantas salas de cinema existiram no Brasil? Reflexões sobre a dimensão e características do circuito exibidor brasileiro**. Significação: Revista De Cultura Audiovisual, 44(48), 176-201. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2017.135195>. Acesso em: 10 de maio de 2021

GAUDREAU, André; MANON, Philippe. **O fim do cinema? Uma mídia em crise na era digital**. Tradução Christian Pierre Kasper. - Campinas, SP Papirus. 2016. - (Coleção Campo Imagem/Coordenação Femão Pessoa Ramos)

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos : coleções, museus e patrimônios**. Museu, memória e cidadania- Rio de Janeiro, 2007.

GONZAGA, Alice. **Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Record/ FUNARTE, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTOG, François. **Regimes d’historicité : présentisme et expériences du temps**. Paris : Seuil, 1997

HUYSEN, Andreas. **Cultura do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Trad. Vera Ribeiro. 1ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

KUHN, Annette. **“What to do with Cinema Memory?”**. In: MALTBY, Richard; BILTEREYST, Daniël; MEERS, Philippe (eds.). *Explorations in New Cinema History: approaches and case studies*. Oxford: John Wiley & Sons, 2011, pp. 85-97.

MALTBY, Richard; BILTEREYST, Daniël; MEERS, Philippe (eds.). **Explorations in new cinema history: approaches and case studies**. Oxford: John Wiley & Sons, 2011, pp 3-40.

NIEMEYER, Katharina. **Media and Nostalgia: Yearning for the Past, Present and Future**. Hampshire, New York: Palgrave Macmillan, 2014.

NORA, Pierre. *Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In Lês lieux de mémoire.* Paris: Gallimard, 1984.

OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo.** Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

PAFORT-OVERDUIN, Clara. **Distribution and Exhibition in The Netherlands, 1934–1936.**In: MALTBY, Richard; BILTEREYST, Daniël; MEERS,Philippe (eds.). *Explorations in New Cinema History: approaches and case studies.* Oxford: John Wiley & Sons, 2011, pp. 125-139.

PICKERING, Michael. e KEIGHTLEY, Emily. **“The modalities of nostalgia”.** In: *Current Sociology*, 54 (6), 2006, pp. 919-941.

PINHEIRO, Fábio Luciano Francener. **Roteiro Uma Bicicleta, minha mãe e dois cinemas e breve história dos cinemas de rua de Curitiba.** Dissertação. Escola de Comunicações e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, São Paulo: 2010.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

\_\_\_\_\_. **Memória e identidade social.** In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

RICOEUR, Paul. [1975] **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. Alain François et al. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

SANTA CRUZ, Lucia. **Memórias na roda:os usos do passado pela economia criativa.** In:Recortes do contemporâneo : mediações socioculturais / organização Marta de Araújo Pinheiro, Monica Machado. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Mórula, 2020. Disponível em:<[https://morula.com.br/wp-content/uploads/2020/09/RecortesContemporaneo\\_WEB\\_09SET.pdf](https://morula.com.br/wp-content/uploads/2020/09/RecortesContemporaneo_WEB_09SET.pdf)>. Acesso, 27 jun 2022.

SANTA CRUZ, Lucia; FERRAZ, Talitha. **Nostalgias e mídia: no caleidoscópio do tempo.** Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

SOUSA, Márcia C. S. (Marcia Bessa). **Entre achados e perdidos: colecionando memórias dos palácios cinematográficos** da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013. Tese (Doutorado em Memória Social) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social - PPGMS, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO, Rio de Janeiro: 2013.

STECZ, Solange Straube. **Cinema Paranaense 1900 - 1930.** Dissertação. Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba: 1988.

VAN DE VIJVER, Lies. **The cinema is dead, long live the cinema!: Understanding the social experience of cinemagoing today.** *Participations, Journal of audiences and reception studies.* Vol.14, ed 1, 2017. Disponível

em: [https://www.researchgate.net/publication/322517303\\_The\\_cinema\\_is\\_dead\\_long\\_live\\_the\\_cinema\\_Understanding\\_the\\_social\\_experience\\_of\\_cinema-going\\_today..](https://www.researchgate.net/publication/322517303_The_cinema_is_dead_long_live_the_cinema_Understanding_the_social_experience_of_cinema-going_today..) Acesso em: 20 out 2021.

VIEIRA, João Luiz; PEREIRA, Margareth Campos da Silva. **Espaços do sonho: arquitetura dos cinemas no Rio de Janeiro 1920-1950**. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1982.

VIEIRA, João Luiz. Cinemas cariocas: da Ouvidor à Cinelândia. **Filme de Cultura**, nº 47, Rio de Janeiro, Embrafilme, 1986a. p. 25-33.

\_\_\_\_\_. Cinemas da Metro e a dominação ideológica. **Filme de Cultura**, nº 47, Rio de Janeiro, Embrafilme, 1986b. p. 59-61.

## SITES

**Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro.** Disponível em: [https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/anuario\\_2019.pdf](https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/anuario_2019.pdf). Acesso em: 10/12/2019.

### **Cine Passeio**

Disponível em: <https://www.cinepasseio.org>. Acesso em: 10 set. 2019.

### **Espaços Culturais da FCC**

Disponível em: <http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/espacos-culturais/cinema/>.

Acesso em: 30 de julho de 2020.

### **Prefeitura de Curitiba**

Disponível

em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-retoma-tradicao-dos-cinemas-de-rua-saiba-tudo-sobre-o-cine-passeio/49638>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

### **Relação dos Prefeitos**

Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/relacao-dos-prefeitos-de-curitiba/4>.

Acesso em: 10 de maio de 2020.

**FILMES**

AÏNOUZ, Karim. "**A vida invisível**", Brasil, Canal Brasil, Pola Pandora, Filmproduktions, RT Features, Sony Pictures Releasing, 129 min, 2019.

ALMODÓVAR, Pedro. "**Dolor y gloria**" Dor e glória, Espanha, Canal+, Ciné+, El Deseo, El Primer Deseo, Gobierno de España, Instituto de la Cinematografía y de las Artes Audiovisuales (ICAA), Pathé, Radio Televisión Española (RTVE), 131 min, 2019.

AMADORI, Luis César. "**Mi último tango**" O Último Tango, Mexico, Producciones Benito Perojo, Suevia Films - Cesáreo González, 122 min, 1960.

ANDERSON, Michael; FARROW John. "**Around the World in 80 Days**" A Volta ao Mundo em 80 Dias, EUA, Michael Todd Company, United Artists, 167 min, 1956.

AUGUSTO, Daniel. "**Albatroz**", Brasil, Loma Filmes, Globo Filmes, Telecine Productions, 97 min, 2019.

BADHAM, John. "**Saturday Night Fever**" Os Embalos de Sábado à Noite, EUA, Paramount Pictures, 118 min, 1977.

BEINEIX, Jean-Jacques. "**37°2 le matin**" Betty Blue, França, Gaumont, Cargo Films, Constellation Productions, 185 min/119 min (cut), 1986.

BURTON, Tim. "**Sleepy Hollow**" A lenda do Cavaleiro sem cabeça, EUA, Paramount Pictures, Mandalay Pictures, Scott Rudin Productions, 105 min, 1999.

CLÉMENT, René. "**Le passager de la pluie**" O Passageiro da Chuva, França, Greenwich Film Production Paris/Medusa Distribuzione Rome, 120 min, 1970.

COUTINHO, Eduardo. "**Cabra Marcado para morrer**", Brasil, Mapa Filmes, 199 min, 1985.

CURTIZ, Michael. "**Casablanca**", EUA, Warner Bros, 102 min, 1942.

DORNELLES, Juliano; FILHO, Kleber Mendonça. "**Bacurau**", Brasil, Ancine, Arte France Cinéma, CNC Aide aux cinémas du monde - Institut Français, CinemaScópio Produções, Globo Filmes, Globosat / Telecine, SBS Films, Símio Filmes 131 min, 2019.

EDWARDS, Blake. "**The Return of the Pink Panther**" A Volta da Pantera Cor-de-Rosa, Reino Unido, ITC Films, Jewel Productions, Pimlico Films, United Artists, 113 min, 1975.

GASSMAN, Alessandro; GASSMAN, Vittorio. "**Di padre em figlio**" De pai para filho, Itália, RAI, 96 min, 1982.

HENSON, Jim; OZ, Frank. "**The dark crystal**" O cristal encantado Reino Unido/EUA, ITC Entertainment, Henson Organisation Ltd., Universal Pictures, 93 min, 1982.

HITCHCOCK, Alfred. "**Psycho**" Psicose, EUA, Shamley Productions, Paramount Pictures, 109 min, 1960.

HO, Bong Joon. "**Gisaenchung**" Parasita, Coreia do Sul, Barunson E&A, CJ Entertainment, 132 min, 2019.

HUSTON, John. "**Annie**", EUA, Columbia Pictures, Rastar Pictures, 122min, 1982.

IGLESIAS, Miguel. "**Dio, Come Ti Amo!**" Deus, Como Te Amo, Italia, Ultra Film, Altura Films, 107min, 1966.

KAZAN, Elia. "**A Face In The Crowd**" Um Rosto Na Multidão, EUA, Newtown Productions/Warner Bros, 126 min, 1957.

KUBRICK, Stanley. "**Barry Lyndon**", Reino Unido/EUA, Peregrine, Hawk Films, Warner Bros, 185 min, 1975.

KLOTZEL, André. "**A marvada carne**", Brasil, Embrafilmes, 77 mim, 1985.

LEISEN, Mitchell. "**Midnight**" A meia noite, EUA, Paramount Pictures, 94 min, 1939.

LITVAK, Anatole. "**All this, and heaven too**" Isso tudo e o céu também, EUA, Warner Bros, 141 min, 1940.

LUMET, Sidney. "**Twelvw Angry Men**" 12 Homens e Uma Sentença, EUA, Orion-Nova, United Artists, 96 min, 1957.

MANGA, Carlos. "**O homem de sputnik**" Brasil, Atlântida, 98 mim, 1959.

MANN, Delbert. "**Lover Come Back**" Volta Meu Amor, EUA, 7 Pictures Corporation-Nob Hill Productions/ Inc.-Arwin Productions/ Inc. Production/Universal Pictures, 107 min, 1961.

\_\_\_\_\_. "**Marty**", 1955, EUA, Steven Productions, United Artists, 90 min, 1955.

MARTINSON, Leslie H. "**Fathom**" A Espiã que Veio do Céu, Reino Unido, Twentieth Century Fox, 99min, 1967.

MCCAREY, Leo. "**Duck Soup**" O Diabo a Quatro, EUA, Paramount Pictures, 69 min, 1933.

PAKULA, Alan J. "**All The President's Men**" Todos os Homens do Presidente, EUA, Warner Bros, 138 min, 1976.

PHILLIPS, Todd. "**Joker**" Coringa, EUA, Warner Bros, 122 min, 2019.

POLLACK, Sydney. **"Three Days of the Condor"** Três Dias do Condor, EUA, Wildwood Enterprises, Dino De Laurentiis Company, Paramount Pictures, 117 min, 1975.

REED, Carol. **"Oliver!"** Oliver, Reino Unido, Romulus Production, Warwick Film Productions, Columbia Pictures Corporation, 153 min, 1968.

SAYELAS, John. **"Casa de los babys"** A casa dos bebês. EUA, Mexico, IFC Films, 95 min, 2003.

STEVENS, George. **"Giant"** Assim caminha a humanidade, EUA, Giant Production, Warner Bros, 201 min, 1956.

TORNATORE, Giuseppe. **"Nuovo Cinema Paradiso"** Cinema Paradiso, Italia, Cristaldifilm, Les Films Ariane, Rai 3, 155 min/174 min (director's cut)/123 min (recut), 1988.

TWIST, Derek, N. **"The end of the River"** O fim do rio, Reino Unido, Universal Pictures, 83 min, 1947.

VIDOR, King. **"War and Peace"** Guerra e Paz, EUA, Ponti - De Laurentiis Production, Paramount Pictures, 208 min, 1956.

YOUNG, Terence. **"From Russia with love"** Moscou contra 007, Reino Unido, Eon Production, United Artists, 115 min, 1963.

ZAMPA, Luigi. **"Bisturi, la mafia bianca"** Bisturi, A Máfia Branca, Itália, Rewind Film/Roberto Loyola Cinematografica, 203 min, 197

## FONTES

### Artigos de Jornais

"Cinemas em Curitiba". **Gazeta do Povo** 06/02/2011. Disponível em:<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1093940&tit=Cinema-em-Curitiba>>. Acesso em 10 abr. 2021.

"Cinemas em Curitiba 2ª parte". **Gazeta do Povo** 13/02/2011. Disponível em:<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?id=1096243>>. Acesso em 10 abr. 2021.

"Cinemas em Curitiba 3ª parte". **Gazeta do Povo** 19/02/2011. Disponível em:<<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/cinema-em-curitiba-3-parte-dklp2x52egilk84r7rig3kzf2/>>. Acesso em 10 abr. 2021.

“Cinemas em Curitiba 4ª parte”. **Gazeta do Povo** 27/02/2011. Disponível em:<<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/cinema-em-curitiba-4-parte-dklp2wxdvhww19gepci84pjke/>>. Acesso em 10 abr. 2021.

‘Espaço Itaú fecha 17 salas de cinema e agora investe no streaming como alternativa’. **Folha de São Paulo** 16/09/2021. Disponível em:<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/09/espaco-itaue-fecha-17-salas-de-cinema-e-investe-no-streaming-como-alternativa.shtml/>>. Acesso em 10 abr. 2022.

“Histórias e historetas”. **Gazeta do Povo** 30/01/2011. Disponível em:<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1091684&tit=Historias-e-historetas>>. Acesso em 10 abr. 2021.

“Curitiba 326 anos: Conheça o primeiro arranha-céu”. **Tribuna do Paraná** 28/03/2019. Disponível em:<<https://tribunapr.uol.com.br/cacadores-de-noticias/curitiba/conheca-primeiro-arranha-ceu-curitiba/>>. Acesso em 05 abr. 2021.

MILLARCH, Aramis. “Scala arte”. **O Estado do Paraná** 21/02/1974. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/scala-arte>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “Cinema de arte, um negócio. (ainda que sejamos uma cidade universitária)”. **O Estado do Paraná** 01/08/1975. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/cinema-de-arte-um-negocio-ainda-que-sejamos-uma-cidade-universitaria>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “Bristol, um novo cinema”. **O Estado do Paraná** 15/05/1976a. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/bristol-um-novo-cinema-0>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “O fim da (nossa) Cinelândia”. **O Estado do Paraná** 30/07/1976b. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/o-fim-da-nossa-cinelandia>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “O cinquentenário do Avenida (I)”. **O Estado do Paraná** 07/04/1979a. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/o-cinquentenario-do-avenida-i>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “O cinquentenário do Avenida (II)”. **O Estado do Paraná** 08/04/1979b. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/o-cinquentenario-do-avenida-ii>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “A cidade & sua loja”. **O Estado do Paraná** 08/06/1979c. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/cidade-sua-loja>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “O comércio das Americanas onde já foi a Cinelândia”. **O Estado do Paraná** 25/05/1980a. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/o-comercio-das-americanas-onde-ja-foi-cinelandia>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “O renascimento da Cinelândia? (I)”. **O Estado do Paraná** 12/07/1980b. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/o-renascimento-da-cinelandia-i>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “O renascimento da Cinelândia? (II)”. **O Estado do Paraná** 13/07/1980c. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/o-renascimento-da-cinelandia-ii>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “O renascimento da Cinelândia? (III)”. **O Estado do Paraná** 15/07/1980d. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/o-renascimento-da-cinelandia-iii>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “e lá se foi o Cinema 1”. **O Estado do Paraná** 23/11/1980e. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/la-se-foi-o-cinema-1>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “No Rívoli, domingo, a sua última sessão de cinema”. **O Estado do Paraná** 01/01/1982. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/no-rivoli-domingo-sua-ultima-sessao-de-cinema>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “Lido renasce como o cinema geminado”. **O Estado do Paraná** 21/07/1983. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/lido-renasce-como-o-cinema-geminado>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “Dia 4, Lido renasce agora com duas salas”. **O Estado do Paraná** 26/01/1984a. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/dia-4-lido-renasce-agora-com-duas-salas>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “Astor fecha, mas o ‘Cárcere’ continua”. **O Estado do Paraná** 07/11/1984b. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/astor-fecha-mas-o-carcere-continua>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “Cinema I fecha. Temporariamente?”. **O Estado do Paraná** 25/06/1985a. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/cinema-i-fecha-temporariamente>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “O dia em que Richa proibiu James de entrar no Palácio”. **O Estado do Paraná** 29/09/1985b. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/o-dia-em-que-richa-proibiu-james-de-entrar-no-palacio>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “Palácio Avenida será finalmente recuperado”. **O Estado do Paraná** 11/03/1986a. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/palacio-avenida-sera-finalmente-recuperado>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “A morte do Vitória para um centro de convenções”. **O Estado do Paraná** 20/11/1986b. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/morte-do-vitoria-para-um-centro-de-convencoes>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “A bela Maria nas últimas projeções do Cine Vitória”. **O Estado do Paraná** 14/01/1987a. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/bela-maria-nas-ultimas-projecoes-do-cine-vitoria>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “Cinema I reabre e João deixa a Fama”. **O Estado do Paraná** 02/09/1987b. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/cinema-i-reabre-joao-deixa-fama>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “As lembranças do velho Paquito”. **O Estado do Paraná** 11/03/1990a. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/lembrancas-do-velho-paquito>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “A viagem dos operadores aos tempos da manivela”. **O Estado do Paraná** 11/03/1990b. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/viagem-dos-operadores-aos-tempos-da-manivela>>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “A noite em que Gigli cantou no Cine Ópera”. **O Estado do Paraná** 20/03/1990c. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/noite-em-que-gigli-cantou-no-cine-opera>>. Acesso em 03 abr. 2021.



\_\_\_\_\_. “Os filmes de qualidade que a FFC não quis apresentar”. **O Estado do Paraná** 09/06/1990d. Disponível

em:<<https://www.millarch.org/artigo/os-filmes-de-qualidade-que-ffc-nao-quis-apresentar>>.

Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “O dia em que Bibi veio inaugurar o Cine Ritz”. **O Estado do Paraná** 29/07/1990e. Disponível em:<O dia em que Bibi veio inaugurar o Cine Ritz>. Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “David Carneiro, o que construiu o Cine Ópera”. **O Estado do Paraná** 07/08/1990f. Disponível em:<<https://www.millarch.org/artigo/david-carneiro-o-que-construiu-o-cine-opera>>.

Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “Um exibidor que trouxe o Cinemascope para o Brasil”. **O Estado do Paraná** 29/01/1991a. Disponível

em:<<https://www.millarch.org/artigo/um-exibidor-que-trouxe-o-cinemascope-para-o-brasil>>.

Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “A morte de Paulo Sá Pinto, o que modernizou nossos cinemas”. **O Estado do Paraná** 30/01/1991b. Disponível

em:<<https://www.millarch.org/artigo/morte-de-paulo-sa-pinto-o-que-modernizou-nossos-cinemas>>.

Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “E também se foi Paquito, último gerador de sonhos”. **O Estado do Paraná** 03/02/1991c. Disponível

em:<<https://www.millarch.org/artigo/tambem-se-foi-paquito-ultimo-gerador-de-sonhos>>. Acesso

em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “O nosso ‘Totó’ do Luz que amava a máquina encantada”. **O Estado do Paraná** 17/02/1991d. Disponível

em:<<https://www.millarch.org/artigo/o-nosso-toto-do-luz-que-amava-maquina-encantada>>.

Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “Chamas levaram cinema que teve os seus dias gloriosos”. **O Estado do Paraná** 09/06/1991e. Disponível

em:<<https://www.millarch.org/artigo/chamas-levaram-cinema-que-teve-os-seus-dias-gloriosos>>.

Acesso em 03 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. “Moreira Garcez, prefeito do primeiro ‘Arranha-Céu’”. **O Estado do Paraná** 19/03/1992. Disponível

em:<<https://www.millarch.org/artigo/moreira-garcez-prefeito-do-primeiro-arranha-ceu>>. Acesso

em 03 abr. 2021.

“Universidade guarda relíquia de cinema curitibano”. **Jornal Plural** 18/03/2020. Disponível

em:<<https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/universidade-guarda-reliquia-de-cinema-curitibano/>>.

Acesso em 03 abr. 2021.

## Folder

Programação      Abril      Cine      Passeio      03.      ICAC      Disponível  
em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/PP\\_folder\\_programacao\\_abril\\_cine\\_passeio\\_03/](http://www.cinepasseio.org/arquivos/PP_folder_programacao_abril_cine_passeio_03/)>      Acesso  
em: 13/05/2020.

Programação Abril Cine Passeio 04. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/PP\\_folder\\_programacao\\_abril\\_cine\\_passeio\\_03/](http://www.cinepasseio.org/arquivos/PP_folder_programacao_abril_cine_passeio_03/)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 02 A 08/MAIO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_folder\\_9-15mai\\_virtual](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_folder_9-15mai_virtual)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 09 A 15/MAIO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_PROG02-05maio](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_PROG02-05maio)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 16 A 22/MAIO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_folder\\_16-22mai](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_folder_16-22mai)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 23 A 29/MAIO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_folder\\_23-29mai](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_folder_23-29mai)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 30/MAIO A 05/JUNHO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_30mai-05jun\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_30mai-05jun_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 06 A 12/JUNHO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_06-12jun\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_06-12jun_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 13 A 19/JUNHO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_13-19jun\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_13-19jun_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 20 A 26/JUNHO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_20-26jun\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_20-26jun_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 27/JUNHO A 03/JULHO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_27jun-03jul\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_27jun-03jul_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 04 A 10/JULHO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_04-10jul\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_04-10jul_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 11 A 17/JULHO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_11-17jul\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_11-17jul_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 18 A 24/JULHO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_18-24jul\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_18-24jul_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 24 A 31/JULHO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_24-31jul\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_24-31jul_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 01 A 07/AGOSTO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_01-07ago\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_01-07ago_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação	08	A	14/AGOSTO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_08-14ago_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_08-14ago_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	15	A	21/AGOSTO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_15-21ago_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_15-21ago_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	22	A	28/AGOSTO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_22-28ago_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_22-28ago_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	29/AGOSTO	A	04/SETEMBRO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_29ago-04set_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_29ago-04set_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	05	A	11/SETEMBRO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_05-11set_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_05-11set_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	12	A	18/SETEMBRO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_12-18set_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_12-18set_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	19	A	25/SETEMBRO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_05-11set_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_05-11set_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	26/SETEMBRO	A	02/OUTUBRO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_26set-02out_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_26set-02out_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	03	A	09/OUTUBRO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_03-09out_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_03-09out_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	10	A	16/OUTUBRO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_10-16out_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_10-16out_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	17	A	23/OUTUBRO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_17-23out_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_17-23out_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	24	A	30/OUTUBRO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_24-30out_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_24-30out_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	31/OUTUBRO	A	06/NOVEMBRO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_31out-06nov_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_31out-06nov_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	07	A	13/NOVEMBRO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_07-13nov_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_07-13nov_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							
Programação	14	A	20/NOVEMBRO	DE	2019.	<b>ICAC</b>	Disponível
em:< <a href="http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_14-20nov_PDF">www.cinepasseio.org/arquivos/cine_14-20nov_PDF</a> > Acesso em: 13/05/2020.							

- Programação 21 A 27/NOVEMBRO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_21-27nov\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_21-27nov_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 28/NOVEMBRO A 04/DEZEMBRO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_28nov-04dez\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_28nov-04dez_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 05 A 11/DEZEMBRO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_05-11dez\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_05-11dez_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 12 A 18/DEZEMBRO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_12-18dez\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_12-18dez_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 19 A 22/DEZEMBRO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_19-22dez\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_19-22dez_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 26 A 29/DEZEMBRO DE 2019. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_26-29dez\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_26-29dez_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 02 A 08/JANEIRO DE 2020. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_02-08jan\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_02-08jan_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 09 A 15/JANEIRO DE 2020. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_09-15jan\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_09-15jan_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 16 A 22/JANEIRO DE 2020. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_16-22jan\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_16-22jan_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 23 A 29/JANEIRO DE 2020. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_23-29jan\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_23-29jan_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 30/JANEIRO A 05/FEVEREIRO DE 2020. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_30jan-05fev\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_30jan-05fev_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 06 A 12/FEVEREIRO DE 2020. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_06-12fev\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_06-12fev_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 13 A 19/FEVEREIRO DE 2020. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_13-19fev\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_13-19fev_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 20 A 26/FEVEREIRO DE 2020. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_20-26fev\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_20-26fev_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.
- Programação 27/FEVEREIRO A 04/MARÇO DE 2020. **ICAC** Disponível em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_27fev-04mar\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_27fev-04mar_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 05 A 11/MARÇO DE 2020. ICAC Disponível  
em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_05-11mar\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_05-11mar_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

Programação 12 A 18/MARÇO DE 2020. ICAC Disponível  
em:<[www.cinepasseio.org/arquivos/cine\\_12-18mar\\_PDF](http://www.cinepasseio.org/arquivos/cine_12-18mar_PDF)> Acesso em: 13/05/2020.

### **Assessoria de Imprensa - Fundação Cultural de Curitiba**

#### **Cine Passeio promove atrações especiais no fim de semana, 28/03/19.**

Disponível

em:<[www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/noticias/cine-passeio-promove-atracoes-especiais-no-fim-de-semana/](http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/noticias/cine-passeio-promove-atracoes-especiais-no-fim-de-semana/)> Acesso em: 13/05/2020.

#### **Fundação Cultural quer reativar Cine Luz, 14/05/13.**

Disponível

em:<<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/noticias/fundacao-cultural-quer-reativar-cine-luz/>> Acesso em: 20/12/2020.

#### **Liberado potencial construtivo para obra do Cine Passeio, 03/09/12**

Disponível

em:<<http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/noticias/liberado-potencial-construtivo-para-obra-do-cine-passeio/>> Acesso em: 20/12/2020.

#### **Novos filmes entram em cartaz no Cine Passeio nesta quinta, 03/04/19.**

Disponível

em:<[www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/noticias/novos-filmes-entram-em-cartaz-no-cine-passeio-nesta-quinta/](http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/noticias/novos-filmes-entram-em-cartaz-no-cine-passeio-nesta-quinta/)> Acesso em: 13/05/2020.

#### **Prefeitura abre edital de licitação para obras do Cine Passeio, 14/07/15**

Disponível

em:<<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/prefeitura-abre-edital-de-licitacao-p-ara-obras-do-cine-passeio/>> Acesso em: 20/12/2020.

### **Prefeitura e Iphan vão revitalizar setor histórico, 24/10/11.**

Disponível

em:<<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/prefeitura-e-iphan-va-0-revitalizar-se-tor-historico/>> Acesso em: 20/12/2020.

### **Programação do Cine Passeio, Cinemateca e Cine Guarani, 12/04/19.**

Disponível

em:<[www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/programacao-do-cine-passeio-cinemateca-e-cine-guarani/](http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/programacao-do-cine-passeio-cinemateca-e-cine-guarani/)> Acesso em: 13/05/2020.

### **Obras do Cine Passeio já estão em andamento, 06/09/16.**

Disponível

em:<<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/obras-do-cine-passeio-ja-estao-em-a-ndamento/>> Acesso em: 20/12/2020.

### **Obra do Cine Passeio tem 80% dos recursos já captados por potencial construtivo, 12/12/12.**

Disponível

em:<<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/obra-do-cine-passeio-tem-80-dos-re-cursos-ja-captados-por-potencial-construtivo/>> Acesso em: 20/12/2020.

### **Relatorios ICAC**

Relatório de Atividades Jan - Set 2018. ICAC Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2016/03/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-2018.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Outubro 2018. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2016/03/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Outubro2018.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Novembro 2018. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2016/03/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Novembro2018.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Dezembro 2018. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2016/03/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Dezembro2018.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Janeiro 2019. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2016/03/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Janeiro2019.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Fevereiro 2019. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2016/03/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Fevereiro2019.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Março 2019. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2016/03/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Mar%C3%A7o2019.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Abril 2019. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2016/03/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Abril2019.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Maio 2019. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2016/03/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Maio2019.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Junho 2019. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2016/03/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Junho2019.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Julho 2019. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2020/05/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Julho2019.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Agosto 2019. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2020/05/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Agosto2019.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Setembro 2019. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2020/05/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Setembro2019.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Outubro 2019. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2020/05/ICAC-Relatório-de-Atividades-Outubro2019.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Novembro 2019. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2020/05/ICAC-Relatório-de-Atividades-Novembro2019.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Dezembro 2019. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2020/05/ICAC-Relatório-de-Atividades-Dezembro2019.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Janeiro 2020. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2020/05/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Janeiro2020.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Fevereiro 2020. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2020/05/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Fevereiro2020.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

Relatório de Atividades- Março 2020. **ICAC** Disponível em:<<http://icac.org.br/wp-content/uploads/2020/05/ICAC-Relat%C3%B3rio-de-Atividades-Mar%C3%A7o2020.pdf>> Acesso em: 05/01/2021.

## **IMAGENS**

ANTIGO Cine Condor, 2021. Fonte: Acervo pessoal.

ANTIGO Cine Excelsior e Cinema 1. Fonte: Acervo pessoal.

ANTIGO Cine Glória, 2021. Fonte: Acervo pessoal.

ANTIGO Cine Marabá, 2021. Fonte: Acervo pessoal.

ANTIGO Cine Rivoli, 2021. Fonte: Acervo pessoal.



ANTIGO Cine São João, 2021. Fonte: Acervo pessoal.

ANTIGO Cine Scala, 2021. Fonte: Acervo pessoal.

ANTIGO quartel em reforma, 2018. Fonte: Valcedir Galor/ SMSC. Disponível em:<<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/obras-do-cine-passeio-ja-estao-em-andamento/>> Acesso em: 20/12/2020.

CALÇADA da Fama Cine Vitória, 2020. Fonte: Acervo pessoal de Fernando Severo.

Disponível

em:<<https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/universidade-guarda-reliquia-de-cinema-curitibano/>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

CALÇADA da Fama Cine Vitória, 2020. Acervo pessoal de Fernando Severo.

Disponível

em:<<https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/universidade-guarda-reliquia-de-cinema-curitibano/>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

CALÇADA da Fama Cine Vitória, 2020. Acervo pessoal de Fernando Severo. Disponível

em:<<https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/universidade-guarda-reliquia-de-cinema-curitibano/>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

CALÇADA da Fama Cine Vitória, 2020. Acervo pessoal de Fernando Severo.

Disponível

em:<<https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/universidade-guarda-reliquia-de-cinema-curitibano/>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

CARTÃO Postal Coliseu Curitiba. Disponível em:<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1093940&tit=Cinema-em-Curitiba>>. Acesso em: 10 abr. 2021

CINE América. Disponível em:<<https://www.revistaideias.com.br/2016/06/05/poeiras/>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

CINE Astor. Disponível em:<<http://www.circulandoporcuritiba.com.br/search/label/Cine%20Astor>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Arlequim. Disponível em:<<https://www.revistaideias.com.br/2016/02/05/fora-da-cinelandia/>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CINE Avenida, déc de 1940. Disponível em:<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1093940&tit=Cinema-em-Curitiba>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Avenida, déc de 1960. Fonte: Acervo Casa da Memória. Disponível em:<<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/onde-foram-parar-os-cinemas-de-ruas-de-curitiba-f05z94a2discrb8darahro1na/>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

CINE Avenida interior, 1929. Disponível em:<<https://br.pinterest.com/pin/403142604118066492/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Bristol. Disponível em:<<http://extremumproducoes.com.br/documentario-cinemas-de-rua-de-curitiba-e-selecionado-para-mostra/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Broadway, déc. 1930. Disponível em:<<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/cinema-em-curitiba-4-parte-dklp2wxdvhw19gepci84pjke>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Central, 1919. Disponível em:<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1093940&tit=Cinema-em-Curitiba>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Curitiba em primeiro plano, seguido por Cine América. Fonte: Acervo Casa da Memória. Disponível em:<<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/no-tempo-dos-cinemas-bs30cci1rpa4z6mge0rqlu24u/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Glória, Rua XV de Novembro. Disponível em:<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1093940&tit=Cinema-em-Curitiba>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Lido, cartaz “Cangaceiro Trapalhão” de 1980. Disponível em:<<https://pausadramatica.com.br/2013/05/27/nostalgia-os-cinemas-de-rua-de-curitiba/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Luz, anos 50, em cartaz filme “O Ébrio”. Disponível em:<<https://www.curitibaantiga.com/fotos-antigas/167/cine-luz-em-1950.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CINE Luz, déc. de 1940. Disponível em:<<https://www.curitibaantiga.com/fotos-antigas/166/cine-luz-em-1948.html>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Luz, enchente do Rio Ivo. Disponível em:<<https://www.revistaideias.com.br/2016/02/05/fora-da-cinelandia/>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

CINE Luz FCC, déc. de 2000. Disponível em: Fonte:Fundação Cultural de Curitiba. Disponível em:<<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/fundacao-cultural-quer-reativar-cine-luz/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Odeon ao lado do Edifício Heloísa, com placa do Cine Ópera. Disponível em:<<http://www.filmes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1125>>. Acesso em: 21 mar. 2021.

CINE Ópera, cartaz do filme “Pecado sem mácula”. Fonte: Acervo Casa da Memória. Disponível em:<<https://www.revistaideias.com.br/2017/05/12/david-carneiro-tambem-exibidor/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Ópera, déc. 1950. Disponível em:<<http://www.filmes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1124>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Palácio, déc. de 1950. Disponível em:<<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/onde-foram-parar-os-cinemas-de-ruas-de-curitiba-f05z94a2discrb8darahro1na/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Parisiense Disponível em:<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1093940&tit=Cinema-em-Curitiba>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Passeio, 2019. Foto: Giuliano Gomes/PRPress Disponível em:<<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/03/30/cine-passeio-resgata-cultura-dos-cinemas-de-rua-em-curitiba.ghtml>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Plaza, anos 2000. Disponível em:<<https://apps.gazetadopovo.com.br/ger-app-webservice/webservices/iframeHttps/codigo/1343>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Ritz. Disponível em:<<http://www.filmes.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1129>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Ritz FCC, déc. de 1980. Fonte:Acervo Casa da Memória. Disponível em:<<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/onde-foram-parar-os-cinemas-de-ruas-de-curitiba-f05z94a2discrb8darahro1na/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Smart, 1912. Disponível em:<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1093940&tit=Cinema-em-Curitiba>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CINE Vitória, déc. 1960. Acervo MIS -PR.

EDIFÍCIO Palácio Avenida em construção, 1928. Disponível em:<<https://br.pinterest.com/pin/628181847998061058/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ESPAÇO Valêncio Xavier, 2019. Fonte: Valdecir Galor/ SMSC. Disponível em:<<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/curitiba-retoma-tradicao-dos-cinemas-de-rua-saiba-tudo-sobre-o-cine-passeio/>> Acesso em: 20/12/2020.

INAUGURAÇÃO Cine Passeio, 2019. Fonte: Lineu Filho/ Tribuna do Paraná. Disponível em:<<https://tribunapr.uol.com.br/mais-pop/curitiba-ganha-o-cine-passeio-cinema-de-rua-com-du-as-salas-de-exibicao/>> Acesso em: 20/12/2020.

MIGNON Theatro, 1913. Disponível em:<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1093940&tit=Cinema-em-Curitiba>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

PASCHOA Segreto, 1986.

Disponível em: <[http://4.bp.blogspot.com/\\_vYTIHwL2GU8/TUMiteteJwI/AAAAAAAAABk/-D-3CcWpb-8/s1600/Paschoal+Segreto.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_vYTIHwL2GU8/TUMiteteJwI/AAAAAAAAABk/-D-3CcWpb-8/s1600/Paschoal+Segreto.jpg)>. Acesso em: 21 abr. 2021.

PRÊMIO Tribunascope, em primeiro plano Janet Leight, 13 de abril de 1964. Acervo MIS -PR.

PRÊMIO Tribunascope no Cine Vitória, 13 de abril de 1963. Da esquerda para a direita: Irma Alvarez, Vanja Orico, Jece Valadão, Anthony Perkins, Janet Leigh e Karl Malden. Acervo MIS -PR.

SALA Cine Luz, 2019. Fonte: Valcedir Galor/ SMSC. Disponível em:<<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/curitiba-retoma-tradicao-dos-cinemas-de-rua-saiba-tudo-sobre-o-cine-passeio/>> Acesso em: 20/12/2020.

SALA Cine Ritz, 2019. Fonte: Valcedir Galor/ SMSC. Disponível em:<<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/curitiba-retoma-tradicao-dos-cinemas-de-rua-saiba-tudo-sobre-o-cine-passeio/>> Acesso em: 20/12/2020.

SALA VOD, 2019. Fonte: Valcedir Galor/ SMSC. Disponível em:<<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/noticias/curitiba-retoma-tradicao-dos-cinemas-de-rua-saiba-tudo-sobre-o-cine-passeio/>> Acesso em: 20/12/2020.

TEATRO Guaíra, 1906. Fonte: Acervo Teatro Guaíra. Disponível em:<<http://www.teatroguaira.pr.gov.br/Pagina/Historico>>. Acesso em: 10 abr. 2021.

TEATRO Hauer, 1904. Disponível em:<<http://www.gazetadopovo.com.br/colunistas/conteudo.phtml?tl=1&id=1093940&tit=Cinema-em-Curitiba>>. Acesso em: 10 abr. 2021

Filme	Tempo em cartaz	Período	país	ano	sessões	sala	público	Bate papo com diretor/ Produção/ Atores
Albatroz	2 semanas	29/03 a 03/04 - 18h 04/04 a 10/04- 20: 20h	Brasil	2017	11	Ritz/Luz	129	sim
Raiva	2 semanas	28/03 a 03/04 - 15:15 04/04 a 10/04- 20: 20h	Portugal	2018	11	Ritz/Luz	107	sim
Vox Lux: o preço da fama	2 semanas	28/03 a 03/04 - 20: 15h 04/04 a 10/04- 20:20h	EUA	2018	11	Ritz	258	Não
Uma Viagem Inesperada	1 semana	29/03 a 03/04 - 15h	Brasil	2018	5	Luz	60	Não
Um banho de vida	3 semanas	29/03 a 03/04 -17: 15h 04/04 a 10/04- 14:30h 11/04 a 17/04 - 14:30h	França	2018	17	Luz/Luz/Ritz	338	Não
Happy Hour: verdades e consequenias	1 semana	29/03 a 03/04- 20h	Argentina	2018	5	Luz	79	Não
Bio- Construindo uma vida	1 semana	04/04 a 10/04- 14:15h	Brasil	2017	6	Luz	27	Não
Antônio 1 2 3	1 semana	04/04 a 10/04- 14:30h	Portugal/Brasil	2019	6	Ritz	47	Sim
Se Rua Beale falasse	2 semanas	04/04 a 10/04- 18: 30h 11/04 a 17/04 - 14:30h	EUA	2019	12	Ritz	333	Não
O tradutor	4 semanas	04/04 a 10/04- 20: 45h 11/04 a 17/04 - 18:15h 18/04 a 24/04 - 16h 24/05 a 01/05- 14h	Cuba/Canada	2019	24	Ritz/Luz/Luz/ Luz	1028	Não
Horácio	1 semana	11/04 a 17/04 - 14: 30h	Brasil	2019	6	Luz	20	Não
Minha obra prima	1 semana	11/04 a 17/04 - 16: 20h	Argentina	2018	6	Luz	87	Não
Border	3 semanas	11/04 a 17/04 - 20: 30h 18/04 a 24/04 18:15h 24/05 a 01/05- 18h	Suécia	2018	11	Luz/ Luz/Ritz	486	Não
Suspíria- A dança do Medo	3 semanas	11/04 a 17/04 - 20h 18/04 a 24/04- 20h 24/05 a 01/05- 15h	EUA	2019	19	Luz/Ritz/Ritz/ Ritz	975	Não
Mussum, um filme do cacildes	1 semana	18/04 a 24/04 - 14:30	Brasil	2019	6	Luz	37	Não



O anjo	5 semanas	18/04 a 24/04- 20:30h 24/05 a 01/05- 20:50h 02/05 a 08/05 - 20:20h 09/05 a 15/05- 18:10h 16/05 a 22/05 13:30h	Argentina	2019	30	Luz/ Luz/Luz/Luz/ Ritz	1209	Não
Suprema	1 semana	18/04 a 24/04 -15h	EUA	2019	6	Ritz	161	Não
Chuva é a contoria na aldeia dos mrtos	2 semanas	18/04 a 24/04 - 17:30h 24/05 a 01/05- 18:20h	Brasil	2019	11	Ritz/ Luz	219	Não
A cama	1 semana	24/05 a 01/05- 16:20h	Argentina/ Alemanha/ Brasil/Holanda	2018	6	Luz	135	Não
Gloria Bell	3 semanas	24/04 a 01/05- 20:40h 02/05 a 08/05 - 15:50h 21/05 a 22/05- 18:20h	EUA	2019	14	Ritz/ Luz/Luz	299	Não
Dumbo	1 semana	02/05 a 08/05 - 13:30h	EUA	2019	14	Luz	581	Não
De pernas pro ar 3	1 semana	02/05 a 08/05 - 20:30h	Brasil	2019	6	Luz	56	Não
Cafarnaum	4 semanas	02/05 a 08/05 - 13:45h 09/05 a 15/05- 18h 16/05 a 22/05 15:50h 23/08 a 29/05- 14h	Libano	2018	24	Ritz, Ritz, Ritz, Luz	815	Não
A sombra do pai	1 semana	02/05 a 08/05 - 16:15h	Brasil	2019	6	Ritz	35	Não
O mau exemplo de Cameron Post	3 semanas	02/05 a 08/05 - 18:20h 09/05 a 15/05- 14h 21/05 a 22/05- 14h	EUA	2019	14	Ritz/ Luz/Luz	292	Não
O último lance	1 semana	09/05 a 15/05- 14h	Finlândia	2018	6	Luz	68	Não
A parte do mundo que me pertence	2 semanas	09/05 a 15/05- 14:10h 21/05 a 22/05- 16:10h	Brasil	2017	8	Ritz/Luz	35	Sim
Mademoiselle Paradis	3 semanas	09/05 a 15/05- 16h 21/05 a 22/05- 20:30h 30/05 a 02/06- 16:40h	Áustria/Alemanha	2018	12	Ritz/Luz	215	Não
Cimitério Maldito	3 semanas	09/05 a 15/05- 20:40h 16/05 a 22/05 20:40h 23/05 a 29/05- 15:40h	EUA	2019	523	Ritz	625	Não

A grande dama do cinema	3 semanas	16/05 a 22/05 18:15h 23/05 a 29/05- 15: 50h 30/05 a 02/06- 14:10h	Argentina/ Espanha	2019	16	Ritz	361	Não
O gênio e o louco	2 semanas	23/05 a 29/05- 16: 30h 30/05 a 02/06- 20:20h	EUA	2019	10	Luz/Ritz	240	Não
Guerra fria	2 semanas	23/05 a 29/05- 19h 30/05 a 02/06- 21h	França/Polônia/Reino Unido	2018	10	Luz	274	Não
O Caravaggio roubado	2 semanas	23/05 a 29/05- 20: 45h 30/05 a 02/06- 18:40h	Itália	2018	10	Luz	239	Não
Inferninho	2 semanas	23/05 a 29/05- 13: 50h 30/05 a 02/06- 16:30h	Brasil	2018	10	Ritz	102	Não
Hellboy	2 semanas	23/05 a 29/05- 13: 50h 30/05 a 02/06- 14h	EUA	2019	10	Ritz	99	Não
Compra-me um revolver	1 semana	30/05 a 02/06- 18: 30h	Mexico/Colômbia	2019	4	Ritz	79	Não
Alladin	4 semanas	13/06 a 19/06- 13: 50h 20/06 a 26/06- 13:50h 27/06 a 03/07- 14h 04/07 a 10/07- 14h	EUA	2019	20	Luz/Luz/Ritz	1072	Não
Diamantino	2 semanas	13/06 a 19/06- 16: 15h 20/06 a 26/06- 16h	França/Portugal/Brasil	2018	12	Luz/Ritz	72	Não
Kardec	1 semana	13/06 a 19/06- 18:10h	Brasil	2018	6	Luz	99	Não
A lenda de golem	2 semanas	13/06 a 19/06- 20: 30h 20/06 a 26/06- 13:50h	Israel	2019	12	Luz	97	Não
Dias vazios	1 semana	13/06 a 19/06- 14h	Brasil	2018	6	Ritz	29	Sim
Histórias Estranhas	1 semana	13/06 a 19/06- 16:10h	Brasil	2018	6	Ritz	29	Não
O homen que matou Don Quixote	3 semanas	13/06 a 19/06- 17: 50h 20/06 a 26/06- 15:50h 27/06 a 03/07- 13:50h	Espanha/Bélgica/Fran ça/Portugal/ Reino Unido	2018	18	Ritz/Luz/Luz	301	Não

Rocketman	7 semanas	13/06 a 19/06- 20:20h 20/06 a 26/06- 18:20h 27/06 a 03/07- 18:15h 04/07 a 10/07- 18:10h 11/07 a 17/07- 15:50h 18/07 a 24/07- 16h 24/07 a 31/07 - 15:30h	Reino Unido	2019	42	Ritz/Luz/Luz/ Ritz/Luz/Ritz/	2318	Não
Deslembro	2 semanas	20/06 a 26/06- 20:40h	Brasil	2018	16	Luz	385	Não
Obsessão	2 semanas	20/06 a 26/06- 18:30h 27/06 a 03/07- 16:30h	EUA	2019	12	Ritz	230	Não
Dor e glória	11 semanas	20/06 a 26/06- 20:30h 27/06 a 03/07- 20:30h 04/07 a 10/07- 20:30h 11/07 a 17/07- 18:20h 18/07 a 24/07- 20:30h 24/07 a 31/07 - 18:20h 01/08 a 07/08 18:30h 08/08 a 14/08 16:30h 15/08 a 21/08 16:30h 22/08 a 28/08 20:40h 29/08 a 04/09 15:40h	Espanha	2019	66	Ritz/Ritz/Ritz/ Ritz/Luz/Luz/ Luz/Luz/Ritz/ Luz/Ritz	4033	Não
O olho e a faca	2 semanas	27/06 a 03/07- 18:40 04/07 a 10/07- 18:30h	Brasil	2016	12	Luz	70	Não
Divino amor	3 semanas	27/06 a 03/07- 18:30 04/07 a 10/07- 20:40h 11/07 a 17/07- 18:50h	Brasil	2019	18	Ritz/Luz/Luz	738	Sim
Um homen fiel	2 semanas	04/07 a 10/07- 18:50h 11/07 a 17/07- 14h	França	2019	12	Luz	233	Não
Neville D'Almeida – Cronista da Beleza e do Caos	1 semana	04/07 a 10/07- 13:50h	Brasil	2019	6	Ritz	14	Não
Toy Story 4	4 semanas	04/07 a 10/07- 16h 11/07 a 17/07- 14:10h 18/07 a 24/07- 14h	EUA	2019	20	Ritz/Ritz/Luz	1054	Não

Atentado ao hotel Taj Mahal	2 semanas	11/07 a 17/07- 20:20h 18/07 a 24/07- 18h	Austrália/Índia/EUA	2016	12	Luz	334	Não
Turma da Mônica - Laços	2 semanas	11/07 a 17/07- 16:10h 18/07 a 24/07- 14h 24/07 a 31/07 - 13:30h	Brasil	2019	20	Ritz/Ritz/Luz	1119	Não
Maya	1 semana	11/07 a 17/07- 20:30h	França	2019	6	Ritz	114	Não
Pets- A vida secretas dos bichos 2	2 semanas	18/07 a 24/07- 16:10h 24/07 a 31/07 - 13:40h	EUA	2019	14	Luz/ Ritz	476	Não
A costureira de sonhos	1 semana	18/07 a 24/07- 18:30h	Índia/França	2018	6	Ritz	184	Não
O bar luva dourada	2 semanas	18/07 a 24/07- 20:30h 24/07 a 31/07 - 20:40h	Alemanha	2019	14	Ritz	438	Não
Homen-arranha longe de casa	2 semanas	24/07 a 31/07 - 15:40h 01/08 a 07/08 13:40h	EUA	2019	12	Luz	169	Não
Teddy Bundy	3 semanas	24/07 a 31/07 - 18h 01/08 a 07/08 20:40h 08/08 a 14/08 16:20h	EUA	2019	20	Ritz	527	Não
O mistério do gato chinês	2 semanas	24/07 a 31/07 - 20:20h 01/08 a 07/08 18:10h	China	2019	12	Ritz	284	Não
No corração do mundo	2 semanas	01/08 a 07/08 16:10h 08/08 a 14/08 14h	Brasil	2019	12	Luz	109	Não
O rei leão	3 semanas	01/08 a 07/08 13:40h 08/08 a 14/08 14h 15/08 a 21/08 14:10h 22/08 a 28/08 13:50h	EUA	2019	20	Ritz/Ritz/ Ritz/Luz	653	Não
Abaixo a gravidade	1 semana	01/08 a 07/08 16h	Brasil	2019	6	Ritz	33	Não
Mulheres armadas, homens na lata	1 semana	08/08 a 14/08 18:45h	França	2019	6	Luz	77	Não
Não mexa com ela	2 semanas	08/08 a 14/08 20:30h 15/08 a 21/08 16:20h	Israel	2019	12	Luz	157	Não
Rifiki	2 semanas	08/08 a 14/08 18:30h 15/08 a 21/08 18:40h	Quênia/França/África do Sul	2018	12	Ritz	342	Não
Leste-Oeste	1 semana	08/08 a 14/08 20:20h	Brasil	2016	6	Ritz	80	Sim
Alma Imortal	2 semanas	15/08 a 21/08 14h 22/08 a 28/08 13:40h	Brasil	2019	12	Luz/Ritz	71	Não

Noite mágica	2 semanas	15/08 a 21/08 18:10h 22/08 a 28/08 18h	Italia	2018	6	Luz/Ritz	206	Não
Histórias assustadoras para contar no escuro	5 semanas	15/08 a 21/08 20:20h 22/08 a 28/08 18:20h 19/09 a 25/09 19:50h	EUA	2019	30	Ritz/Luz/Luz	1064	Não
Uma noitada não é nada	2 semanas	22/08 a 28/08 16:20h 29/08 a 04/09 16:20h	Brasil	2018	12	Luz	59	Não
Fourteen	1 semana	22/08 a 28/08 16h	EUA	2018	6	Ritz	46	Não
Três faces	2 semanas	22/08 a 28/08 20:30h	Irã	2018	11	Ritz/Luz	170	Não
Benzinho	2 semanas	29/08 a 04/09 14:10h 05/09 a 11/09 13:50h	Brasil	2017	12	Luz	72	Não
As rainhas da torcida	1 semana	29/08 a 04/09 13:50h	EUA	2019	6	Ritz	25	Não
Simonal	2 semanas	29/08 a 04/09 18h 05/09 a 11/09 14h	Brasil	2017	12	Ritz	148	Não
Bacural	14 semanas	29/08 a 04/09 20:20h 05/09 a 11/09 20:20h 12/09 a 18/09 20:20h 19/09 a 25/09 20:20h 26/09 a 02/10 18:10h 03/10 a 09/10 20:20h 10/10 a 16/10 17:50h 17/10 a 23/10 20:20h 24/10 a 30/10 17h 31/10 a 06/11 18h 07/11 a 13/11 15:30h 14/11 a 20/11 13:30h 21/11 a 27/11 14h	Brasil	2018	84	9Ritz/Luz	5970	Não
Vision	2 semanas	05/09 a 11/09 15:50h 12/09 a 18/09 14:30h	Japão/ França	2018	12	Luz	157	Não
Yesterday	4 semanas	05/09 a 11/09 18h 12/09 a 18/09 18h 19/09 a 25/09 18h 26/09 a 02/10 14h	Reino Unido	2019	24	Luz/Luz/Ritz/ Luz	859	Não
A Tabacaria	3 semanas	05/09 a 11/09 16:20h 12/09 a 18/09 15:40h 19/09 a 25/09 13:40h	Áustria/Alemanha	2018	18	Ritz	516	Não
Chicuarotes	2 semanas	05/09 a 11/09 18:20h 12/09 a 18/09 13:40h	Mexico	2019	12	Ritz	185	Não
Legalidade	2 semanas	12/09 a 18/09 17h 19/09 a 25/09 14:10h	Brasil	2019	12	Luz	185	Não

Era uma vez em Hollywood	7 semanas	12/09 a 18/09 19:40h 19/09 a 25/09 16:40h 26/09 a 02/10 16:40h 03/10 a 09/10 19:50h 10/10 a 16/10 17:30h 17/10 a 23/10 17:30h 25/10 a 30/10 20h	EUA	2019	46	6Luz/Ritz	1835	Não
Midsommar - O mal não espera a noite	3 semanas	19/09 a 25/09 19:40h 26/09 a 02/10 19:40h 03/10 a 09/10 16:50h	EUA		18	Luz	742	
Dafne	1 semana	19/09 a 25/09 16h	Italia	2018	6	Ritz	60	Não
Assunto de família	1 semana	26/09 a 02/10 13:40h	Japão	2018	6	Ritz	58	Não
Entre tempos	1 semana	26/09 a 02/10 16h	Italia	2019	6	Ritz	81	Não
Hebe:A estrela do Brasil	5 semanas	26/09 a 02/10 20:40h 03/10 a 09/10 18:10h 10/10 a 16/10 15:10h 17/10 a 23/10 15:20h 24/10 a 30/10 14:30h	Brasil	2018	29	Ritz/Ritz/Luz/ Luz/Luz	792	Não
Foro íntimo	2 semanas	03/10 a 09/10 13:40h 10/10 a 16/10 13:40h	Brasil	2018	11	Luz	49	Não
O clube dos canibais	1 semana	03/10 a 09/10 13:40h	Brasil	2018	8	Luz	108	Sim
O homen ideal	1 semana	03/10 a 09/10 14h	Espanha	2017	6	Ritz	85	Não
Onde quer que você esteja	1 semana	03/10 a 09/10 16h	Brasil	2018	6	Ritz	44	Não
Coringa	10 semanas	10/10 a 16/10 20:30h 17/10 a 23/10 20:30h 24/10 a 30/10 15:30h 31/10 a 06/11 20:30h 07/10 a 13/10 13:50h 14/11 a 20/11 16:20h 21/11 a 27/11 16:30h 28/11 a 04/12 13:40h 06/02 a 12/02 18h 13/02 a 19/02 15:30h	EUA	2019	60	2Luz/2Ritz/Luz	3401	Não
Abominável	2 semanas	10/10 a 16/10 13:50h 17/10 a 23/10 13:30h	EUA	2019	13	Ritz/Luz	156	Não
Greta	2 semanas	10/10 a 16/10 15:50h 17/10 a 23/10 14h	Brasil	2019	11	Ritz	100	Não
Ad star: Rumo as estrelas	2 semanas	10/10 a 16/10 20:20h 17/10 a 23/10 17:50h	Brasil	2019	14	Ritz	315	Não
Meu nome é Daniel	2 semana	17/10 a 23/10 16h 24/10 a 30/10 13:40h	Brasil	2018	12	Ritz	66	Sim

O enigma da Rosa	2 semanas	24/10 a 30/10 20h 31/10 a 06/11 14:40h	Espanha	2019	9	Luz/Ritz	73	Não
Alex câmera 10	2 semanas	24/10 a 30/10 15:30h 31/10 a 06/11 14:20h	Brasil	2018	12	Ritz	51	Não
A odisseia dos tontos	4 semanas	31/10 a 06/11 16:20h 07/11 a 13/11 18h 14/11 a 20/11 13:20h 21/11 a 27/11 13h	Argentina/Espanha	2019	24	2Luz/2Ritz	957	Não
A cidade dos Piratas	2 semanas	31/10 a 06/11 18:40h 07/11 a 13/11 13:40h 14/11 a 20/11 19h	Brasil	2019	13	2Luz/Ritz	211	Sim
Espírito de contradição	2 semanas	31/10 a 06/11 16:30h 07/11 a 13/11 13:50h	Brasil	2019	12	Ritz/Luz	156	Sim
Downtown Abbey	2 semanas	07/11 a 13/11 13:50h 14/11 a 20/11 13h	Reino Unido	2019	12	Luz/Ritz	470	Não
Doutor Sono	2 semanas	07/11 a 13/11 20h 14/11 a 20/11 17:40h	EUA	2019	12	Luz/Ritz	530	Não
Parasita	18 semanas	07/11 a 13/11 20:20h 14/11 a 20/11 20:30h 21/11 a 27/11 17:30h 28/11 a 04/12 17:30h 05/12 a 11/12 15:10h 19/12 a 22/12 17:30h 26/12 a 29/12 18h 02/01 a 08/01 13:20h 09/01 a 15/01 13:10h 16/01 a 22/01 13:20h 23/01 a 29/01 13:20h 30/01 a 05/02 13:20h 06/02 a 12/02 13h 13/02 a 19/02 20:10h 20/02 a 06/02 20:20h 27/02 a 04/03 16h 05/02 a 11/03 13:40h 12/03 a 18/03 13:30h	Coreia do Sul	2019	98	4Ritz/2Luz/8Ritz/6Luz/Ritz/LUZ	5821	Não
O irlandês	3 semanas	14/11 a 20/11 19h 21/11 a 27/11 19h 28/11 a 04/12 16h	EUA	2019	18	Luz	982	Não
A grande mentira	2 semanas	21/11 a 27/11 15:20h 28/11 a 04/12 13:30h	Reino Unido	2019	12	Luz	145	Não

A vida invisível	11 semanas	21/11 a 27/11 20h 28/11 a 04/12 20h 05/12 a 11/12 20:20h 12/12 a 18/12 20:10h 19/12 a 22/12 20h 26/12 a 29/12 20h 02/01 a 08/01 18h 09/01 a 15/01 15:40h 16/01 a 22/01 15:40h 23/01 a 29/01 16h	Brasil	2019	56	4Ritz/Luz	3735	Sim
Um dia de chuva em Nova York	2 semanas	28/11 a 04/12 15:40h 05/12 a 11/12 14h	EUA	2019	12	Ritz/Luz	317	Não
A camareira	2 semanas	05/12 a 11/12 16h 12/12 a 18/12 14h	México	2018	12	Luz	201	Não
Dois papas	3 semanas	05/12 a 11/12 20:30h 12/12 a 18/12 18h 19/12 a 22/12 15:30h	Reino Unido/Ítalia/Argentina /EUA	2019	16	2Luz/Ritz	568	Não
Matrix	1 semana	05/12 a 11/12 13h	EUA	1999	6	Ritz	143	Não
Ainda temos a imensidão da noite	2 semanas	05/12 a 11/12 15:30h 12/12 a 18/12 13:10h	Brasil/Alemanha	2019	12	Ritz	87	Sim
O juízo	2 semanas	05/12 a 11/12 18h 12/12 a 18/12 16h	Brasil	2016	12	Ritz/Luz	148	Não
Synonymes	3 semanas	12/12 a 18/12 20:20h 19/12 a 22/12 20:30h 26/12 a 29/12 15:30h	França/Israel/Alemanhã	2019	16	Luz	395	Não
Entre facas e segredos	6 semanas	12/12 a 18/12 17:40h 19/12 a 22/12 18h 26/12 a 29/12 17:30h 02/01 a 08/01 15:50h 09/01 a 15/01 15:40h 16/01 a 22/01 13:10h	EUA	2019	34	2Ritz/3Luz/Ritz	2056	Não
Fernando	2 semanas	19/12 a 22/12 14h 26/12 a 29/12 14h	Brasil	2017	10	Luz	22	Não
Playmobil: O filme	3 semanas	19/12 a 22/12 15:40h 26/12 a 29/12 15:40h 02/01 a 08/01 13:30h	França/Alemanha/EUA	2018	14	Luz	483	Não
E então nós dançamos	2 semanas	19/12 a 22/12 13:20h 26/12 a 29/12 13:20h	Suécia/Geórgia/França	2019	8	Ritz	103	Não
O ultimo amor de casa nova	2 semanas	26/12 a 29/12 20:30h 02/01 a 08/01 18:30h	França	2019	10	Ritz	196	Não
Star Wars: A ascensão Skywalker	2 semanas	02/01 a 08/01 15:20h 09/01 a 15/01 13h	EUA	2019	14	Luz	366	Não



O Farol	7 semanas	02/01 a 08/01 20:40h 09/01 a 15/01 18:20h 16/01 a 22/01 15:50h 23/01 a 29/01 15:50h 30/01 a 05/02 16:30h 06/02 a 12/02 16h 13/02 a 19/02 16h	Canadá/EUA	2019	42	5Luz/ Ritz	2443	Não
O caso de Richard Jewell	3 semanas	02/01 a 08/01 20:30h 09/01 a 15/01 18:10h 23/01 a 29/01 13:30h	EUA	2019	18	Ritz	702	Não
Retrato de uma jovem em chamas	4 semanas	09/01 a 15/01 20:30h 16/01 a 22/01 18:20h 23/01 a 29/01 20:20h 30/01 a 05/02 15:50h	França	2019	24	2Luz/Ritz/Luz	1377	Não
Kursk:A última missão	1 semana	09/01 a 15/01 20:40h	Bélgica/França/Noruega	2019	6	Ritz	122	Não
O escândalo	3 semanas	16/01 a 22/01 20:40h 23/01 a 29/01 13:20h 30/01 a 05/02 14:20h	Canadá/EUA	2019	18	2Ritz/Luz	648	Não
A divisão	1 semana	23/01 a 29/01 20:10h	Brasil	2019	6	Luz	36	Não
O filme de Bruno Aleixo	1 semana	23/01 a 29/01 18:40h	Portugal	2019	6	Ritz	166	Não
Adoráveis Mulheres	5 semanas	30/01 a 05/02 18:10h 06/02 a 12/02 15:30h 13/02 a 19/02 13:20h 20/02 a 06/02 13:20h 27/02 a 04/03 13:40h	EUA	2019	30	2Luz/Ritz	1550	Não
1917	7 semanas	30/01 a 05/02 20:30h 06/02 a 12/02 20:20h 06/02 a 12/02 16h 20/02 a 06/02 16:40h 13/02 a 19/02 17:50h 20/02 a 06/02 16:40h 27/02 a 04/03 18h 05/02 a 11/03 16:20h	Reuno Unido/EUA	2019	36	6Luz/Ritz	2076	Não
Com amor Van Gogh: O sonhos impossível	2 semanas	30/01 a 05/02 13h 06/02 a 12/02 12:50h	Polônia	2019		Ritz	131	Não
Áçucar	2 semanas	30/01 a 05/02 18:40h 06/02 a 12/02 14:10h	Brasil	2017	12	Ritz	143	Não
Judy: Muito além do arco-íris	4 semanas	30/01 a 05/02 20:40h 06/02 a 12/02 18:10h 13/02 a 19/02 20:20h 20/02 a 06/02 18h	Reino Unido	2019	24	Ritz	972	Não

Aves de rapina – Arlequina e sua emancipação fantabulosa	3 semanas	06/02 a 12/02 20:30h 13/02 a 19/02 18:10h 20/02 a 06/02 15:50h	EUA	2020	18	Ritz	704	Não
Adoniran, meu nome é João Rubinato	2 semana	13/02 a 19/02 13:30h 20/02 a 06/02 13h	Brasil	2012	12	Luz	158	Não
Dilili em Paris	1 semana	20/02 a 06/02 14:50h	França	2018	6	Luz	135	
As invisíveis	2 semanas	20/02 a 06/02 19h 27/02 a 04/03 14h	França	2019	12	Luz	369	Não
De quem é esse sutiã?	2 semanas	20/02 a 06/02 21h 27/02 a 04/03 16:10h	Alemanha	2018	12	Ritz	284	Não
Jovens Polacas	2 semanas	27/02 a 04/03 18:30h 05/02 a 11/03 13:30h	Brasil	2019	12	Luz	219	Não
Jojo Rabbit	3 semanas	27/02 a 04/03 20:20h 05/02 a 11/03 18h 12/03 a 18/03 13:20h	Alemanha/EUA	2019	16	2Luz/Ritz	779	Não
Martin Eden	2 semanas	27/02 a 04/03 20:20h 05/02 a 11/03 15:30h	Italia/França/Alemanha	2019	12	Ritz	304	Não
Meio-irmão	1 semana	05/02 a 11/03 18:40h	Brasil	2019	6	Ritz	56	Não
Você não estava aqui	2 semanas	05/02 a 11/03 20:40h 12/03 a 18/03 16h	Reino Unido/ Bélgica/França	2019	10	Ritz/Luz	390	Não
Luta por justiça	1 semana	12/03 a 18/03 18h	EUA	2019	4	Luz	64	Não
Nóis por nós	1 semana	12/03 a 18/03 20:40h	Brasil	2019	4	Luz	122	Não
Technoboss	1 semana	12/03 a 18/03 15:30h	Portugal	2019	4	Ritz	33	Não
Disfória	1 semana	12/03 a 18/03 17:50h	Brasil	2020	4	Ritz	41	Sim
					2709		75885	